# Entre Lápides e Jazigos: A História de Campo Grande no Cemitério Santo Antônio

## Introdução

### 1. O Cemitério Santo Antônio como memória viva de Campo Grande

O projeto “Entre Lápides e Jazigos: A História de Campo Grande no Cemitério Santo Antônio” parte da compreensão de que o Cemitério Santo Antônio é muito mais do que um espaço de sepultamento. Ele é um lugar de memória, um registro material da história da cidade e um importante patrimônio cultural de Campo Grande.

Desde o final do século XIX, a trajetória do cemitério acompanha o próprio crescimento urbano do município. Suas mudanças de localização ao longo do tempo; inicialmente instalado na área onde hoje se encontra a Praça Ary Coelho, depois transferido para o Bairro Amambaí e, por fim, estabelecido definitivamente na atual Avenida Calógeras no início do século XX; revelam transformações sociais, sanitárias e administrativas que marcaram o processo de modernização da cidade.

Ao observar suas lápides, jazigos e monumentos, é possível identificar marcas da organização social de cada época. Os túmulos registram nomes, datas, símbolos religiosos e elementos artísticos que ajudam a compreender como a sociedade campograndense lidava com a morte, a memória e o pertencimento familiar. O cemitério, nesse sentido, funciona como um verdadeiro arquivo a céu aberto, onde a história da cidade está inscrita na pedra, no mármore e nas esculturas.

A arte cemiterial presente no Santo Antônio por meio de esculturas, ornamentos e representações religiosas também revela valores culturais e estéticos de diferentes períodos históricos. Esses elementos não apenas expressam fé e devoção, mas também indicam distinções sociais e formas de

afirmação de identidade. Assim, o espaço funerário se transforma em um território simbólico que dialoga com a história urbana e com a construção da memória coletiva.

Ao integrar a cidade dos vivos e a cidade dos mortos, o Cemitério Santo Antônio permite compreender mudanças políticas, culturais e sociais que moldaram Campo Grande ao longo do tempo. Por isso, este projeto propõe a elaboração de um inventário cemiterial que reconheça o valor histórico, artístico e patrimonial desse espaço, contribuindo para sua valorização, preservação e difusão cultural.

Mais do que registrar túmulos, este trabalho busca revelar histórias, identidades e trajetórias que ajudam a compreender a formação da cidade. Ao olhar para o cemitério, olhamos também para a própria história de Campo Grande.

## 2 Fundamentação Histórica

### 2.1 A morte e os cemitérios na cultura ocidental

A forma como as sociedades lidam com a morte revela muito sobre seus valores, crenças e formas de organização social. Na cultura ocidental, os espaços destinados aos mortos passaram por profundas transformações ao longo dos séculos, acompanhando mudanças religiosas, sanitárias, políticas e urbanas.

Durante a Idade Média e parte da Idade Moderna, os sepultamentos ocorriam, em sua maioria, no interior das igrejas ou em seus adros. A proximidade com o espaço sagrado simbolizava proteção espiritual e reforçava a centralidade da Igreja na organização da vida social. A morte era pública e coletiva, integrada ao cotidiano das cidades, e os rituais funerários expressavam hierarquias sociais bem definidas: quanto maior o prestígio, mais próximo do altar era o sepultamento.

A partir do final do século XVIII, sobretudo na Europa, reformas sanitárias passaram a questionar os enterramentos em áreas centrais e dentro das

igrejas. O crescimento das cidades e o avanço das preocupações higienistas levaram à criação de cemitérios afastados do núcleo urbano. Surge, então, o modelo moderno de cemitério planejado: murado, organizado em quadras e submetido à regulamentação do poder público. Esse processo marca a transição da gestão religiosa para a administração civil dos espaços funerários.

No século XIX, os cemitérios consolidados fora do espaço eclesiástico tornam-se parte do planejamento urbano. Ao mesmo tempo, passam a expressar valores ligados à família, à memória e à distinção social. A monumentalidade dos jazigos, o uso de mármore e esculturas, e a adoção de símbolos religiosos e alegóricos evidenciam que o espaço funerário se transforma também em espaço artístico e representativo. A chamada arte cemiterial emerge como linguagem visual que comunica fé, dor, esperança e pertencimento.

No contexto ocidental moderno, o cemitério deixa de ser apenas lugar de sepultamento para tornar-se espaço de memória coletiva. As lápides registram nomes, datas, trajetórias familiares e marcas identitárias, funcionando como documentos históricos. Ao mesmo tempo, refletem transformações culturais: a secularização do Estado, a institucionalização das práticas funerárias e a incorporação de critérios sanitários e urbanísticos.

No Brasil, essas mudanças acompanham o processo de modernização do século XIX e a consolidação da República, quando a administração dos cemitérios passa gradativamente à responsabilidade municipal. A organização dos espaços funerários, a criação de códigos de postura e a regulamentação das práticas de sepultamento integram o esforço de construção de cidades modernas e ordenadas.

Compreender essa trajetória histórica é fundamental para a leitura do Cemitério Santo Antônio. Ele não é um caso isolado, mas parte de um processo mais amplo que envolve a transformação da relação entre sociedade, cidade e morte. Assim, ao analisar o espaço cemiterial em Campo Grande, insere-se o estudo em um panorama maior da cultura ocidental, reconhecendo o cemitério

como espaço urbano, documento histórico e patrimônio cultural.

## 2.2 A formação de Campo Grande

A formação de Campo Grande teve início na década de 1870, a partir da fixação de famílias provenientes principalmente de Minas Gerais e São Paulo, sob a liderança de José Antônio Pereira. O núcleo inicial organizou-se em torno da antiga Igreja de Santo Antônio, configurando um arraial marcado por forte presença da religiosidade católica e por uma estrutura urbana ainda rudimentar.

Nos primeiros anos, a ocupação do território ocorreu de forma espontânea, acompanhando as necessidades práticas da população. A economia baseava-se, sobretudo na criação de bovinos, atividade predominante na região sul do então Estado de Mato Grosso. A organização do espaço urbano refletia essa dinâmica rural: ruas pouco definidas, edificações simples e ausência de planejamento formal.

A elevação do arraial à condição de município, em 1902, e a instalação da Câmara Municipal em 1905 representaram marcos importantes no processo de institucionalização administrativa. A partir desse momento, normas urbanas passaram a ser regulamentada por meio do Código de Posturas, que estabelecia regras para higiene pública, organização de mercados, matadouros e cemitérios.

Dois acontecimentos foram decisivos para a consolidação urbana de Campo Grande no início do século XX: a chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (EFNOB), em 1914, e a instalação dos quartéis do Exército na década de 1920. A ferrovia integrou o município a outras regiões do país, especialmente a São Paulo, fortalecendo sua economia e ampliando sua importância estratégica. A presença militar, por sua vez, contribuiu para a difusão de ideais de modernização e organização urbana.

Nesse contexto de crescimento populacional e transformação econômica, a cidade passou a redefinir seus espaços públicos, incluindo os destinados aos enterramentos.

## 2.3 A implantação dos cemitérios

O primeiro cemitério de Campo Grande foi implantado por volta de 1872, simultaneamente à fundação do povoado. Localizava-se na área correspondente à atual Praça Ary Coelho, então região central do arraial. Sua proximidade com a igreja e com as residências demonstra que, naquele momento, o espaço dos mortos estava integrado ao cotidiano da comunidade. Foram 15 anos nesse endereço.

Relatos da década de 1880 indicam que o cemitério apresentava estrutura precária, cercado por madeira e com uma cruz simples na entrada. A ausência de muros e de organização adequada refletia tanto a limitação de recursos quanto a fragilidade administrativa do povoado.

Com a expansão urbana em direção ao norte, em 1887, a comunidade decidiu transferir o cemitério para uma área mais afastada, nos altos da atual Avenida Bandeirantes, onde hoje se encontram o SESI e a Casa da Indústria de Mato Grosso do Sul. A mudança buscava afastar o campo santo do centro habitado e atender, ainda que de forma incipiente, às preocupações sanitárias emergentes no final do século XIX.

Apesar da transferência, o novo local também apresentou problemas estruturais e não recebeu melhorias significativas. O cemitério continuou em condições precárias e não há registros detalhados sobre a completa transferência dos restos mortais do antigo campo santo.

A secularização administrativa dos cemitérios ocorreu gradualmente. Embora o espaço fosse de propriedade civil, sua utilização dependia da bênção da Igreja Católica. Apenas com o Código de Posturas de 1905 o cemitério passou oficialmente à administração municipal, inserindo-se no conjunto de serviços públicos regulamentados pelo poder local.

## 2.4 A consolidação do Cemitério Santo Antônio (c. 1872–1960)

Entre os anos de 1913 e 1914, a Câmara Municipal aprovou a

transferência definitiva do cemitério Santo Antônio para uma área desmembrada que naquele tempo ainda era a Fazenda Bandeira, na então Rua Santo Antônio, atual Avenida Calógeras. Hoje, fica no quadrilátero formado pela Rua 13 de Maio e as avenidas Calógeras, Eduardo Elias Zahran e Consolação. O terreno foi doado por Amando de Oliveira, que se tornou o primeiro sepultado no novo local.

A nova localização situava-se, à época, a aproximadamente dois quilômetros do centro urbano, demonstrando a intenção de adequar o espaço funerário aos princípios higienistas que orientavam a organização das cidades brasileiras no início do século XX.

Entretanto, a consolidação estrutural foi lenta. Relatórios administrativos da década de 1910 apontavam a necessidade de construção de muro perimetral e melhorias na organização interna. A ausência de cercamento contrariava tanto normas eclesiásticas quanto recomendações sanitárias, pois expunha o espaço a animais e possíveis profanações.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, o cemitério passou a refletir transformações sociais da cidade. A construção de jazigos monumentais tornou-se uma das principais formas de afirmação de *status* social. Túmulos em mármore, esculturas religiosas e mausoléus familiares indicavam distinções econômicas e simbólicas, transformando a necrópole em espaço de representação social.

Assim, o Cemitério Santo Antônio deixou de ser apenas local de enterramento para tornar-se espaço de memória coletiva, reunindo figuras políticas, econômicas e culturais que participaram da formação do município.

## 2.5 Transformações urbanas e funerárias

A partir da década de 1930, com o crescimento da malha urbana, o cemitério passou a ser progressivamente incorporado à área central da cidade. O prolongamento de vias importantes, como a Avenida Calógeras e a Rua 14 de

Julho, ampliou o acesso ao local.

O Decreto estadual nº 47, de 1936, regulamentou o funcionamento dos cemitérios em todo o Estado de Mato Grosso, estabelecendo normas administrativas e sanitárias mais detalhadas. Mesmo assim, melhorias estruturais continuaram sendo solicitadas nas décadas seguintes, como construção de banheiros, instalação de rede de água e ampliação da área.

Na década de 1960, o processo de planejamento urbano foi intensificado durante a gestão do prefeito Wilson Barbosa Martins, com a criação do Conselho Municipal de Planejamento e Urbanização e a elaboração de estudos para Plano Diretor, Código de Obras e legislação de loteamentos. Nesse contexto, o Decreto nº 1321, de 1961, criou oficialmente um novo cemitério municipal e atribuiu ao antigo à denominação de Santo Antônio.

A criação dos cemitérios Cruzeiro (1960) e Santo Amaro (1961) reduziu a função do Santo Antônio como único espaço de enterramento da cidade. Posteriormente, a partir das décadas de 1970 a 1990, surgiram cemitérios privados no modelo parque, caracterizados por estética mais horizontal e menor monumentalidade.

Mesmo com a diminuição de novos sepultamentos, o Cemitério Santo Antônio consolidou-se como patrimônio cultural. Sua trajetória evidencia as mudanças na organização urbana, nas políticas públicas e nas representações sociais da morte em Campo Grande.

Desse modo, o espaço cemiterial constitui importante documento histórico, permitindo compreender a formação urbana do município, as transformações administrativas e as permanências simbólicas que articulam vida, morte e memória na cidade.

## 3. O Cemitério Santo Antônio como Documento Urbano

O cemitério Santo Antônio constitui-se como um arquivo a céu aberto das transformações políticas, sociais e legislativas de Campo Grande. “A cidade dos

mortos espelha a cidade dos vidos", traduzindo em seu espaço grande parte dos processos de modernização e urbanização de uma sociedade.

### 3.1 Organização espacial

A organização espacial do Cemitério Santo Antônio e sua própria localização geográfica atual são frutos diretos dos debates higienistas que ganharam força no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Inicialmente, o primeiro campo de enterramento do Arraial de Santo Antônio de Campo Grande, cujos primeiros registros de fixação humana datam de 1872, localizava-se na atual Praça Ary Coelho, no coração do povoado. Porém, a proximidade dos corpos em decomposição com o núcleo habitado passou a ser vista como uma ameaça à salubridade pública devido à teoria miasmática, que associava a propagação de doenças às exalações pútridas resultantes do apodrecimento.

Diante do crescimento da malha urbana e da necessidade de modernização, o cemitério sofreu sucessivas transferências de local por questões sanitárias. Em 1887, impulsionada pelo crescimento da vila para o norte, a comunidade transferiu o campo santo para o Bairro Amambaí (atual área do SESI e Casa da Indústria). O avanço vertiginoso da cidade, promovido em grande parte pela chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, exigiu uma nova intervenção urbana. Entre 1913 e 1914, a necrópole foi transferida definitivamente para a antiga Fazenda Bandeira, no final da atual Avenida Calógeras, um local outrora ermo, reafirmando o princípio de afastar os mortos do convívio dos vivos para não entravar o progresso.

Esse movimento espacial coincidiu com o processo de secularização e a afirmação do controle do poder público sobre a gestão da morte. Com a Proclamação da República e o Decreto nº 789 de 1890, que instituiu a secularização dos cemitérios, os campos santos passaram à jurisdição civil, rompendo com o monopólio católico. O Código de Posturas da Vila de Campo Grande, de 1905, inspirado no código da cidade portuária de Corumbá,

consolidou a administração municipal sobre o espaço, impondo normas rígidas e laicas. O poder público determinou, de forma categórica, que "Todo cadáver deverá ser enterrado de modo que fica pelo menos seis palmos abaixo da superfície da terra não podendo ser enterrado mais de um cadáver em cada cova" (Campo Grande, 1905). Essa regulamentação atesta o esforço de civilidade e de controle epidêmico imposto pelo Estado.

Internamente, a segregação social refletiu-se de maneira contundente na divisão do arruamento e na localização dos jazigos. A malha da necrópole reproduziu a lógica excludente da cidade dos vivos, loteando as avenidas centrais e as quadras de destaque para as elites agrárias, políticas e comerciais.

O esgotamento do Santo Antônio para as inumações das classes populares levou, na década de 1960, à criação dos cemitérios do Cruzeiro e de Santo Amaro, consolidando definitivamente o Santo Antônio como um espaço de memória elitizado e monumental.

### 3.2 Tipologias tumulares

A evolução arquitetônica no Cemitério Santo Antônio documenta o trânsito de uma sociedade de fronteira, rústica e agrária, para um centro urbano complexo e em franco desenvolvimento capitalista.

Os primeiros sepultamentos no povoado, bem como as sepulturas mais humildes que resistiram ao tempo, eram caracterizadas por covas simples demarcadas por cruzes de madeira, uma tipologia efêmera que atestava a precariedade material e a proximidade com práticas funerárias mais rudimentares e caboclas. Como observa Reis (2004, p. 149) em sua análise das práticas fúnebres brasileiras, "as covas comuns representavam a forma mais primitiva em cemitérios".

Com o enriquecimento advindo da pecuária e do comércio local, a elite campo-grandense passou a demandar uma representação póstuma condizente com seu capital econômico. A paisagem cemiterial foi então tomada por obeliscos, símbolos egípcios e neoclássicos de elevação espiritual e poderio contínuo, e

imponentes capelas e mausoléus familiares. Essas edificações funcionavam como "casas da eternidade", ostentando frontões, vitrais e colunas, projetadas para abrigar múltiplas gerações da mesma linhagem e reafirmar a coesão do núcleo patriarcal. Sobre esta característica monumental da região, Valladares (1972, p. 1128) assevera que "de Uberlândia a Campo Grande a arte tumulária é genuína e regional, trazendo também em si a constituição da sociedade patriarcal dos primeiros sertanistas que a transmitiram aos seus descendentes".

Além das tipologias ocidentais dominantes, a necrópole abriga singulares jazigos de imigrantes com arquitetura oriental. A comunidade japonesa, fundamental no desenvolvimento do Mato Grosso do Sul, adaptou de forma ímpar o espaço cemiterial às suas tradições. Esses túmulos distinguem-se por suas estelas verticais e linhas horizontais precisas em granito escuro, incorporando pórticos e espaços delineados para oferendas que mimetizam a estética asiática. Forma-se, assim, uma ilha de referência oriental no seio de um cemitério originalmente planejado nos moldes judaico-cristãos, evidenciando a pluralidade construtiva da cidade.

## 3.3. Arte cemiterial e simbologia

O cemitério, quando analisado sob a ótica da sociologia e da história da arte, funciona como um imenso arquivo de afetos, de luto e de afirmação de capital social.

### 3.3.1 Esculturas em mármore carrara e a estatuária de Lélio Coluccini

O uso de esculturas em mármore carrara importadas constituiu, na virada do século XIX para o XX, o ápice da ostentação fúnebre. O material nobre extraído das pedreiras italianas na região da Toscana, imaculadamente branco, exigia altos investimentos, frequentemente trazido de ateliês paulistas ou italianos. Nesse circuito, destaca-se o escultor italiano Lélio Coluccini, formado no *Istituto d'Arte Stagio Stagi* em Pietrasanta (Itália) e radicado em Campinas (SP),

Coluccini criou monumentos fúnebres autorais em mármore e bronze alinhados ao *art déco* e ao modernismo. Suas esculturas eram encomendadas pelas famílias abastadas de Campo Grande, onde ter um monumento em Carrara significava pertencer à elite que detinha o poder na cidade, transformando o luto privado em um simbolo de refinamento cultural.

| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | ESCULTURA LELIO COLUCCINI 1 |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | ESTILO ECLÉTICO/NEOCLÁSSICO |
| | **DESCRIÇÃO** | ESTRUTURA EM FORMA DE EDÍCULA EM PEDRA ESCURA POLIDA QUE EMOLDURA UMA ESTÁTUA DA VIRGEM MARIA EM MÁRMORE BRANCO. O CONTRASTE DE MATERIAIS DESTACA A FIGURA SACRA, CONFERINDO-LHE FORTE APELO DEVOCIONAL E PROTEÇÃO MATERNAL. |

| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | ESCULTURA LELIO COLUCCINI 2 |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | ESTILO ECLÉTICO |
| | **DESCRIÇÃO** | PEDESTAL CLÁSSICO LADEADO POR UMA COLUNA TRUNCADA, QUE NA SIMBOLOGIA FÚNEBRE ROMÂNTICA REPRESENTA UMA VIDA INTERROMPIDA PRECOCEMENTE. A ESTATUÁRIA DE VULTO EM MÁRMORE REFORÇA A TRADIÇÃO ERUDITA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX. |

| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | ESCULTURA (SAGRADO CORAÇÃO) |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | CLÁSSICO |
| | **DESCRIÇÃO** | REPRESENTAÇÃO DE JESUS CRISTO ENCIMANDO O JAZIGO, POSICIONADO À FRENTE DE UMA CRUZ MACIÇA. O TRABALHO MINUCIOSO NAS PREGAS DAS VESTES (DRAPEADO) APONTA PARA PRODUÇÃO ESCULTÓRICA ESPECIALIZADA, GARANTINDO A MONUMENTALIDADE DA OBRA. |

| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | ESCULTURA RAPHAEL GALVEZ |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO/EXPRESSIONISTA |
| | **DESCRIÇÃO** | EXECUTADA EM BRONZE, AFASTA-SE DO RIGOR CLÁSSICO E APRESENTA UMA FIGURA FEMININA ALONGADA, DE TRAÇOS ESTILIZADOS E FLUIDOS. A LEVEZA DAS FORMAS E O PANEJAMENTO ESVOAÇANTE DENOTAM ASCENSÃO ESPIRITUAL, ROMPENDO COM O PESO VISUAL DA CANTARIA TRADICIONAL. |

| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | MÁRMORE CARRARA |
| | **DESCRIÇÃO** | FARTAMENTE IMPORTADO PARA A EXECUÇÃO DE ESTATUÁRIAS QUE PERMITE ELEVADO DETALHAMENTO. MUITO VULNERÁVEL AO DESGASTE BIOLÓGICO E AMBIENTAL, ADQUIRINDO A CARACTERÍSTICA PÁTINA DO TEMPO. |

### 3.3.2. Simbologia dos anjos e a “morte menina”

A simbologia dos anjos dominou a estatuária do período. Os anjos exerciam o papel de intercessores entre o mundo terreno e o divino, velando o sono eterno e

expressando a dor dos que ficaram. Segundo as práticas de piedade analisadas no período, as representações angelicais em túmulos infantis ganhavam especial relevo, sendo comumente ornados com os tradicionais anjos (Souza, 2010), pois a tradição apontava para a chamada "morte menina", uma positivação do óbito infantil em que a criança pura ascendia diretamente ao céu.

| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | ANJOS |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | CLASSICO |
| | **DESCRIÇÃO** | SÍMBOLOS DE PUREZA E INOCÊNCIA, TRADICIONALMENTE UTILIZADOS NA DEMARCAÇÃO DE SEPULTURAS DE CRIANÇAS (ANJINHOS). NA HIERARQUIA CELESTIAL DA ARTE CEMITERIAL, ATUAM COMO MENSAGEIROS, GUARDIÕES E GUIAS DAS ALMAS INFANTIS. |

### 3.3.3. Tumulos pré-moldados

Com o avanço do século XX, observou-se a popularização com túmulos pré-moldados. A industrialização da morte permitiu que as classes médias também tivessem acesso à estética funerária. Marmorarias passaram a produzir em série placas, colunas e alegorias em cimento armado ou granito bruto, democratizando o acesso ao monumento e atenuando, em certa medida, as extremas diferenças de outrora, embora com perda da exclusividade do traço artesanal.

### 3.3.4. Simbologismo da Pinha

No campo da ornamentação de detalhes, o simbolismo da Pinha marcou presença constante nos jazigos. Elemento clássico resgatado pela arquitetura eclética e neoclássica, a pinha adornando vértices e portões simboliza a fecundidade, o ápice da iluminação espiritual e a imortalidade da alma que resiste às intempéries do tempo.

| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | PINHAS |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | CLASSICO |
| | **DESCRIÇÃO** | HERDADO DA ANTIGUIDADE GRECO-ROMANA. POR PERTENCER AO PINHEIRO (ÁRVORE PERENE QUE NÃO PERDE AS AGULHAS NO INVERNO), A PINHA COROANDO O JAZIGO REPRESENTA A IMORTALIDADE, A FORÇA VITAL, A REGENERAÇÃO E A ETERNIDADE DA ALMA. |

### 3.3.5. "Pinheiros melancólicos" e a pedagogia cívico-sanitarista

No âmbito da transição para a ordem republicana e da consolidação dos ideais positivistas no Brasil, a reorganização dos cemitérios públicos fundamentou-se em uma rigorosa pedagogia cívico-sanitarista. Amparado pelo discurso higienista do século XIX, o poder municipal passou a disciplinar a "cidade dos mortos" por meio do Código de Posturas promulgado em Campo Grande no ano de 1905, com o objetivo de neutralizar a proliferação de miasmas, coibir as inumações no interior das igrejas e impor normas estritas de salubridade, ordem e individualização dos sepultamentos.

Além das exigências profiláticas, essa reforma se propos a reinterpretar o culto aos mortos: a tradicional devoção católica e a pedagogia do medo deveriam ceder lugar à celebração do civismo, da cidadania e da memória laica. É nesse contexto que se insere a alegoria dos "pinheiros melancólicos", idealizados para ornamentar o "túmulo dos benfeitores da Pátria". A vegetação e a arborização do espaço cemiterial assumiam funções do ponto de vista sanitário, de atuar na purificação do ar contra os ares fétidos da decomposição; do ponto de vista pedagógico e moral, conferiam uma atmosfera de sobriedade e contenção, convertendo o cemitério-modelo em um espaço de doutrinação

republicana voltado à exaltação das virtudes cívicas e dos heróis da nação.

| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | PINHEIROS |
| | **DESCRIÇÃO** | ELEMENTO FUNDAMENTAL DO PAISAGISMO FÚNEBRE. COM A SUA VERTICALIDADE MARCANTE, APONTAM METAFORICAMENTE PARA O CÉU (ELEVAÇÃO E LIGAÇÃO ENTRE O MUNDO TERRENO E O ESPIRITUAL). A FOLHAGEM PERENE É O SÍMBOLO SUPREMO DA MEMÓRIA QUE NÃO MURCHA E DA VIDA ETERNA. |

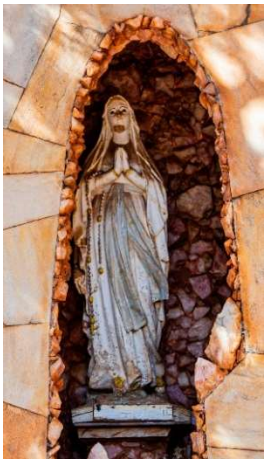
### 3.3.6. O Cruzeiro

Em posição central na necrópole, o Cruzeiro (Cruz das Almas) funciona como o polo de devoção popular. É o local onde os fiéis acendem velas e fazem preces por entes queridos sepultados em outros cemitérios ou cidades, além de preces pelas "almas esquecidas", subvertendo a lógica da propriedade privada das capelas particulares.

| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | CRUZEIRO |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO/ CONTEMPORANEO |
| | **DESCRIÇÃO** | POLO ESPIRITUAL E ARQUITETÔNICO DE DEVOÇÃO COLETIVA. MONUMENTO MODERNO DE LINHAS CURVAS E LIMPAS QUE REPRESENTA A SÍNTESE DA FÉ CRISTÃ. É O ESPAÇO ECUMÊNICO DESTINADO ÀS ORAÇÕES E ACENDIMENTO DE VELAS PARA AS 'ALMAS ESQUECIDAS' OU ENTES SEPULTADOS NOUTRAS LOCALIDADES. |

### 3.3.7. A Gruta

A Gruta tem um forte apelo devocional. Reproduzindo aparições marianas (como as de Lourdes), a gruta rústica de pedras construída sobre os túmulos funciona como um nicho sagrado, um útero de proteção maternal, onde a imagem da Virgem Maria acolhe o falecido, oferecendo um conforto visual calcado no mais profundo catolicismo popular.

| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | GRUTA NOSSA SENHORA DE LOURDES |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | VERNACULAR/ DEVOCIONAL |
| | **DESCRIÇÃO** | ESTRUTURA CENOGRÁFICA CONSTRUÍDA COM BLOCOS IRREGULARES DE PEDRA (APARENTEMENTE PEDRA ARDÓSIA OU BASALTO) SIMULANDO UMA GRUTA RÚSTICA PARA ABRIGAR A IMAGEM, RECRIANDO O CENÁRIO DA APARIÇÃO DE LOURDES NUM CONTEXTO POPULAR E ORGÂNICO. |

### 3.3.8. Hibridismo e Pluralidade Religiosa

A natureza laica do Cemitério Santo Antônio, imposta pela legislação republicana, transformou-o em um espaço intrinsecamente híbrido. Essa abertura permitiu a coexistência de discursos e simbologias que iam muito além do exclusivismo católico dos antigos campos santos.

O sincretismo de imigrantes japoneses com tradições Xintoístas e Budistas é um dos testemunhos mais contundentes desse hibridismo. Jazigos de famílias de origem nipônica, trazem estruturas que remetem aos altares de culto aos antepassados, contendo inscrições em ideogramas (kanji), elementos que simulam lanternas ornamentais (tōrō) e espaços pensados para a queima ritualística de incensos. Nessas sepulturas, materializa-se uma negociação cultural em que a etnicidade e a religiosidade ancestral são preservadas e celebradas em terras brasileiras, dentro de um espaço administrado nos moldes

ocidentais.

Paralelamente, a necrópole abriga a estética e o vocabulário Espírita (Kardecista). Distanciando-se do terror do inferno cristão ou da inércia do repouso eterno, a doutrina espírita compreende a morte como uma simples passagem. Em vários jazigos espíritas do cemitério, os epitáfios tradicionais são substituídos por textos que evocam a evolução contínua da alma e a reencarnação, rejeitando o fim absoluto e celebrando o trabalho espiritual no além-túmulo.

A influência do Positivismo e o culto cívico/laico em túmulos de figuras públicas moldaram de forma definitiva o percurso principal do Santo Antônio. O exemplo mais notável é o monumento a Amando de Oliveira. A municipalidade, por meio da Resolução nº 86, decretou a exaltação não do devoto religioso, mas do cidadão benemérito: "Fica o Poder Executivo autorizado à mandar construir no Cemitério Público desta cidade um mausuléo para receber em definitivo os despojos últimos do inquebrantável servidor desta terra, o inesquecível Amando de Oliveira" (Campo Grande, 1924). Monumentos dessa natureza laicizam a memória, substituindo o altar sacro pelo panteão cívico de heróis da modernização.

Por fim, o terreno consagrado à laicidade permitiu a presença de marcadores da Maçonaria e do Islamismo. A simbologia maçônica, gravada em placas por meio de esquadros e compassos, codifica valores de fraternidade e iluminação moral, evidenciando as poderosas redes de sociabilidade que operavam nos bastidores políticos da cidade. De forma convergente, os pioneiros da comunidade sírio-libanesa de confissão muçulmana encontraram no cemitério público o espaço garantido para o seu repouso final. Suas sepulturas confirmam o Cemitério Santo Antônio como o grande mosaico multicultural de Campo Grande, onde as fronteiras identitárias dos vivos repousam pacificadas e eternizadas sob a pedra.

| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | TÚMULO COM CORRENTES |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | POPULAR/ VERNACULAR |
| | **DESCRIÇÃO** | CONSTRUÇÃO DE CARÁTER VERNACULAR QUE UTILIZA PEDRAS BRUTAS (CANTARIA RÚSTICA) ASSENTADAS DE FORMA A SIMULAR ESPESSAS MURALHAS DEFENSIVAS. O USO DE GROSSAS CORRENTES DE FERRO NA DELIMITAÇÃO DEMARCA O ESPAÇO SAGRADO, TRANSMITINDO A IDEIA DE FORTIFICAÇÃO, SOLIDEZ E PROTEÇÃO ABSOLUTA DO REPOUSO ETERNO. |

| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | TÚMULO MUÇULMANO |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | ISLÂMICO |
| | **DESCRIÇÃO** | IMPORTANTE REGISTRO HISTÓRICO DA PLURALIDADE RELIGIOSA E DA FORÇA DA IMIGRAÇÃO ÁRABE-ISLÂMICA NA REGIÃO. A ARQUITETURA REFLETE ELEMENTOS ESTILIZADOS DA ARTE ISLÂMICA, COMO A APROPRIAÇÃO DO ARCO MOURISCO EM TIJOLO, E ATESTA O CARÁTER COSMOPOLITA DO CEMITÉRIO SANTO ANTÔNIO, OPERANDO COMO UM ESPAÇO ECUMÊNICO E DE RESPEITO À DIVERSIDADE DE CREDOS. |

| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | PLACA ESTRANGEIRA (WILLIAM ESSINGTON BROWN) |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | CLASSICO |
| | **DESCRIÇÃO** | EVIDÊNCIA MATERIAL DIRETA DA PRESENÇA IMIGRANTE E ESTRANGEIRA NA FORMAÇÃO DEMOGRÁFICA DE CAMPO GRANDE. A GRAFIA EM IDIOMA INGLÊS ('IN LOVING REMEMBRANCE...') REVELA A NECESSIDADE DE PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL E DOS VÍNCULOS DE ORIGEM DA FAMÍLIA, MESMO NO RITO DE DESPEDIDA EM TERRITÓRIO BRASILEIRO. |

### 3.3.9. Bronze e Ferro

O uso do bronze intensificou-se e popularizou-se na transição do século XIX para o século XX, alcançando forte destaque entre 1903 e 1930 e consolidando-se a partir da década de 1940. Entre os diversos fatores para essa expansão, destaca-se o avanço dos processos industriais, que permitiam a reprodução de estatuarias em larga escala. Fundiçoes especializadas criavam moldes que permitiam atender a crescente demanda dos cemiterios por imagens sacras, brazões e adornos. A comercialização passou a ser feita por meio de catálogos e álbuns de amostragem, permitindo que grandes firmas especializadas de polos como São Paulo e Rio de Janeiro fornecessem seus produtos para o interior e para as novas capitais. Por ser um material nobre e durável, a instalação de bustos e esculturas em bronze demonstrava o poder aquisitivo de cada família; já o ferro configurou-se como uma opção para as famílias menos abastadas que desejavam adornar os túmulos de seus entes queridos.

| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | BRONZE |
| | **DESCRIÇÃO** | METAL NOBRE DE ELEVADA RESISTÊNCIA ÀS INTEMPÉRIES, QUE DESENVOLVE NATURALMENTE UMA PÁTINA DE OXIDAÇÃO ESCURA OU ESVERDEADA. UTILIZADO EM PLACAS, LETREIROS, ADORNOS E ESTATUÁRIA ERUDITA (EX: OBRA DE RAPHAEL GALVEZ). REPRESENTA DURABILIDADE E ALTO STATUS SOCIAL DA FAMÍLIA. |

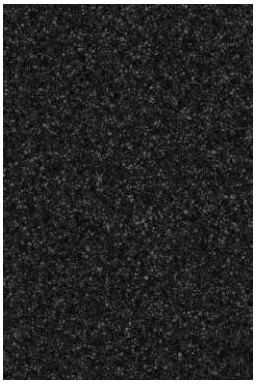
| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | FERRO TORCIDO / FUNDIDO |
| | **DESCRIÇÃO** | ELEMENTO MARCANTE NA SERRALHERIA ARTÍSTICA DOS CEMITÉRIOS DA TRANSIÇÃO DO SÉC. XIX PARA O XX. MUITO UTILIZADO EM PORTÕES DE CAPELAS, GRADIS DE DELIMITAÇÃO, CRUZES E LETREIROS, FREQUENTEMENTE EXIBINDO MOTIVOS GEOMÉTRICOS OU FLORAIS. |

### 3.3.10. Granito Polido

A partir de meados do século XX, principalmente entre as décadas de 1950 e 1960, o granito se consolidou como um dos principais materiais de revestimento e estruturação dos jazigos no Cemitério Santo Antônio, pois, diferente do mármore, que sofria com a ação do tempo e a erosão provocada pelas intempéries, os granitos polidos preto e marrom, ofereciam extrema resistência, linhas retas e sobriedade visual associadas à arquitetura moderna e ao estilo Art Déco, e esteve intimamente vinculado às estratégias de distinção social e econômica da elite campo-grandense, servindo frequentemente como base estrutural para valorizar e contrastar com as esculturas em bronze.

Nos túmulos de famílias japonesas, o granito esteve intimamente vinculado às

estratégias de distinção social e econômica da elite campo-grandense, servindo frequentemente como base estrutural para valorizar e contrastar com as esculturas em bronze. Além disso, nos túmulos das famílias japonesas já citados anteriormente, o granito polido foi amplamente adotado como a tela perfeita para o entalhe de seus marcadores de identidade étnica, garantindo a durabilidade dos seus registros ancestrais.

| | | |
|---|---|---|
|  | **ELEMENTO / MONUMENTO** | GRANITO |
| | **DESCRIÇÃO** | POPULARIZOU-SE INTENSAMENTE NA ARQUITETURA FÚNEBRE MODERNA DEVIDO À EVOLUÇÃO TÉCNICA QUE PERMITIU O SEU POLIMENTO ESPELHADO. OS TONS ESCUROS SÃO A MARCA PRINCIPAL DOS JAZIGOS CONTEMPORÂNEOS, CONFERINDO SOBRIEDADE E GEOMETRIA LIMPA. |

### 3.3.11. Intervenção Contemporânea

Em contraponto à sobriedade estética e ao rigor que habitualmente caracterizam os jazigos de famílias de origem japonesa, emerge a intervenção do fotógrafo Roberto Higa, pertencente à comunidade nipo-brasileira de Campo Grande. Higa optou por romper com essa estética de contenção e tons escuros ao propor uma linguagem artística inovadora para o túmulo de sua família no Cemitério Santo Antônio. Em parceria com o artista plástico Apres Gomes, a estrutura de alvenaria do jazigo recebeu uma camada de tinta amarelo-vibrante, sobre a qual foi concebida a pintura de um ipê-amarelo, árvore-símbolo da flora e da identidade de Campo Grande. Ao substituir os tons sobreos e escuros por cores vivas, a iniciativa desencadeou uma reação entre frequentadores do cemitério, que passaram a revitalizar jazigos vizinhos com pinturas coloridas, transformando a arte popular em um recurso afetivo de preservação da memória coletiva.

## 3.4 Personalidades sepultadas

O Cemitério Santo Antônio reúne os restos mortais de diversas personalidades que participaram da formação histórica, política, econômica, educacional, cultural e social de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul. Suas trajetórias revelam diferentes momentos do desenvolvimento da cidade, desde os pioneiros ligados à ocupação e à organização do antigo arraial até agentes públicos, educadores, artistas, profissionais, religiosos e empreendedores que contribuíram para a consolidação urbana e institucional da capital.

As lápides e os jazigos dessas personalidades ultrapassam, portanto, a função funerária e assumem valor documental. Por meio dos nomes, datas, inscrições e monumentos preservados, o cemitério permite estabelecer conexões entre histórias individuais e processos mais amplos da construção da cidade e do Estado. A seguir, são apresentadas personalidades e famílias cujas trajetórias contribuem para compreender a diversidade de agentes que participaram da história de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul.

### 3.4.1 José Antônio Pereira

José Antônio Pereira nasceu em 19 de março de 1825, na cidade de Barbacena, em Minas Gerais. Descendente de portugueses, viveu também em São João Del-Rei e Monte Alegre, regiões ligadas à expansão das famílias mineiras em direção ao interior do Brasil. Casou-se com Maria Carolina de Oliveira e tiveram oito filhos.

Movido pela busca de terras devolutas e pela possibilidade de estabelecer um novo núcleo de povoamento, José Antônio Pereira realizou, em 4 de março de 1872, sua primeira viagem rumo ao sul da então Província de Mato Grosso. Após percorrer caminhos utilizados durante a Guerra da Tríplice Aliança, chegou em 21 de junho de 1872 à região da confluência dos córregos Prosa e Segredo, onde decidiu estabelecer-se. Nesse local construiu um rancho, iniciou pequenas plantações e lançou as bases do futuro povoado que daria origem à

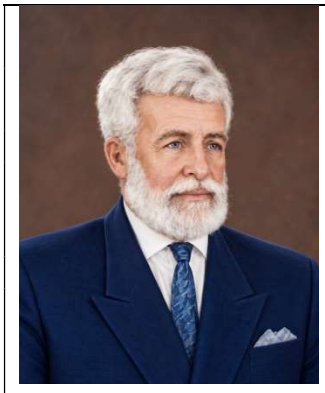
cidade de Campo Grande.

Posteriormente, retornou a Minas Gerais para organizar a mudança definitiva de sua família e de outras pessoas interessadas em ocupar a nova região. Em 14 de agosto de 1875, liderou uma grande comitiva composta por familiares, animais, sementes, ferramentas e provisões, consolidando definitivamente o povoamento do arraial. Sua atuação foi marcada pela liderança comunitária, pela organização territorial e pela distribuição de terras destinadas ao desenvolvimento do novo núcleo urbano.

Além de fundador, José Antônio Pereira exerceu importante papel social e religioso. Católico devoto de Santo Antônio de Pádua, construiu uma pequena igreja em cumprimento a uma promessa feita durante uma epidemia de malária. Também ficou conhecido pelo atendimento aos doentes da região, utilizando conhecimentos da medicina popular sertaneja no preparo de remédios, pomadas, xaropes e tratamentos caseiros, tornando-se referência em um período marcado pela ausência de médicos e estruturas de saúde. Atuava ainda como parteiro e benzedor, exercendo forte influência sobre a vida cotidiana da comunidade nascente.

Em 1886, recebeu em sua residência a visita do Bispo de Cuiabá, Dom Carlos Luís d'Amour, fato que demonstra sua relevância política, social e religiosa no contexto do então Arraial de Santo Antônio do Campo Grande. Reconhecido como líder prudente, solidário e agregador, José Antônio Pereira tornou-se figura central na consolidação do povoado e na organização das primeiras estruturas sociais e territoriais da futura cidade.

José Antônio Pereira faleceu em 11 de janeiro de 1900, sendo inicialmente sepultado no antigo cemitério localizado na região do atual Bairro Amambaí, onde hoje se encontram o SENAI e a Casa da Indústria. Posteriormente, seus restos mortais foram transferidos para o jazigo da família no Cemitério Santo Antônio, espaço que hoje preserva parte da memória de um dos principais personagens da história de Campo Grande.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | JOSÉ ANTÔNIO PEREIRA |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 12/01/1900 |
| | | **QUADRA/LOTE** | 11 |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MONUMENTAL |
| | | **DESCRIÇÃO** | GRANITO (OBELISCO) |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | FUNDADOR DE CAMPO GRANDE, ESTABELECEU O NÚCLEO INICIAL DA CIDADE NA CONFLUÊNCIA DOS CÓRREGOS PROSA E SEGREDO. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | LIDEROU A IMIGRAÇÃO DE FAMÍLIAS DE MINAS GERAIS EM 1875. ATUOU COMO LÍDER COMUNITÁRIO, CURANDEIRO E BENZEDOR. ORGANIZOU O TERRITÓRIO E DOOU TERRAS PARA O DESENVOLVIMENTO URBANO E RELIGIOSO DO ARRAIAL. |

### 3.4.2 Amando de Oliveira

Amando de Oliveira nasceu em Lençóis Paulista, no interior do Estado de São Paulo, no final do século XIX. Filho de migrantes mineiros que buscavam novas oportunidades nas terras do então sul de Mato Grosso, chegou ainda jovem à região de Campo Grande, acompanhando a família em uma longa viagem em busca de melhores condições de vida.

Sua chegada à então Vila de Campo Grande ocorreu em um período de intenso processo de ocupação territorial e expansão econômica. Inicialmente dedicou-se às atividades comerciais e agropecuárias, tornando-se reconhecido pela habilidade nos negócios, pelo espírito empreendedor e pela atuação ativa no desenvolvimento urbano da vila. Com o crescimento de suas atividades

econômicas, adquiriu extensas áreas de terra, incluindo a Fazenda Bandeira, localizada nas proximidades da atual região central de Campo Grande.

Amando de Oliveira constituiu família ao lado de sua esposa, Dorotéia, com quem teve seis filhos. A família acompanhou sua trajetória de crescimento econômico e fixação definitiva na Fazenda Bandeira, propriedade que posteriormente daria origem ao terreno destinado à implantação do Cemitério Santo Antônio.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, Amando de Oliveira destacou-se como importante liderança política e administrativa. Em 1905, participou ativamente da vida pública da recém-instalada administração municipal, tornando-se figura influente no cenário político local. Em 2 de novembro de 1909, foi eleito presidente da primeira Câmara Municipal de Campo Grande, exercendo papel decisivo nas discussões sobre organização urbana, alinhamento de ruas, infraestrutura e modernização da vila.

Durante sua atuação política, contribuiu diretamente para o planejamento urbano da cidade. Participou da definição e denominação de importantes vias públicas, além de colaborar na elaboração do primeiro alinhamento das ruas de Campo Grande, aprovado em 1909. Seu nome esteve ligado às iniciativas de expansão urbana e de melhoria da infraestrutura municipal em um momento de consolidação administrativa da cidade.

Amando de Oliveira também teve participação relevante na implantação da Comarca de Campo Grande, oficializada em 1911. Como presidente da Câmara Municipal, mobilizou lideranças políticas e a população em defesa da instalação do novo órgão judiciário, considerado fundamental para o fortalecimento institucional da vila. Seu envolvimento nesse processo reforçou sua imagem como defensor dos interesses locais e articulador político influente.

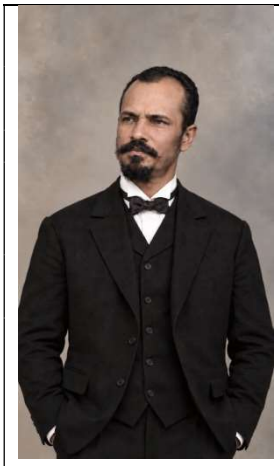
Além da atuação política, destacou-se por iniciativas voltadas à modernização urbana. Em 1910, financiou a instalação dos primeiros lampiões públicos de Campo Grande, proporcionando iluminação noturna em áreas centrais da vila.

Posteriormente, participou também das articulações que levaram à implantação da primeira usina hidrelétrica local, inaugurada em 1915, marco importante para o desenvolvimento urbano e econômico do município.

Sua contribuição mais significativa para a história do Cemitério Santo Antônio ocorreu entre 1913 e 1914, quando doou parte das terras da Fazenda Bandeira para a implantação definitiva do novo campo-santo municipal. O terreno, localizado na então Rua Santo Antônio, atual Avenida Calógeras, tornou-se a sede permanente do cemitério, acompanhando o crescimento urbano da cidade e consolidando-se como principal necrópole de Campo Grande ao longo do século XX.

De forma simbólica e trágica, Amando de Oliveira tornou-se também o primeiro sepultado no novo cemitério. Em 10 de junho de 1914, foi assassinado nas proximidades de sua propriedade rural, em circunstâncias que causaram grande comoção na população campo-grandense. Sua morte mobilizou autoridades, comerciantes e moradores, sendo registrada como um dos episódios mais marcantes da história da cidade naquele período.

Reconhecido como empresário, fazendeiro, político e benfeitor público, Amando de Oliveira deixou importante legado para a formação urbana e institucional de Campo Grande. Seu nome permanece associado à implantação do Cemitério Santo Antônio, à organização administrativa da cidade e às primeiras iniciativas de modernização urbana no início do século XX.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | AMANDO DE OLIVEIRA |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 10/06/1914 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 00E / 1 |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MONUMENTAL |
| | | **DESCRIÇÃO** | ALVENARIA COM MOLDURAS |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | 1º PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL E DOADOR DA FAZENDA BANDEIRA PARA A CONSTRUÇÃO DEFINITIVA DO CEMITÉRIO. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | EMPRESÁRIO E LÍDER POLÍTICO. APROVOU O 1º ALINHAMENTO DE RUAS (1909), FINANCIOU A 1ª ILUMINAÇÃO PÚBLICA A LAMPIÕES (1910) E ARTICULOU A IMPLANTAÇÃO DA COMARCA (1911). MORTO EM 1914, FOI O PRIMEIRO SEPULTADO NO CEMITÉRIO. |

### 3.4.3 Coronel José Alves Quito

José Alves Quito nasceu em Paranaíba, no então Estado de Mato Grosso, em uma família de origem uberabense ligada à criação de gado. A data de seu nascimento não foi identificada. Ainda jovem, transferiu-se para Campo Grande, onde se casou com Deolinda Carvalho e passou a investir o capital que possuía na aquisição de terras e na formação de propriedades rurais. Tornou-se grande proprietário e pecuarista, reunindo milhares de reses distribuídas por diversas fazendas, entre elas Rincão, Ceroula, Campo Alegre, Corguinho, Camapuã, Bom Jardim, Baguaçu, Pontinha e Baeta.

Sua atividade econômica esteve diretamente relacionada à pecuária, um dos principais setores da economia regional nas primeiras décadas do século XX.

Quito enviava gado para importantes centros comerciais, especialmente Uberaba e Barretos, chegando, segundo o relato de Machado, a acompanhar pessoalmente grandes comitivas. Também adquiria animais na região da Vacaria, formando boiadas que chegavam a cerca de 1.200 cabeças, posteriormente mantidas em suas propriedades próximas a Campo Grande até a comercialização. Compradores vindos de Minas Gerais visitavam anualmente suas fazendas para adquirir o gado, demonstrando a inserção de seus negócios nas redes pecuárias que conectavam o sul de Mato Grosso a outros estados brasileiros.

A prosperidade alcançada com a pecuária permitiu que José Alves Quito ampliasse também seu patrimônio urbano. Adquiriu diversos imóveis em áreas valorizadas da então vila. Sua residência tornou-se um dos marcos da região central: um grande sobrado localizado na Avenida Afonso Pena, entre a Avenida Calógeras e a Rua 14 de Julho. Posteriormente, o edifício abrigou durante muitos anos o Cartório do Segundo Ofício, pertencente à família Santos Pereira.

Sua presença na vida urbana de Campo Grande também se relacionou aos primeiros anos da educação pública na cidade. Em 1923, o Grupo Escolar de Campo Grande, posteriormente denominado Grupo Escolar Joaquim Murtinho, funcionava provisoriamente no prédio nº 4 da Avenida Afonso Pena, de propriedade do Coronel José Alves Quito e alugado pela Câmara Municipal. O estabelecimento permaneceu sem edifício próprio até meados da década de 1920, evidenciando que um dos imóveis pertencentes a Quito integrou a estrutura utilizada na implantação do primeiro grupo escolar público da cidade.

Paralelamente às atividades econômicas, Quito ingressou na vida política local e adquiriu grande prestígio entre seus contemporâneos. Foi nesse contexto que passou a ser conhecido como Coronel José Alves Quito. Exercia autoridade entre seus aliados e suas opiniões eram respeitadas e suas determinações tinham forte influência sobre aqueles que integravam seu círculo político. Sua trajetória insere-se em um período em que proprietários rurais e comerciantes exerciam participação expressiva nas disputas políticas e na organização da sociedade

campo-grandense.

Além da atuação política e pecuária, sua presença esteve associada ao cotidiano urbano de Campo Grande. Descrito como homem que circulava pelas ruas, viajava pelo interior do Estado e mantinha contatos frequentes com Minas Gerais. O uso de automóveis nas viagens pelo território sul-mato-grossense, em uma época em que esses veículos ainda eram pouco comuns, também aparece nas memórias registradas e evidencia sua inserção entre os grupos economicamente mais favorecidos da cidade.

A trajetória de José Alves Quito permite compreender aspectos importantes da formação econômica, política e urbana de Campo Grande nas primeiras décadas do século XX. Sua atuação articula pecuária, propriedade fundiária, investimentos imobiliários e poder político, elementos que tiveram papel significativo na organização da sociedade campo-grandense daquele período. Ao mesmo tempo, a localização de sua residência em uma das áreas centrais da cidade vincula sua memória à própria transformação da Avenida Afonso Pena e da Rua 14 de Julho em importantes eixos da vida urbana.

José Alves Quito faleceu em 2 de outubro de 1943. O levantamento realizado no Cemitério Santo Antônio, integrando-o ao conjunto de personalidades cuja trajetória se relaciona à formação econômica, política e urbana de Campo Grande.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | CEL. JOSÉ ALVES QUITO |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 02/10/1943 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 00H / 22 |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | NEOCLÁSSICO / ECLÉTICO |
| | | **DESCRIÇÃO** | MÁRMORE COM ESCULTURA SACRA |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | GRANDE PROPRIETÁRIO RURAL, PECUARISTA E FORTE LIDERANÇA POLÍTICA DA ELITE AGRÁRIA LOCAL. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | ACUMULOU VASTA PROPRIEDADE FUNDIÁRIA E IMOBILIÁRIA. UM DE SEUS IMÓVEIS NO CENTRO ABRIGOU, DE FORMA PROVISÓRIA, O 1º GRUPO ESCOLAR PÚBLICO DA CIDADE (1923), DEPOIS NOMEADO JOAQUIM MURTINHO. |

### 3.4.4 Manoel Ignácio de Souza

Manoel Ignácio de Souza nasceu em 1876, em Baús, no então Estado de Mato Grosso. Filho do português José Ignácio de Sousa e de Maria Angélica de Freitas, chegou ainda jovem a Campo Grande, por volta de 1890, acompanhado da mãe, já viúva, e dos irmãos. Posteriormente, Maria Angélica casou-se com José Alves Taveira, também viúvo, circunstância que fez com que Manoel passasse a ser conhecido na cidade pelo nome de Manoel Taveira.

De origem humilde, iniciou sua trajetória profissional como carpinteiro. Com habilidade para o trabalho e para os negócios, por volta de 1905 construiu sua própria residência no centro da então Vila de Campo Grande, onde também instalou um pequeno estabelecimento comercial. O comércio era abastecido por

produtos provenientes de Corumbá e por mercadorias agrícolas e pecuárias produzidas na própria região, inserindo-se na dinâmica econômica de uma cidade que ainda possuía estreita relação com o meio rural.

O empreendimento prosperou e possibilitou a ampliação de suas atividades econômicas. Com o passar dos anos, Manoel adquiriu terras nas proximidades de Campo Grande e fundou a Fazenda Cerradinho, tornando-se importante comerciante e pecuarista local. A partir de 1915, passou a dedicar-se exclusivamente à pecuária, atividade que desempenhou durante parte significativa de sua vida.

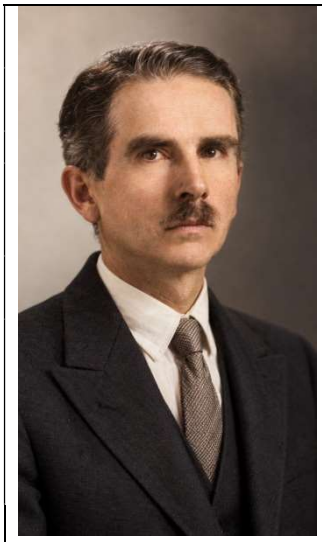
Paralelamente às atividades econômicas, teve participação relevante nos primeiros anos da organização política e administrativa de Campo Grande. Foi vereador em duas legislaturas, em 1902 e 1913, integrando a vida pública municipal em um momento em que a cidade começava a estruturar formalmente seus órgãos administrativos.

Em 1904, Manoel Ignácio assumiu a Intendência de Campo Grande, função equivalente ao atual cargo de prefeito, permanecendo à frente da administração municipal até 1º de janeiro de 1909. Seu período no governo é apontado como a primeira administração mais duradoura e estável do município. Durante sua gestão foram estabelecidas medidas fundamentais para a organização da vida urbana, entre elas o primeiro Código de Posturas e a estrutura inicial da administração pública municipal.

Sua atuação também esteve relacionada a um dos acontecimentos que transformariam profundamente Campo Grande nas primeiras décadas do século XX: a implantação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Em 1907, quando foram retomados os estudos do traçado ferroviário entre São Paulo e Mato Grosso, uma equipe de engenheiros chegou à pequena vila para realizar trabalhos de reconhecimento. Manoel Ignácio empenhou-se em demonstrar que Campo Grande possuía condições para receber uma estação intermediária da ferrovia.

A instalação da estação ferroviária nos anos seguintes produziria profundas mudanças econômicas, sociais e urbanas, ampliando a circulação de pessoas e mercadorias e fortalecendo a posição estratégica de Campo Grande no sul do antigo Mato Grosso. A participação de Manoel Ignácio nas articulações daquele período associa sua trajetória a um dos principais processos responsáveis pela transformação da antiga vila em importante centro regional.

Manoel Ignácio de Souza faleceu em Campo Grande, em 1943. Comerciante, pecuarista, vereador e intendente, participou diretamente das primeiras etapas de organização administrativa e econômica do município. Sua trajetória está vinculada ao período em que Campo Grande estruturava suas instituições públicas, ampliava suas atividades comerciais e começava a experimentar as transformações urbanas que marcariam seu desenvolvimento ao longo do século XX.





| | |
|---|---|
| **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | MANOEL IGNÁCIO DE SOUZA |
| **ANO DE FALECIMENTO** | 1943 |
| **QUADRA/ LOTE** | 00E / 4 |
| **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO |
| **MATERIAL CONSTRUTIVO** | GRANITO POLIDO |
| **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | INTENDENTE (1904-1909) RESPONSÁVEL PELA PRIMEIRA ADMINISTRAÇÃO DURADOURA DA CIDADE. |
| **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | CARPINTEIRO QUE ENRIQUECEU NO COMÉRCIO E PECUÁRIA. PROMULGOU O 1º CÓDIGO DE POSTURAS (1905), ORGANIZANDO O URBANISMO E HIGIENE PÚBLICA. ARTICULOU O TRAÇADO DA FERROVIA NOB PARA PASSAR POR CAMPO GRANDE. |

### 3.4.5 Américo Carlos da Costa

Américo Carlos da Costa integrou o grupo de proprietários rurais e lideranças políticas que participaram da vida econômica e social do sul do antigo Estado de Mato Grosso durante as primeiras décadas do século XX. Embora as fontes consultadas não permitam estabelecer, até o momento, sua data e local de nascimento, sua trajetória encontra-se particularmente relacionada a Maracaju e Campo Grande, municípios nos quais sua memória permaneceu registrada.

Sua atuação esteve fortemente vinculada à pecuária. Registro publicado pelo Jornal do Commercio em 1934 refere-se a ele como "Cel. Américo Carlos da Costa", qualificando-o como fazendeiro e criador, além de destacar seu prestígio no meio político. A atividade pecuária ocupava posição central na economia do sul de Mato Grosso naquele período, articulando grandes propriedades rurais, criação de gado e redes comerciais que conectavam a região aos principais mercados do Centro-Sul brasileiro.

Américo Carlos da Costa também esteve inserido nas disputas políticas que marcaram Mato Grosso nas décadas de 1920 e 1930. O mesmo registro jornalístico o apresenta como uma liderança política vinculada ao movimento constitucionalista, demonstrando que sua influência ultrapassava os limites das atividades rurais e alcançava a esfera pública regional.

Outro documento do período reforça sua participação nas discussões políticas estaduais. Nos Anais da República, de 1934, aparece o nome de Américo Carlos Costa, identificado como fazendeiro, entre os signatários de manifestação da chamada Liga por Mato Grosso Unido, organização que se posicionava em defesa da manutenção da integridade territorial do estado diante dos movimentos que discutiam sua divisão. Considerando a coincidência de nome, atividade econômica e contexto político, o registro constitui importante indício de sua participação nos debates territoriais daquele período.

Sua relação com Maracaju é igualmente significativa. A história oficial publicada pela Prefeitura Municipal relaciona Américo Carlos da Costa entre os

cidadãos que contribuíram para o progresso e o desenvolvimento do município, ao lado de proprietários rurais, comerciantes e outras lideranças que acompanharam a consolidação da localidade após sua formação, na década de 1920.

A permanência de seu nome na memória maracajuense também pode ser observada na Loja Maçônica Américo Carlos da Costa nº 1.996, pertencente ao Grande Oriente do Brasil e sediada em Maracaju. A existência da instituição demonstra a projeção de sua memória no meio maçônico local, embora as fontes consultadas até aqui não sejam suficientes, por si sós, para reconstruir com precisão sua trajetória dentro da Ordem.

Sua importância histórica ultrapassou, portanto, a dimensão individual. Américo Carlos da Costa pertenceu a uma geração de proprietários rurais cuja influência econômica frequentemente se articulava à atuação política e às instituições da sociedade civil. Sua trajetória ajuda a compreender as relações entre pecuária, propriedade da terra e poder político que caracterizaram parte da organização social do sul do antigo Mato Grosso nas primeiras décadas do século XX.

Américo Carlos da Costa faleceu em 16 de junho de 1948. Seu jazigo identificado no Cemitério Santo Antônio integra o conjunto de personalidades cuja memória relaciona a história da capital às transformações econômicas e políticas ocorridas no interior do antigo Mato Grosso.



| | |
|---|---|
| **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | AMÉRICO CARLOS DA COSTA |
| **ANO DE FALECIMENTO** | 16/06/1948 |
| **QUADRA/ LOTE** | 00B / 4A |
| **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | ART DÉCO/ ECLÉTICO |
| **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO |
| **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | LIDERANÇA PECUARISTA E POLÍTICA DO MOVIMENTO CONSTITUCIONALISTA NO SUL DE MATO GROSSO. |
| **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | ATUOU NA LIGA POR MATO GROSSO UNIDO, DEFENDENDO A INTEGRIDADE TERRITORIAL CONTRA O DIVISIONISMO. FOI INFLUENTE EM CAMPO GRANDE E MARACAJU, TENDO |

| | | |
|---|---|---|
| | | NOME ETERNIZADO EM LOJA MAÇÔNICA. |

### 3.4.6 Nicolau Fragelli

Nicolau Fragelli nasceu em 13 de novembro de 1884, em Corumbá, no então Estado de Mato Grosso. Filho de José Fragelli e Tereza Provenzano Fragelli, descendia de família italiana estabelecida na região pantaneira no final do século XIX. Realizou os estudos primários em Corumbá e o ensino secundário em Cuiabá, demonstrando desde cedo interesse pelas áreas intelectual, política e humanitária.

Aos 19 anos ingressou na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, concluindo sua formação médica em 1911. Posteriormente realizou aperfeiçoamento profissional em Paris, em 1914, experiência que ampliou sua formação intelectual e técnica em um período de grande valorização da medicina científica e das ideias modernizadoras na Europa. Sua atuação profissional ficou marcada pelo exercício da medicina associado ao compromisso social e ao serviço público.

Além da carreira médica, Nicolau Fragelli destacou-se como jornalista, professor e político. Participou ativamente da vida intelectual mato-grossense, colaborando no jornal A Cidade, de Corumbá, e dirigindo durante muitos anos o jornal O Progressista, de Campo Grande, periódico do qual foi um dos fundadores. Fragelli foi reconhecido como um dos mais importantes jornalistas de Mato Grosso, exercendo forte influência no debate político e social do Estado nas primeiras décadas do século XX.

Sua trajetória política iniciou-se em 1918, quando ingressou na vida pública estadual. No mesmo período foi nomeado intendente geral, equivalente ao cargo de prefeito, de Corumbá, função assumida em meio a uma crise política local. Conforme destacado por Nilo Póvoas, sua administração caracterizou-se pelo espírito conciliador e pela busca da estabilidade administrativa, contribuindo para restaurar a tranquilidade política da cidade.

Posteriormente elegeu-se deputado estadual, exercendo mandato durante o período republicano anterior à Revolução de 1930. Com a ascensão do movimento liderado por Getúlio Vargas, teve o mandato interrompido, retornando às atividades médicas, jornalísticas e ao magistério. Em 1934 voltou à política ao ser eleito deputado à Assembleia Constituinte Estadual pelo Partido Evolucionista. Contudo, novamente teve sua atuação política interrompida em 1937 com a implantação do Estado Novo e o fechamento das assembleias legislativas.

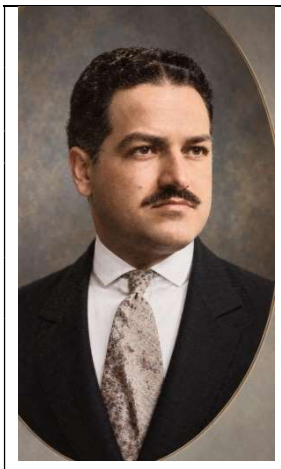
Com a redemocratização do país em 1945, ingressou na União Democrática Nacional (UDN), elegendo-se suplente de senador, última função política de sua trajetória pública. O período consolidou sua imagem como importante liderança intelectual e política do antigo Mato Grosso, sendo reconhecido pela defesa dos princípios democráticos e pela atuação ética na vida pública.

Paralelamente à atuação política, Nicolau Fragelli integrou a Academia Mato-Grossense de Letras, ocupando a cadeira nº 33, cujo patrono era Mariano Ramos. Sua presença na instituição reforça sua importância no cenário intelectual e cultural mato-grossense, especialmente pela contribuição ao jornalismo, à literatura e ao pensamento político regional.

Os textos consultados destacam ainda sua vida familiar e seu papel como patriarca de importante família política sul-mato-grossense. Casado e pai de filhos que posteriormente também atuariam na política estadual, teve como principal herdeiro político o advogado José Fragelli, que exerceu cargos como deputado estadual, deputado federal, governador de Mato Grosso, senador da República e presidente do Congresso Nacional.

Nicolau Fragelli faleceu em Campo Grande no dia 15 de fevereiro de 1949, aos 64 anos. Reconhecido como médico humanitário, jornalista influente e homem público de destacada atuação política, deixou importante legado para a história política e intelectual do antigo Mato Grosso. Seus restos mortais encontram-se sepultados no Cemitério Santo Antônio, espaço que preserva a memória de

personalidades fundamentais para a formação política, social e cultural de Campo Grande e do Estado.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | NICOLAU FRAGELLI |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 16/02/1949 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 00H / 5 |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO |
| | | **DESCRIÇÃO** | MÁRMORE COM ESCULTURA SACRA |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | MÉDICO, JORNALISTA E POLÍTICO. REFERÊNCIA NA DEFESA DA DEMOCRACIA E INTELECTUALIDADE REGIONAL. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | FUNDOU O JORNAL O PROGRESSISTA EM CAMPO GRANDE. FOI INTENDENTE DE CORUMBÁ, DEPUTADO ESTADUAL E MEMBRO DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS. |

### 3.4.7 Ary Coelho de Oliveira

Ary Coelho de Oliveira nasceu em 1910, na cidade de Paranaíba, então pertencente ao antigo Estado de Mato Grosso. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina de Belo Horizonte e, após concluir os estudos, mudou-se para Campo Grande em 1936, incentivado pelo médico Eduardo Olímpio Machado. Na cidade, iniciou atuação profissional na área médica, tornando-se rapidamente figura de destaque pela dedicação à saúde pública e pelo envolvimento com a vida política e social local.

Ao estabelecer-se em Campo Grande, residiu na Rua Barão do Rio Branco e casou-se com Maria Arantes, integrante de tradicional família de Uberaba, Minas Gerais. Paralelamente à atividade médica, Ary Coelho desenvolveu forte atuação empresarial e comunitária, consolidando-se como liderança influente no

cenário urbano campo-grandense das décadas de 1940 e 1950.

Entre suas principais realizações destaca-se a construção da Casa de Saúde Santa Maria, localizada na Avenida Afonso Pena, nas proximidades do Obelisco. A instituição hospitalar tornou-se referência regional em atendimento médico, prestando importantes serviços à população de Campo Grande e de diversas cidades do então sul de Mato Grosso. O hospital funcionou durante décadas como um dos principais equipamentos de saúde da região, sendo posteriormente demolido em 1982.

Sua atuação política ganhou projeção em 1951, quando, pela coligação PSD-PTB, foi eleito prefeito de Campo Grande, sucedendo Fernando Corrêa da Costa, que assumiria o governo do Estado de Mato Grosso. Durante sua gestão, Ary Coelho destacou-se pelo perfil conciliador, pela forte presença pública e pelo interesse no desenvolvimento urbano e institucional da cidade. É descrito como homem inteligente, simpático, de olhos claros e postura carismática, características que contribuíram para sua popularidade política.

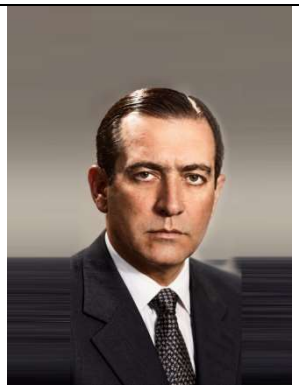
Além da medicina e da política, Ary Coelho também atuou na imprensa. Adquiriu o jornal O Matogrossense, utilizando o periódico como espaço de divulgação de posicionamentos políticos e de oposição ao governo de Fernando Corrêa da Costa. Sua participação no cenário político estadual intensificou disputas partidárias e conflitos públicos em um período marcado por forte polarização política no antigo Mato Grosso.

Em um dos episódios mais marcantes de sua trajetória, Ary Coelho envolveu-se em intensa controvérsia política durante viagem a Cuiabá, onde pretendia disputar a presidência de seu partido. Após ler em um jornal um artigo ofensivo à sua honra, cuja publicação encerrava-se com a frase “rasgo seu diploma de valente”, dirigiu-se ao Departamento de Estradas e Rodagens em busca de satisfação contra o autor da ofensa. Pouco tempo depois, foi encontrado gravemente ferido.

Ary Coelho de Oliveira faleceu em 20 de novembro de 1952, na sala de cirurgia

do hospital para onde havia sido levado após o episódio ocorrido em Cuiabá. Sua morte causou grande comoção em Campo Grande, sendo lembrado como importante médico, empresário e liderança política da cidade.

Em reconhecimento à sua contribuição para Campo Grande, o antigo Jardim Público da cidade passou a receber o nome de Praça Ari Coelho, principal praça do centro histórico campo-grandense. No local também foi instalada uma estátua de bronze em sua homenagem, perpetuando sua memória na paisagem urbana da cidade. Seus restos mortais encontram-se sepultados no Cemitério Santo Antônio, espaço que preserva a memória de importantes personalidades da história política, social e cultural de Campo Grande.

<table>
<tr>
<td rowspan="7"></td>
<td rowspan="7"></td>
<td>IDENTIFICAÇÃO (NOME)</td>
<td>ARY COELHO DE OLIVEIRA</td>
</tr>
<tr>
<td>ANO DE FALECIMENTO</td>
<td>20/11/1952</td>
</tr>
<tr>
<td>QUADRA/ LOTE</td>
<td>00E / 8</td>
</tr>
<tr>
<td>ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO</td>
<td>ART DÉCO</td>
</tr>
<tr>
<td>DESCRIÇÃO</td>
<td>MÁRMORE CARRARA</td>
</tr>
<tr>
<td>RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL</td>
<td>PREFEITO DE CAMPO GRANDE (1951) E EMPRESÁRIO NA SAÚDE PÚBLICA.</td>
</tr>
<tr>
<td>BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES</td>
<td>CONSTRUIU A CASA DE SAÚDE SANTA MARIA, MODERNIZANDO A MEDICINA REGIONAL. COMPROU O JORNAL O MATOGROSSENSE E FOI GRANDE LÍDER POLÍTICO. MORTO TRAGICAMENTE EM 1952, DÁ NOME À PRINCIPAL PRAÇA DA CIDADE.</td>
</tr>
</table>

### 3.4.8 Manoel da Costa Lima

Manoel da Costa Lima nasceu em 8 de outubro de 1866, em Baús, distrito de

Santana do Paranaíba, no então sul de Mato Grosso. Filho de José da Costa Lima, construtor de estradas e descendente de tradicionais famílias de origem portuguesa, tornou-se uma das figuras mais importantes do processo de integração territorial e desenvolvimento econômico da região sul-mato-grossense no início do século XX. Casou-se em 1886, em Campo Grande, com Maria Luiza Nogueira, descendente de tradicional família mineira ligada a veteranos da Guerra da Tríplice Aliança. O casal teve treze filhos.

A partir de 1900, Manoel da Costa Lima iniciou importantes expedições pelo sul de Mato Grosso em busca de rotas mais rápidas para ligação com o Estado de São Paulo. Naquele período, o transporte de boiadas e mercadorias era lento e dependia de longos percursos por Minas Gerais. Com apoio de familiares e trabalhadores, abriu caminhos e estradas que permitiram conectar Campo Grande ao Rio Paraná, ampliando significativamente as possibilidades comerciais da região.

Em 6 de junho de 1900, chegou às margens do Rio Paraná e fundou o Porto Quinze de Novembro. No dia seguinte, fundou também o Porto Dezesseis de Novembro, estabelecendo pontos estratégicos de travessia e circulação entre Mato Grosso e São Paulo. Essas iniciativas foram fundamentais para o desenvolvimento econômico regional e para a integração territorial do então sul do Estado.

Entre suas realizações mais marcantes destaca-se a abertura da Estrada de Rodagem ligando Campo Grande ao Porto Quinze de Novembro, oficialmente entregue ao governo estadual em 14 de agosto de 1904. A estrada possuía aproximadamente 540 quilômetros de extensão e representou importante marco de infraestrutura para o transporte de gado, produtos e pessoas.

Entretanto, sua maior contribuição histórica ocorreu em 8 de outubro de 1906, quando iniciou a primeira navegação a vapor no Rio Paraná. Para viabilizar a travessia, Manoel da Costa Lima adquiriu no Paraguai a embarcação “Carmelita”, também chamada de “Panchita”, organizando uma complexa

operação de transporte terrestre da embarcação desmontada entre regiões serranas e áreas sem infraestrutura adequada. A epopeia tornou-se símbolo de improvisação, engenhosidade e pioneirismo.

A chegada da embarcação a Campo Grande causou grande comoção popular. O transporte do enorme vapor pelas ruas da cidade foi considerado um acontecimento histórico, reunindo moradores e lideranças locais em homenagem ao pioneiro. O episódio consolidou a imagem de Manoel da Costa Lima como desbravador e símbolo do progresso regional.

Além da navegação, Manoel da Costa Lima participou da abertura de estradas, fundação de povoados e implantação de linhas telefônicas nas novas fazendas da região, contribuindo diretamente para a modernização das comunicações e para a ocupação territorial do sul de Mato Grosso. Seu trabalho foi reconhecido por políticos, intelectuais e escritores da época, sendo frequentemente associado à coragem, persistência e espírito empreendedor.

Descrito como homem simples, solidário e profundamente comprometido com o desenvolvimento regional, Manoel da Costa Lima deixou importante legado para a história de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul. Faleceu em 11 de agosto de 1955, em Campo Grande. Sua trajetória permanece vinculada ao pioneirismo da navegação, à integração econômica regional e às transformações urbanas que marcaram o início do século XX.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | MANOEL DA COSTA LIMA |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 11/08/1955 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 015 / 72 |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | ECLÉTICO |
| | | **DESCRIÇÃO** | JAZIGO CAPELA (CANTARIA, AZULEJOS E COLUNAS) |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | PIONEIRO NA INTEGRAÇÃO TERRITORIAL E NA MODERNIZAÇÃO DO TRANSPORTE NO SUL DE MT. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | ABRIU ROTAS CONECTANDO MS A SP. FUNDOU OS PORTOS XV DE NOVEMBRO E XVI DE NOVEMBRO. EM 1906, IDEALIZOU O TRANSPORTE DA EMBARCAÇÃO A VAPOR 'CARMELITA', INICIANDO A 1ª NAVEGAÇÃO A VAPOR NO RIO PARANÁ. |

### 3.4.9 Orcírio Thiago de Oliveira - Gury Marques

Orcírio Thiago de Oliveira foi empresário ligado ao desenvolvimento econômico do antigo Estado de Mato Grosso, destacando-se especialmente por sua atuação no setor frigorífico. Sua trajetória está associada ao processo de modernização das atividades pecuárias e à estruturação de empreendimentos voltados ao beneficiamento da produção animal, atividade de grande importância para a economia regional durante o século XX.

Entre suas principais realizações, destaca-se a implantação da primeira indústria frigorífica do Estado de Mato Grosso. A iniciativa representou importante avanço para uma região cuja economia estava fortemente vinculada à criação de gado, contribuindo para incorporar novas etapas de processamento e comercialização à cadeia produtiva pecuária.

A implantação de uma indústria frigorífica em Mato Grosso deve ser compreendida no contexto das transformações econômicas pelas quais passava a região. A expansão das atividades pecuárias, o desenvolvimento dos meios de transporte e a progressiva integração dos mercados favoreceram o surgimento de empreendimentos capazes de processar localmente a produção. Nesse cenário, a atuação de Orcírio Thiago de Oliveira tornou-se referência do pioneirismo empresarial ligado ao setor.

Sua trajetória familiar também se relaciona à história política de Mato Grosso e, posteriormente, de Mato Grosso do Sul. Orcírio foi pai de Ruben Figueiró de Oliveira, advogado, agropecuarista e político que exerceu diversos cargos públicos, entre eles os de deputado estadual pelo antigo Mato Grosso, deputado federal constituinte por Mato Grosso do Sul, secretário estadual, conselheiro do Tribunal de Contas e senador da República.

O reconhecimento da importância histórica de Orcírio Thiago de Oliveira permanece registrado na memória urbana de Campo Grande. Em 1970, a antiga Escola Estadual Vila Progresso recebeu seu nome como homenagem ao empresário responsável pela implantação da primeira indústria frigorífica do Estado. A instituição havia sido inaugurada três anos antes, em 1967, e permanece em funcionamento na Vila Progresso, integrando há décadas a estrutura pública de ensino da capital.

A permanência de seu nome em uma instituição educacional de Campo Grande evidencia uma forma de preservação da memória de personagens ligados ao desenvolvimento econômico regional. Sua atuação empresarial, especialmente o pioneirismo na indústria frigorífica, insere Orcírio Thiago de Oliveira entre os agentes relacionados às transformações produtivas que acompanharam o crescimento e a modernização do antigo Mato Grosso ao longo do século XX.

| | | |
|---|---|---|
|  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | ORCÍRIO THIAGO DE OLIVEIRA (GURY MARQUES) |
| | **ANO DE FALECIMENTO** | 02/04/1962 |
| | **QUADRA/ LOTE** | 015 / 9A |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO |
| | **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO COM CRUZ |
| | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | PIONEIRO NO DESENVOLVIMENTO AGROINDUSTRIAL. |
| | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | EMPRESÁRIO E AGROPECUARISTA RESPONSÁVEL PELA IMPLANTAÇÃO DA 1ª INDÚSTRIA FRIGORÍFICA DO ESTADO, ESSENCIAL PARA O BENEFICIAMENTO PECUÁRIO. |

### 3.4.10 Manoel Secco Thomé

Manoel Secco Thomé nasceu em 17 de abril de 1886, em Figueira da Foz, cidade litorânea próxima a Coimbra, em Portugal. Imigrante português, veio para o Brasil no início do século XX e estabeleceu-se inicialmente na região de Terenos, onde trabalhou com o beneficiamento da madeira. Sua experiência como carpinteiro e no trabalho com madeira constituiu a base de uma trajetória empresarial que posteriormente o transformaria em um dos mais importantes construtores de Campo Grande nas décadas de 1930 e 1940.

Em 1914, mudou-se para Campo Grande, cidade que naquele período passava por profundas transformações relacionadas à implantação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e ao crescimento das atividades comerciais e urbanas. Em 5 de junho de 1915, casou-se com Maria Luisa Trevisan Franciscato, descendente de italianos, com quem constituiu numerosa família. O casal teve onze filhos, e vários de seus descendentes permaneceram ligados às áreas da construção, engenharia, arquitetura e atividades artísticas.

A experiência adquirida com a madeira e a construção levou Manoel Secco Thomé a ampliar suas atividades empresariais. Em 1920, fundou, em sociedade com Antônio da Silva Vendas, a empresa Thomé & Vendas Ltda., dedicada aos setores de construção civil, serraria e produção cerâmica. Em 1924, o

empreendimento passou a denominar-se Thomé & Irmãos, incorporando seus irmãos Joaquim e Antônio Thomé. A empresa cresceu rapidamente e tornou-se uma das mais importantes do ramo da construção no então sul de Mato Grosso.

O complexo empresarial da família possuía estrutura diversificada, reunindo serraria, carpintaria, marcenaria, oficinas mecânicas, serralheria, fabricação de esquadrias, produção de ladrilhos, tijolos, telhas e manilhas, além de pedreira e equipamentos para beneficiamento de produtos agrícolas. Em determinado período, a empresa chegou a empregar mais de duzentos trabalhadores, revelando a dimensão alcançada pelo empreendimento e sua importância para a economia de Campo Grande.

A atuação de Manoel Secco Thomé coincidiu com um momento de intensa modernização arquitetônica da cidade. Sua empresa participou da execução de edifícios públicos, comerciais, residenciais, militares e equipamentos urbanos que transformaram a paisagem campo-grandense. Entre as obras associadas à Thomé & Irmãos encontram-se o prédio dos Correios e Telégrafos, o Cine Santa Helena, o Hotel Colombo, a sede da Associação Comercial, o Pavilhão B da Santa Casa de Misericórdia, instalações militares da 9ª Região Militar, o Educandário Getúlio Vargas e edificações comerciais e residenciais distribuídas pela área central.

Dois importantes marcos urbanos de Campo Grande também estiveram associados à atuação da empresa: o Obelisco, inaugurado em 1933, e o antigo Relógio da Rua 14 de Julho. Construídos em um período de reorganização e embelezamento da cidade, esses elementos passaram a integrar a memória coletiva dos campo-grandenses e permaneceram associados ao processo de modernização do centro urbano.

A empresa também esteve envolvida na construção e ampliação de instalações militares, como os quartéis do Amambaí, a Vila dos Oficiais e estruturas da 9ª Região Militar. Fora de Campo Grande, realizou obras em outras localidades do antigo Mato Grosso, demonstrando que sua atuação ultrapassava os limites

municipais. A capacidade de executar grandes empreendimentos públicos diferenciou Manoel Secco Thomé de muitos construtores locais de sua época.

Além da atividade empresarial, participou ativamente da vida econômica e social de Campo Grande. Esteve entre os integrantes da Associação Comercial da cidade, fundada em 1926, ocupando posteriormente função em seu Conselho Fiscal. Como representante da comunidade portuguesa, exerceu o cargo de vice-cônsul de Portugal em Campo Grande entre 1933 e 1954 e participou da organização do Clube Português, contribuindo para a manutenção dos vínculos culturais dos imigrantes portugueses estabelecidos na região.

Em 1954, a empresa familiar passou a denominar-se Thomé & Filhos Ltda., indicando a continuidade das atividades empresariais pelas novas gerações. A permanência da família na construção civil contribuiu para que o sobrenome Thomé se mantivesse associado ao desenvolvimento arquitetônico e urbano de Campo Grande.

Manoel Secco Thomé faleceu em 28 de julho de 1962, no Rio de Janeiro, em decorrência de problemas renais. Seu legado, entretanto, permanece materializado na paisagem de Campo Grande. Muitas edificações executadas por sua empresa ainda integram o patrimônio arquitetônico da cidade, enquanto outras, já desaparecidas, permanecem registradas em fotografias, documentos e na memória urbana.

Sua trajetória representa de maneira significativa a participação dos imigrantes portugueses na construção de Campo Grande. Como empresário e construtor, Manoel Secco Thomé não apenas edificou prédios e equipamentos urbanos, mas participou diretamente do processo de transformação da antiga vila ferroviária em uma cidade que buscava afirmar sua modernidade. As obras vinculadas à sua empresa constituem, portanto, importantes testemunhos materiais das transformações urbanas e arquitetônicas ocorridas na primeira metade do século XX.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | MANOEL SECCO THOMÉ |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 28/07/1962 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 004B / 10 |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO |
| | | **DESCRIÇÃO** | GRANITO PRETO POLIDO |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | MAIOR CONSTRUTOR DO PERÍODO DE EXPANSÃO ART DÉCO DA CIDADE. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | IMIGRANTE PORTUGUÊS QUE FUNDOU A THOMÉ & IRMÃOS. CONSTRUIU MARCOS URBANOS COMO O OBELISCO, O RELÓGIO DA 14 DE JULHO, CORREIOS, CINE SANTA HELENA E ESTRUTURAS MILITARES DA 9ª REGIÃO MILITAR. |

### 3.4.11 Antônio de Albuquerque

Antônio de Albuquerque nasceu em 19 de março de 1884, em Pernambuco, filho de Manuel de Albuquerque e Balbina Laiz de Albuquerque. Ainda jovem deixou sua terra natal com a intenção de estudar na Academia Militar de Cantagalo, no Rio de Janeiro, mas não concluiu a formação e seguiu para o então Estado de Mato Grosso, onde se estabeleceu. Em Campo Grande construiu sua trajetória pessoal e profissional, tornando-se especialmente conhecido por sua dedicação à arborização e à preservação das áreas verdes da cidade.

Casou-se com Júlia Lemes de Albuquerque, com quem constituiu numerosa família. O casal teve os filhos Sílvio, Newton, Elza, Eleozina, Antônio, Jurema, Mário, Iracema, Álvaro e Rui, além de Zoroastro, filho de criação. Sua vida familiar esteve profundamente vinculada a Campo Grande, cidade pela qual

desenvolveu forte sentimento de pertencimento e onde passou a maior parte de sua vida.

Funcionário da Prefeitura Municipal, Antônio de Albuquerque destacou-se principalmente pelo conhecimento e cuidado com as plantas. Sua atuação coincidiu com um período em que Campo Grande buscava ampliar e organizar a arborização de suas ruas, avenidas e espaços públicos. Percorria diferentes pontos da cidade recolhendo frutos e sementes, produzindo novas mudas e realizando o replantio, estabelecendo um ciclo contínuo de produção vegetal que contribuiu para a expansão da arborização urbana.

Sua trajetória tornou-se especialmente ligada ao atual Parque Florestal Antônio de Albuquerque, conhecido como Horto Florestal. A história daquela área remonta a 1912, quando o intendente José Santiago reservou terras às margens do Córrego Segredo, inicialmente utilizadas pelo Matadouro Municipal. Em 1923, a área foi transformada em Parque Municipal por iniciativa de Arnaldo Estêvão de Figueiredo, então presidente da Câmara, com sanção do intendente Arlindo de Andrade Gomes.

Na década de 1950, durante a administração de Marcílio de Oliveira Lima, o antigo Parque Municipal assumiu funções de Horto Florestal e passou a abrigar atividades relacionadas à produção de mudas e ao fomento agrícola. Antônio de Albuquerque esteve diretamente à frente desse trabalho. O Anuário Matogrossense de 1957 o descrevia como responsável pela direção e orientação do Horto Municipal e registrava que, somente em 1955, milhares de mudas de diferentes espécies haviam sido fornecidas pelo serviço municipal.

Sob seus cuidados, o Horto tornou-se importante viveiro de espécies destinadas à arborização de Campo Grande. As mudas produzidas no local também eram fornecidas a outras cidades e até mesmo a Cuiabá, então capital de Mato Grosso. Antônio coletava sementes de árvores existentes, cultivava novas plantas e organizava sua distribuição, contribuindo diretamente para a formação da paisagem verde que passou a caracterizar Campo Grande.

Sua contribuição não ficou restrita ao Horto Florestal. Antônio de Albuquerque participou da arborização e do paisagismo de diferentes espaços públicos da cidade. Criou um grande roseiral na Praça Ary Coelho, por ocasião da implantação da fonte luminosa, cuidou das árvores da então Praça da República, atual Praça do Rádio Clube, e esteve relacionado ao plantio e manutenção de espécies em avenidas e outros logradouros públicos.

O vínculo com as plantas também fazia parte de sua vida particular. Residindo em uma pequena chácara na Rua Cândido Mariano, cultivava árvores frutíferas, roseiras e outras espécies. Nos últimos anos de vida dedicou-se ainda à apicultura, mantendo dezenas de caixas de abelhas e destinando parte da produção de mel a amigos e instituições filantrópicas.

Antônio de Albuquerque também participou de iniciativas voltadas à educação e à assistência social. Junto a outros moradores, colaborou na fundação da Escola 26 de Agosto, onde participou da implantação de uma horta utilizada inclusive para complementar a alimentação dos alunos. Foi também venerável de uma loja maçônica localizada na Avenida Calógeras e, segundo o registro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, esteve entre os idealizadores da Santa Casa de Campo Grande.

Sua dedicação à arborização tornou-se uma referência para a história ambiental e urbana de Campo Grande. O trabalho desenvolvido no Horto Florestal não se limitava ao embelezamento dos espaços públicos, pois envolvia a formação de viveiros, multiplicação de espécies, manutenção de áreas verdes e fornecimento sistemático de mudas para a cidade. Dessa forma, sua atuação contribuiu para consolidar práticas de arborização que deixaram marcas duradouras na paisagem campo-grandense.

Antônio de Albuquerque faleceu em 10 de dezembro de 1962, aos 78 anos, em Campo Grande. Mesmo adoentado e levado pelas filhas para São Paulo, preferiu retornar à cidade onde havia construído sua trajetória e desenvolvido seu trabalho com as áreas verdes.

Em reconhecimento à sua contribuição, o Horto Municipal recebeu oficialmente, por meio da Lei nº 848, de 2 de outubro de 1963, a denominação de Parque Florestal Antônio de Albuquerque. A homenagem vinculou definitivamente seu nome ao espaço no qual trabalhou e ao processo de arborização da cidade. Posteriormente, o parque passou por diferentes intervenções e, em 1995, foi entregue à população após ampla reurbanização, preservando a denominação que homenageia o antigo servidor municipal.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 10/12/1962 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 00E / 7 |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO |
| | | **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | SERVIDOR PÚBLICO CONSIDERADO O GRANDE ARBORIZADOR DE CAMPO GRANDE. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | DIRETOR DO HORTO FLORESTAL. PRODUZIU E PLANTOU MILHARES DE MUDAS, ARBORIZOU LOGRADOUROS CENTRAIS E PLANTOU O ROSEIRAL DA PRAÇA ARY COELHO. O HORTO FLORESTAL LEVA SEU NOME. |

### 3.4.12 Vespasiano Barbosa Martins

Vespasiano Barbosa Martins nasceu em 4 de agosto de 1889, na Fazenda Campeiro, na região dos Campos de Vacaria, sul do então Estado de Mato Grosso. Filho de Henrique José Pires Martins e Marcelina Barbosa Martins, cresceu em ambiente rural ligado às atividades agropecuárias e à formação das

primeiras estruturas sociais da região sul-mato-grossense.

Realizou os estudos iniciais em fazendas próximas da região onde nasceu e, aos 13 anos, mudou-se para Uberaba, Minas Gerais, onde permaneceu até os 16 anos. Em 1909 retornou a Mato Grosso, concluindo os estudos ginasiais em Cuiabá. No ano seguinte ingressou na Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, formando-se médico em 1915 com distinção acadêmica, tornando-se o primeiro sul-mato-grossense diplomado em Medicina.

Em 1917 casou-se com Celina Baís, integrante da tradicional família Baís de Campo Grande. O casal teve quatro filhos. A união aproximou ainda mais Vespasiano dos círculos sociais, políticos e econômicos que participavam da consolidação urbana da cidade.

Após concluir a formação médica, especializou-se em cirurgia em Berlim e Paris, aperfeiçoando conhecimentos clínicos e cirúrgicos em importantes centros europeus. Em 1925 retornou ao Brasil e fixou-se inicialmente em São Paulo, onde atuou como diretor clínico do Hospital Alemão, atual Hospital Oswaldo Cruz. Permaneceu na capital paulista até 1929, quando decidiu retornar a Campo Grande, motivado por convites de lideranças políticas e sociais da região.

De volta a Campo Grande, passou a exercer intensa atuação médica e política. Trabalhou na Maternidade e tornou-se o primeiro diretor clínico da Santa Casa de Campo Grande, consolidando-se como referência regional na medicina. Paralelamente, iniciou participação ativa na vida pública, candidatando-se ao cargo de prefeito e integrando os principais debates políticos do sul de Mato Grosso.

Em 25 de junho de 1931 assumiu a prefeitura de Campo Grande. Pouco tempo depois, durante a Revolução Constitucionalista de 1932, tornou-se uma das principais lideranças do movimento separatista que defendia a criação do Estado de Maracaju, unidade política que teria Campo Grande como capital. Em 11 de junho de 1932 assumiu o governo do território revolucionário do sul de Mato Grosso, exercendo a função até outubro do mesmo ano.

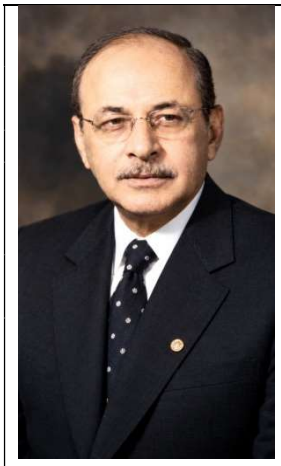
Com o fracasso do movimento constitucionalista, Vespasiano Barbosa Martins exilou-se no Paraguai ao lado de outras lideranças revolucionárias, permanecendo fora do país por quase um ano. Após ser anistiado, retornou a Campo Grande e retomou a vida pública, assumindo novamente a prefeitura da cidade em 1934.

Em 1935 foi eleito senador da República, cargo que exerceu até 1937, quando Getúlio Vargas dissolveu o Congresso Nacional durante a implantação do Estado Novo. Anos depois, em 1945, voltou a ser eleito senador pela União Democrática Nacional (UDN), partido do qual foi um dos fundadores em Mato Grosso. Durante o mandato destacou-se pela defesa dos interesses do sul do Estado e pela atuação política voltada ao desenvolvimento regional.

Além da política e da medicina, Vespasiano participou da fundação do Rotary Club de Campo Grande em 1939, tornando-se seu primeiro presidente. Sua trajetória foi marcada pela defesa da educação, da saúde pública e da modernização urbana da cidade. Reconhecido pela firmeza ética, liderança política e espírito conciliador, tornou-se uma das figuras mais influentes da história sul-mato-grossense.

Em 1952 sofreu um infarto, afastando-se progressivamente da medicina e da política ativa. Mesmo assim, continuou sendo consultado por médicos e lideranças políticas em questões relevantes para o Estado. Considerado homem culto e erudito, dedicou os últimos anos de vida à leitura e à convivência familiar.

Vespasiano Barbosa Martins faleceu em 14 de janeiro de 1965, aos 75 anos. Sua trajetória permanece associada à história política, médica e institucional de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul, sendo reconhecido como uma das maiores lideranças da região no século XX.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | VESPASIANO BARBOSA MARTINS |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 14/01/1965 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 00U |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO |
| | | **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO COM CRUZ |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | PRIMEIRO MÉDICO DIPLOMADO DA REGIÃO, GOVERNADOR NO ESTADO REVOLUCIONÁRIO DE MARACAJU, PREFEITO E SENADOR. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | 1º DIRETOR DA SANTA CASA. LIDEROU O MOVIMENTO DIVISIONISTA DE 1932. SENADOR NA REPÚBLICA VELHA E NOVA REPÚBLICA, SENDO UM DOS MAIORES CACIQUES POLÍTICOS DE MT. |

### 3.4.13 Coronel Antônio Menna Gonçalves

O Coronel Antonino Menna Gonçalves destacou-se na história política de Mato Grosso durante as primeiras décadas do século XX, especialmente por sua atuação como militar e administrador público no contexto das transformações políticas decorrentes da Revolução de 1930. Sua trajetória está associada ao processo de reorganização administrativa do estado e à consolidação da presença do governo federal na região.

Ingressou na carreira militar no início do século XX, servindo no Exército Brasileiro e construindo uma trajetória marcada por funções de comando e atividades ligadas à engenharia militar. Ao longo dos anos, ascendeu gradativamente na hierarquia militar até alcançar o posto de coronel, assumindo responsabilidades administrativas e estratégicas em diferentes regiões do país.

Com a vitória da Revolução de 1930 e a instalação do Governo Provisório

liderado por Getúlio Vargas, Antonino Menna Gonçalves foi nomeado, em novembro de 1930, o primeiro interventor federal do Estado de Mato Grosso. Sua gestão ocorreu em um período de profundas mudanças políticas, marcado pela substituição das antigas oligarquias regionais e pela centralização administrativa promovida pelo governo federal.

Durante sua administração, buscou reorganizar a estrutura governamental do estado e implementar medidas voltadas à modernização administrativa. Entre suas ações destacam-se iniciativas relacionadas à proteção de comunidades indígenas e à regulamentação de questões fundiárias, além do enfrentamento de conflitos políticos que caracterizaram o período pós-revolucionário.

Antonino Menna Gonçalves também demonstrou interesse pela preservação da cultura e da memória regional. Em 1930, autorizou a cessão da antiga residência do Barão de Melgaço para abrigar instituições dedicadas à pesquisa histórica e à produção intelectual, contribuindo para a valorização do patrimônio cultural mato-grossense.

Seu nome permanece presente na memória urbana de Campo Grande, especialmente por meio do Bairro Coronel Antonino, um dos mais tradicionais da capital sul-mato-grossense. A denominação do bairro constitui uma homenagem à relevância de sua atuação pública e ao papel desempenhado na história política do antigo Mato Grosso.

Embora sua passagem pelo governo tenha sido relativamente breve, Antonino Menna Gonçalves participou de um momento decisivo da história regional, marcado pela transição entre a Primeira República e a Era Vargas. Sua trajetória evidencia a relação entre administração pública, organização territorial e construção institucional em Mato Grosso durante a primeira metade do século XX.

Sepultado no Cemitério Santo Antônio, em Campo Grande, o Coronel Antonino Menna Gonçalves integra o conjunto de personalidades cuja memória permanece associada à formação política e administrativa do estado,

constituindo importante referência para a compreensão da história regional e da construção da identidade sul-mato-grossense.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | CEL. ANTÔNIO MENNA GONÇALVES |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 15/05/1965 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 00B / 3ª |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO / CONTEMPORÂNEO |
| | | **DESCRIÇÃO** | GRANITO PRETO |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | MILITAR E 1º INTERVENTOR FEDERAL EM MT (1930) APÓS A REVOLUÇÃO VARGUISTA. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | REORGANIZOU A ESTRUTURA GOVERNAMENTAL E AS POLÍTICAS FUNDIÁRIAS ESTADUAIS. ATUOU NA MODERNIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DA REGIÃO E HOMENAGEADO COM NOME DO BAIRRO CORONEL ANTONINO. |

### 3.4.14 Euler de Azevedo

O Dr. Euler de Azevedo foi um dos mais destacados médicos e homens públicos de Campo Grande durante as décadas de 1950 e 1960. Sua trajetória reuniu atuação profissional na medicina, serviços prestados à administração municipal e participação ativa na vida política da cidade, tornando-o uma personalidade amplamente respeitada pela população campograndense.

A documentação oficial demonstra que sua carreira pública estava fortemente vinculada à área da saúde. Em 1955, foi nomeado Médico-Chefe do Serviço de Assistência Médica Rural (Dispensário Escolar) da Prefeitura Municipal de Campo Grande. Posteriormente, foi efetivado no quadro permanente da

municipalidade como Médico Classe B e, em 1965, exercia o cargo de Médico-Chefe da Prefeitura Municipal. Esses registros evidenciam sua posição de liderança na estrutura da saúde pública local e a confiança depositada em seu trabalho pela administração municipal.

Além de sua atuação profissional, Euler de Azevedo teve expressiva participação política. Exerceu mandato de vereador e chegou à presidência da Câmara Municipal de Campo Grande. Sua atuação parlamentar foi lembrada posteriormente pela própria Prefeitura Municipal, que registrou ter exercido suas funções com dignidade, honradez e elevado espírito público.

A notícia publicada na capa do Correio do Estado em 2 de outubro de 1965 permite compreender a dimensão de sua influência social. O jornal anunciou seu falecimento como um acontecimento de grande repercussão para a cidade, afirmando que sua morte representava o desaparecimento de uma das figuras mais queridas e humanitárias do meio campograndense. A reportagem destaca que o médico era amplamente conhecido pela dedicação ao próximo, pela bondade e pelo trato respeitoso com as pessoas.

O texto jornalístico descreve Euler de Azevedo como um homem de comportamento simples e acessível, ressaltando sua modéstia, sua dedicação à família e sua intensa capacidade de trabalho. Segundo o jornal, era visto como um "chefe de família exemplar" e um trabalhador cuja atuação contribuiu para o progresso de Campo Grande. A matéria também registra que ele exercia simultaneamente forte liderança política e profundo compromisso social, características que ajudaram a consolidar sua reputação junto à população.

Outro aspecto revelado pela reportagem refere-se à sua atuação partidária. O jornal informa que Euler de Azevedo era dirigente da União Democrática Nacional (UDN) em Campo Grande e desempenhava papel relevante na organização partidária local. O texto destaca que sua ausência seria sentida justamente em um momento político importante, às vésperas das eleições estaduais de 1965, evidenciando sua influência no cenário político mato-

grossense.

A mesma reportagem registra o falecimento de seu irmão, o médico Dr. Delcardo Azevedo, ocorrido pouco antes, fato que teria causado grande abalo emocional em Euler de Azevedo. Embora a matéria não estabeleça relação direta entre os acontecimentos, demonstra que a família enfrentava um período de grande sofrimento naquele momento.

O reconhecimento público por sua trajetória manifestou-se imediatamente após sua morte. Em 4 de outubro de 1965, o prefeito Antônio Mendes Canale editou o Decreto n.º 1932-A, determinando luto oficial de três dias em todo o município. O documento afirma que Campo Grande perdia uma de suas figuras mais representativas, ressaltando sua atuação como médico da Prefeitura, presidente da Câmara Municipal e profissional de reconhecido valor humanitário.

As homenagens prosseguiram ao longo do ano seguinte. Em junho de 1966, a Câmara Municipal aprovou o Projeto de Lei n.º 1.254/1966, posteriormente convertido na Lei n.º 965, que alterou a denominação do Corredor do Imbirussu para Rua Vereador Dr. Euler de Azevedo. O fato demonstra que seu prestígio transcendia os limites da medicina, alcançando também a esfera política e administrativa do município.

Pouco tempo depois, a imprensa registrou novas manifestações de reconhecimento popular. Em agosto de 1966, o jornal Correio do Estado noticiou que moradores da Vila Serradinho haviam organizado uma comissão para solicitar que uma escola do bairro recebesse o nome do médico falecido. A iniciativa baseava-se nos relevantes serviços prestados à comunidade e recebeu apoio dos vereadores da Câmara Municipal.

Ainda em agosto de 1966, foi inaugurado o Centro de Saúde "Dr. Euler de Azevedo", importante unidade sanitária da cidade. A solenidade contou com a presença de autoridades estaduais e municipais e representou uma homenagem permanente à contribuição do médico para a saúde pública campo-grandense. Durante a cerimônia, familiares e representantes do governo ressaltaram a

importância de seu legado profissional.

Nas décadas seguintes, seu nome permaneceu incorporado à paisagem urbana da cidade. A antiga Rua Vereador Dr. Euler de Azevedo tornou-se uma das principais vias da região oeste de Campo Grande, sendo posteriormente transformada em avenida. Diversos decretos e leis relacionados ao seu alargamento, prolongamento e urbanização demonstram a permanência da homenagem ao longo do tempo.

O conjunto documental hoje disponível permite concluir que Euler de Azevedo foi muito mais do que um médico ou político local. Os documentos oficiais e as reportagens contemporâneas convergem ao apresentá-lo como uma figura profundamente identificada com a população, reconhecida pela dedicação ao serviço público, pela liderança política, pelo exercício humanitário da medicina e pela contribuição ao desenvolvimento de Campo Grande. As múltiplas homenagens recebidas após sua morte evidenciam que sua memória foi incorporada ao patrimônio histórico da cidade e preservada pelas gerações seguintes.



| | |
|---|---|
| **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | EULER DE AZEVEDO |
| **ANO DE FALECIMENTO** | 02/10/1965 |
| **QUADRA/ LOTE** | 00G / 22 |
| **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO / CONTEMPORÂNEO |
| **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO |
| **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | MÉDICO HUMANITÁRIO DA PREFEITURA E LÍDER LEGISLATIVO. |
| **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | EXERCEU PAPEL CHAVE NO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA RURAL E FOI PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL (UDN). SUA MORTE CAUSOU COMOÇÃO PÚBLICA. UM IMPORTANTE CORREDOR VIÁRIO LEVA SEU NOME. |

### 3.4.15 Glauce Rocha

Glauce Rocha nasceu em 16 de agosto de 1933, em Campo Grande, então pertencente ao antigo Estado de Mato Grosso. Filha de Azujo Rocha, cresceu em meio às transformações urbanas e sociais da cidade nas primeiras décadas do século XX. Desde jovem demonstrou sensibilidade artística, inquietação intelectual e forte posicionamento diante das questões sociais e culturais do país.

Reconhecida nacionalmente como uma das grandes atrizes brasileiras do teatro, cinema e televisão, Glauce Rocha construiu trajetória marcada pela intensidade interpretativa, pelo compromisso político e pela defesa da valorização da arte nacional. O texto destaca que sua atuação ultrapassava o campo artístico, tornando-se símbolo de resistência cultural e de luta contra opressões sociais e políticas.

Ainda jovem deixou Campo Grande em busca de formação artística e oportunidades profissionais nos grandes centros culturais do país, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo. Percorrendo o Brasil em uma época em que poucas mulheres conseguiam consolidar carreira artística nacional, Glauce destacou-se pela força cênica, pela personalidade intensa e pela capacidade dramática reconhecida por críticos, diretores e colegas de profissão.

Glauce Rocha não era apenas admirada pelo talento artístico, mas também pela postura crítica diante das desigualdades sociais e da repressão política vivida no Brasil durante as décadas de 1950, 1960 e 1970. Sua trajetória foi marcada pelo engajamento intelectual e pela defesa da liberdade artística, posicionando-se frequentemente em favor das transformações sociais e culturais do país.

Ao longo de dezenove anos de carreira, participou de cerca de trinta peças teatrais, vinte filmes e diversos espetáculos televisivos, consolidando-se como uma das atrizes mais importantes de sua geração. Entre os trabalhos cinematográficos destacam-se produções ligadas ao Cinema Novo brasileiro, movimento que buscava retratar criticamente a realidade social do país por meio de linguagem artística inovadora.

Sua atuação no teatro também foi amplamente reconhecida. Trabalhou ao lado de importantes dramaturgos, diretores e companhias brasileiras, interpretando personagens marcadas por profundidade psicológica e forte densidade emocional. Em declarações reproduzidas no documento, a própria atriz afirmava acreditar que a dramaturgia era uma das formas mais intensas de expressão humana e transformação social.

Glauce Rocha viveu intensamente a arte, dedicando-se integralmente à carreira e à militância cultural. Mesmo enfrentando dificuldades financeiras e limitações impostas pelo mercado artístico brasileiro da época, manteve atuação constante no teatro, no cinema e na televisão, defendendo o papel social da cultura e da produção artística nacional.

Descrita como mulher forte, sensível e combativa, Glauce tornou-se referência para novas gerações de artistas. Sua trajetória é apresentada como exemplo de resistência cultural diante de contextos de censura, autoritarismo e precarização das artes. Sua imagem permanece associada à luta pela valorização da cultura brasileira e pelo reconhecimento dos artistas do então Mato Grosso.

Glauce Rocha faleceu em 12 de dezembro de 1971, aos 38 anos, vítima de complicações cardíacas. Sua morte causou grande comoção no meio artístico e cultural brasileiro, sendo lembrada como perda precoce de uma das mais expressivas intérpretes do país. Mesmo após sua morte, sua memória permaneceu fortemente vinculada à história cultural de Campo Grande e à luta pela valorização das artes no Brasil.

Seu nome foi posteriormente atribuído a importantes equipamentos culturais, como o Teatro Glauce Rocha, vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, reafirmando sua relevância para a memória artística e cultural sul-mato-grossense. Seus restos mortais encontram-se sepultados no Cemitério Santo Antônio, espaço que preserva a memória de personalidades fundamentais para a formação histórica, política e cultural de Campo Grande.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | GLAUCE ROCHA |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 12/10/1971 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 014 / 7ª |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO / CONTEMPORÂNEO |
| | | **DESCRIÇÃO** | GRANITO PRETO POLIDO |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | UMA DAS MAIORES ATRIZES BRASILEIRAS DA HISTÓRIA, SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA CULTURAL. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | ATUOU NO TEATRO, CINEMA NOVO E TELEVISÃO. LUTOU PELA VALORIZAÇÃO DA ARTE NACIONAL E LIBERDADE ARTÍSTICA SOB A DITADURA. DÁ NOME AO PRINCIPAL TEATRO DA UFMS. |

### 3.4.16 Zé Corrêa

Zé Corrêa, nome artístico de Valfridez Corrêa Braz, nasceu em 28 de outubro de 1945, na Fazenda Torquato, às margens do rio Urumbeva, na região conhecida como Água Fria, entre os municípios de Nioaque e Maracaju, então pertencentes ao antigo Mato Grosso. Filho de Manoel Pereira Braz e Zeferina Corrêa Braz, descendentes de gaúchos oriundos da região das Missões, desenvolveu desde cedo forte ligação afetiva com a cultura regional sul-mato-grossense, especialmente com a cidade de Maracaju, onde construiu vínculos familiares e amizades que marcariam sua trajetória artística.

Ainda na infância iniciou sua relação com a música ao tocar o acordeon de 80 baixos pertencente ao irmão mais velho. Autodidata, aprendeu sozinho as primeiras melodias e, aos poucos, passou a executar chamamés tradicionais presentes nas festas familiares e nos bailes regionais. Aos quinze anos já era reconhecido como acordeonista talentoso, destacando-se pela habilidade técnica e pela interpretação marcante do chamamé, gênero musical profundamente

ligado às tradições culturais da fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina.

Durante a juventude mudou-se para Santos, no estado de São Paulo, onde formou um trio musical com amigos campo-grandenses e passou a se apresentar em rádios, festas e pequenos eventos. A experiência fora do Mato Grosso permitiu contato com o mercado fonográfico, embora o reconhecimento de sua música tenha ocorrido principalmente em Campo Grande, cidade onde sua produção artística encontrou maior receptividade.

Seu talento ganhou projeção nacional a partir de 1967, quando participou da gravação do disco Gosto Tanto de Você, ao lado da dupla Délio & Delinha. Na ocasião, Zé Corrêa foi responsável pelos arranjos de acordeon das doze faixas do álbum, tornando-se um dos primeiros acordeonistas mato-grossenses a gravar um disco em vinil. O desempenho chamou a atenção da gravadora Califórnia, que o convidou para gravar seu primeiro trabalho solo, intitulado Acordeonista Orgulho de Mato Grosso, disco que alcançou grande repercussão regional e consolidou sua carreira artística.

Ao longo de pouco mais de uma década de atuação musical, gravou diversos discos e compactos, difundindo o chamamé em Mato Grosso e em outros estados brasileiros. Entre seus trabalhos mais conhecidos destacam-se os álbuns O Ídolo de Mato Grosso, lançado em 1969, e O Rei do Chamamé, título que acabou se tornando sua principal identificação artística. Sua técnica instrumental inovadora, baseada no chamado “acordeon duetado”, consistia na execução simultânea de melodias e baixarias, produzindo a sensação de dois instrumentos tocando em perfeita harmonia. Esse estilo influenciou gerações de acordeonistas e consolidou uma estética própria do chamamé sul-mato-grossense.

Além de intérprete virtuoso, Zé Corrêa também se destacou como compositor. Entre suas músicas mais conhecidas estão Orgulho de Mato Grosso, Bela Vista, Ranchinho Florido, Cantar da Angola, Quilômetro 11 e O Jacaré, obras que permanecem presentes no repertório de músicos regionalistas até os dias atuais. Seu trabalho contribuiu significativamente para a consolidação do chamamé

como expressão fundamental da identidade cultural sul-mato-grossense.

A importância histórica de sua trajetória tornou-se ainda mais evidente após o reconhecimento do chamamé como patrimônio cultural imaterial de Mato Grosso do Sul, em 2021, e da cidade de Campo Grande como Capital Nacional do Chamamé, em 2022. Nesse contexto, Zé Corrêa é frequentemente lembrado como um dos principais responsáveis pela difusão e valorização desse gênero musical no estado.

Zé Corrêa faleceu prematuramente em 9 de abril de 1974, aos 29 anos, em Campo Grande, vítima de homicídio. Sua morte interrompeu uma carreira artística meteórica, mas sua produção musical permaneceu como referência para o regionalismo sul-mato-grossense. Reconhecido como “O Rei do Chamamé”, deixou importante legado para a música de fronteira e para a cultura regional, sendo até hoje considerado um dos maiores acordeonistas da história de Mato Grosso do Sul. Seus restos mortais encontram-se sepultados no Cemitério Santo Antônio, espaço que preserva a memória de importantes personalidades da cultura e da história sul-mato-grossense.





| | |
|---|---|
| **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | ZÉ CORRÊA |
| **ANO DE FALECIMENTO** | 09/04/1974 |
| **QUADRA/ LOTE** | 004 / 395 |
| **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO / CONTEMPORÂNEO |
| **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO |
| **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | 'O REI DO CHAMAMÉ', RESPONSÁVEL POR CONSOLIDAR A IDENTIDADE MUSICAL DA FRONTEIRA. |
| **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | CRIOU A TÉCNICA DO ACORDEON 'DUETADO'. GRAVOU DISCOS ICÔNICOS E COMPÔS OBRAS IMORTAIS. SUA TÉCNICA |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | | | INFLUENCIOU O GÊNERO CONSIDERADO PATRIMÔNIO IMATERIAL. |

### 3.4.17 Lídia Baís

Lídia Baís nasceu em 24 de abril de 1900, em Campo Grande, então pertencente ao antigo Estado de Mato Grosso. Filha de Bernardo Franco Baís e Amélia Baís, integrou uma das famílias mais influentes da formação econômica e social da cidade, descendente de imigrantes italianos oriundos da região de Lucca, na Itália. Sua trajetória está diretamente ligada ao desenvolvimento cultural de Campo Grande nas primeiras décadas do século XX, sendo reconhecida como uma das pioneiras das artes plásticas em Mato Grosso do Sul.

Criada em ambiente familiar tradicional, Lídia estudou em colégios internos e, desde a juventude, apresentava comportamento considerado introspectivo e independente para os padrões sociais da época. Sua personalidade sensível, reservada e marcada por forte espiritualidade contribuiu para que fosse vista como figura singular na sociedade campo-grandense das décadas de 1920 e 1930.

Ainda jovem demonstrou interesse pelas artes e pela pintura, iniciando sua formação artística em um período em que a participação feminina no meio cultural era limitada. Em 1925 viajou para a Europa, acompanhada de Vespasiano Martins, permanecendo aproximadamente dez meses no continente europeu. Durante essa experiência teve contato com museus, galerias e diferentes manifestações artísticas, produzindo parte significativa de sua obra.

Posteriormente viveu no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde aprofundou seus estudos artísticos sob orientação de importantes nomes da arte brasileira, como Henrique Bernardelli e Ismael Nery. Sua produção artística incorporou influências acadêmicas, modernas e simbólicas, distinguindo-se na cena cultural mato-grossense por abordar temas religiosos, alegóricos e autobiográficos.

Ao retornar a Campo Grande, Lídia Baís passou a viver de forma mais reservada em sua residência localizada na Rua Padre João Crippa, imóvel que posteriormente se transformaria no Museu Lídia Baís. Embora muitas vezes incompreendida pela sociedade conservadora da época, continuou produzindo pinturas, desenhos e escritos, consolidando uma obra marcada pela originalidade e pela forte expressão pessoal.

A artista conviveu com certo isolamento social ao longo da vida, mas permaneceu profundamente ligada à arte e à produção cultural. Sua residência tornou-se espaço de criação artística e preservação de suas obras, reunindo pinturas, objetos pessoais, fotografias e escritos que ajudam a compreender sua trajetória humana e intelectual.

Nas décadas posteriores, sua produção passou a receber maior reconhecimento institucional e acadêmico, sendo considerada fundamental para a história das artes visuais em Mato Grosso do Sul. Exposições, pesquisas e ações culturais contribuíram para o resgate de sua memória e para a valorização de sua contribuição artística à cultura regional. Sua obra tornou-se referência para estudos sobre arte, memória e identidade cultural em Campo Grande.

Lídia Baís faleceu em Campo Grande em 19 de outubro de 1985, aos 85 anos. Seus restos mortais encontram-se sepultados no Cemitério Santo Antônio, espaço que preserva a memória de importantes personalidades responsáveis pela construção histórica, cultural e artística da cidade. Sua trajetória permanece associada ao desenvolvimento das artes visuais em Mato Grosso do Sul e à consolidação da identidade cultural campo-grandense.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | LÍDIA BAÍS |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 19/10/1985 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 010 / 31 |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO/ CONTEMPORÂNEO |
| | | **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | PIONEIRA NAS ARTES PLÁSTICAS MODERNAS DE MATO GROSSO DO SUL. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | DESENVOLVEU LINGUAGEM VANGUARDISTA APÓS ESTUDAR NA EUROPA E RJ. SUAS OBRAS EXPRESSAM FORTE ESPIRITUALIDADE, TEMAS ALEGÓRICOS E AUTOBIOGRÁFICOS. SUA RESIDÊNCIA É O MUSEU LÍDIA BAÍS. |

### 3.4.18 Hércules Maymone

Hércules Maymone nasceu em 15 de março de 1920, em Campo Grande, então pertencente ao antigo Estado de Mato Grosso. Filho de Cypríaco Maymone e Maria da Conceição Rosa Lagares Maymone, descendia de família de imigrantes italianos e portugueses que participaram do processo de formação da cidade. Desde a juventude destacou-se pelo interesse pelos estudos, pela dedicação ao trabalho e pelo envolvimento com atividades comunitárias e educacionais.

Realizou seus estudos iniciais em Campo Grande, cursando o Grupo Escolar Joaquim Murtinho e, posteriormente, o Ginásio Dom Bosco, concluindo a formação secundária em 1940. Durante a juventude participou ativamente de atividades esportivas, destacando-se no basquetebol, salto em altura e natação. Colegas e amigos da época descreviam-no como jovem disciplinado, estudioso, gentil e profundamente comprometido com o conhecimento.

Em 1941 mudou-se para o Rio de Janeiro para dar continuidade à formação

acadêmica. Inicialmente pretendia cursar Medicina, porém, devido ao contexto da Segunda Guerra Mundial, foi incorporado ao Exército Brasileiro, atuando na área de saúde militar. Posteriormente transferiu-se para Fortaleza, no Ceará, onde concluiu, em 1946, o curso de Farmácia pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará. Especializou-se em Análises Clínicas pelo Serviço de Saúde do Exército e atuou como oficial farmacêutico militar em diferentes regiões do país.

Casou-se em 1948, em Fortaleza, com Therezinha do Menino Jesus de Alencar, filha de tradicional família cearense. O casal teve cinco filhos. A família acompanhou sua intensa trajetória profissional e educacional, marcada pelo compromisso com o desenvolvimento cultural e científico de Campo Grande.

Ao retornar a Campo Grande, Hércules Maymone passou a exercer atividades farmacêuticas e laboratoriais, tornando-se referência na área de análises clínicas e saúde pública. Atuou como chefe do Laboratório de Análises Clínicas do Hospital Militar de Campo Grande e do Banco de Sangue da instituição, além de professor e dirigente de importantes instituições de ensino e pesquisa.

Sua principal contribuição histórica esteve ligada à implantação do ensino superior em Mato Grosso do Sul. Na década de 1960 liderou, ao lado de médicos, farmacêuticos, dentistas e educadores, o movimento pela criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Campo Grande. Participou diretamente das articulações políticas, administrativas e institucionais que culminaram, em 9 de novembro de 1962, na aprovação da Lei nº 1.755/62, responsável pela criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso.

Em 8 de julho de 1964 ocorreu a aula inaugural da nova instituição, considerada marco fundamental para a interiorização do ensino superior no então sul de Mato Grosso. Hércules Maymone tornou-se o primeiro diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia, exercendo papel decisivo na estruturação administrativa, acadêmica e científica da instituição. Sua atuação foi fundamental para o processo que posteriormente resultaria na criação da

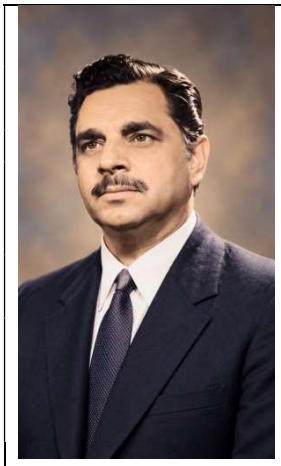
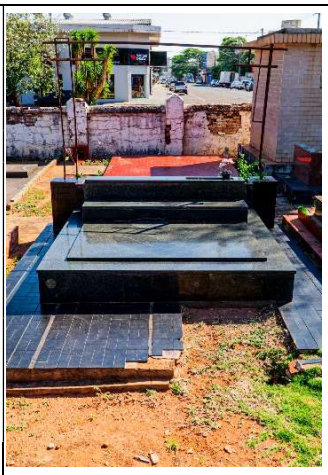
Universidade Estadual de Mato Grosso e, mais tarde, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Ao longo de sua trajetória exerceu diversas funções públicas e acadêmicas. Foi Secretário de Educação e Cultura de Campo Grande, Secretário de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso, membro do Conselho Estadual de Educação, pró-reitor universitário e vice-reitor da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Também participou de projetos voltados à implantação de centros universitários em diferentes municípios do Estado.

Reconhecido como educador nato, Hércules Maymone defendia a educação como instrumento de transformação social e desenvolvimento regional. Seus colegas e alunos o descreviam como homem dedicado, conciliador e profundamente comprometido com a formação humana e profissional das novas gerações. Além da atuação acadêmica, cultivava grande apreço pela literatura, pela poesia e pela música regional sul-mato-grossense.

Recebeu inúmeras homenagens ao longo da vida, incluindo medalhas, diplomas de mérito e reconhecimentos institucionais ligados à educação, à saúde e ao desenvolvimento científico. Entre elas destaca-se a homenagem prestada pelo Diretório Acadêmico Hércules Maymone (DAHERMA) criado pelos estudantes da Faculdade de Farmácia e Odontologia em reconhecimento à sua contribuição para o ensino superior regional.

Hércules Maymone faleceu em 1º de setembro de 1991, após complicações decorrentes de uma cirurgia cardíaca. Sua trajetória permanece associada à consolidação do ensino superior em Mato Grosso do Sul e à formação intelectual de gerações de profissionais da saúde e da educação. Seu legado transformou profundamente a história educacional de Campo Grande e do Estado.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | HÉRCULES MAYMONE |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 01/09/1991 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 00U / 2 |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO/ CONTEMPORÂNEO |
| | | **DESCRIÇÃO** | GRANITO PRETO POLIDO E FERRO |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | EDUCADOR, FARMACÊUTICO E PIONEIRO DO ENSINO SUPERIOR EM MS. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | LIDEROU O MOVIMENTO PELA 1ª FACULDADE DE FARMÁCIA E ODONTOLOGIA DO ESTADO (1962), TORNANDO-SE SEU 1º DIRETOR. ESTRUTUROU O ENSINO SUPERIOR, GERME DA CRIAÇÃO DA UFMS. |

### 3.4.19 Arnaldo Estêvão de Figueiredo

Arnaldo Estêvão de Figueiredo nasceu em 18 de agosto de 1892, em Rosário Oeste, no então Estado de Mato Grosso. Filho de Antônio Estêvão de Figueiredo e Antônia Maria de Almeida Figueiredo, descendia de tradicionais famílias cuiabanas ligadas ao processo de ocupação e desenvolvimento do antigo Mato Grosso. Sua infância transcorreu entre Rosário e Cuiabá, em meio ao ambiente rural e às transformações políticas que marcaram o final do século XIX, período ainda influenciado pelos conflitos decorrentes da Revolução Federalista e das disputas políticas regionais.

Realizou os primeiros estudos em Cuiabá, ingressando posteriormente no tradicional Liceu Cuiabano, onde concluiu o curso de Ciências e Letras em 1911. Destacou-se desde jovem pela dedicação aos estudos e pelo interesse pelas ciências agrárias e territoriais. No mesmo ano recebeu bolsa de estudos do governo estadual para cursar Engenharia Agronômica na Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel, em Pelotas, no Rio Grande do Sul, uma das principais

instituições agrícolas do país naquele período.

Durante a formação acadêmica, entrou em contato com modernas técnicas agrícolas, sistemas de irrigação, topografia, demarcação territorial e planejamento rural, conhecimentos que posteriormente aplicaria no desenvolvimento econômico e territorial do sul de Mato Grosso. Arnaldo Estêvão absorveu fortemente as ideias de modernização agrícola difundidas no sul do país, especialmente relacionadas à colonização produtiva e ao aproveitamento racional das terras.

Concluiu o curso de Engenharia Agronômica em 1915 e retornou ao antigo Mato Grosso em um contexto marcado pela expansão econômica regional, pela valorização das terras e pelo avanço da ocupação territorial. Entre 1916 e 1917 realizou importantes trabalhos de demarcação de seringais e propriedades rurais no norte do Estado, especialmente na região do Rio Arinos, enfrentando longas expedições em áreas de difícil acesso. Essas experiências contribuíram para consolidar sua reputação técnica e profissional.

Em 1917 mudou-se para Campo Grande, cidade que então passava por acelerado processo de crescimento impulsionado pela chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e pela expansão agropecuária. Na região sul do Estado atuou em levantamentos topográficos, demarcação de terras devolutas e organização territorial de fazendas e patrimônios urbanos. Também participou da definição dos patrimônios de Jaraguari e Ribas do Rio Pardo, colaborando diretamente para a estruturação territorial da região.

Sua atuação técnica rapidamente aproximou-o da política regional. Em 1919 foi eleito vice-intendente de Campo Grande pelo Partido Republicano Mato-Grossense e, em 1920, assumiu a administração municipal após a renúncia do titular. Posteriormente voltou ao cargo entre 1924 e 1926, período em que desenvolveu importantes ações voltadas à infraestrutura urbana, ao abastecimento de água e à integração regional. Uma das principais preocupações de sua administração era resolver os problemas relacionados ao abastecimento

de água da cidade, tema considerado fundamental para a modernização urbana e para as condições sanitárias da população.

Além das obras urbanas, Arnaldo Estêvão esteve diretamente ligado ao incentivo à colonização agrícola no sul de Mato Grosso. Defendia a ocupação produtiva das terras e a implantação de colônias agrícolas como estratégia de desenvolvimento econômico regional. Em sua gestão incentivou a criação da Colônia Agrícola de Terenos e participou de projetos ligados às colônias de Jaraguari e Ribas do Rio Pardo. O documento ressalta que essas iniciativas contribuíram para o fortalecimento da agricultura regional e para a formação de novos núcleos urbanos.

Em 1924 participou da fundação do Rádio Clube de Campo Grande, instituição voltada à integração social e cultural da cidade. Também atuou em projetos ligados à abertura de estradas e melhoria dos caminhos de ligação entre os municípios da região, defendendo a necessidade de infraestrutura para acompanhar o crescimento econômico do sul mato-grossense.

Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, Arnaldo Estêvão apoiou o movimento liderado por Vespasiano Barbosa Martins, integrando o governo revolucionário do sul de Mato Grosso como diretor de Obras Públicas. Sua participação esteve associada ao movimento divisionista que defendia maior autonomia política e administrativa para a região sul do Estado. Após o fracasso do movimento, afastou-se temporariamente da política, retornando posteriormente à vida pública.

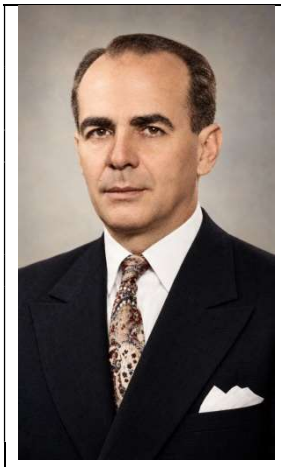
Com a redemocratização após o Estado Novo, foi eleito governador de Mato Grosso em 1947, assumindo o cargo em 1948. Sua administração foi marcada pelo incentivo à colonização agrícola, pela criação de estradas, pela regularização fundiária e pelo fortalecimento da infraestrutura estadual. Durante seu governo criou a Delegacia Especial de Terras e Colonização, órgão responsável pela organização fundiária e pelo controle territorial do Estado. Também incentivou a ocupação agrícola das regiões sul e norte de Mato Grosso,

contribuindo para a formação de importantes núcleos urbanos.

Atuaou em defesa da divisão territorial do antigo Mato Grosso. Arnaldo Estêvão compreendia que o desenvolvimento econômico e administrativo da região sul exigia maior autonomia política, posicionamento que décadas depois contribuiria simbolicamente para a criação do Estado de Mato Grosso do Sul em 1977.

Ao longo da vida recebeu inúmeras homenagens e títulos honoríficos relacionados à engenharia agronômica, à administração pública e ao desenvolvimento regional. Foi reconhecido como uma das figuras centrais da modernização territorial e econômica do antigo Mato Grosso, deixando importante legado para Campo Grande e para a formação do atual Mato Grosso do Sul.

Arnaldo Estêvão de Figueiredo faleceu em 14 de dezembro de 1991, em Campo Grande, aos 99 anos. Seus restos mortais encontram-se sepultados no Cemitério Santo Antônio, espaço que reúne personalidades fundamentais para a formação política, urbana e cultural da cidade.

<table>
<tr>
<td rowspan="8"></td>
<td rowspan="8"></td>
<td>IDENTIFICAÇÃO (NOME)</td>
<td>ARNALDO ESTÊVÃO DE FIGUEIREDO</td>
</tr>
<tr>
<td>ANO DE FALECIMENTO</td>
<td>14/12/1991</td>
</tr>
<tr>
<td>QUADRA/ LOTE</td>
<td>00E / 6</td>
</tr>
<tr>
<td>ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO</td>
<td>MODERNO</td>
</tr>
<tr>
<td>DESCRIÇÃO</td>
<td>GRANITO POLIDO</td>
</tr>
<tr>
<td>RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL</td>
<td>ENGENHEIRO AGRÔNOMO, INTENDENTE E GOVERNADOR. PILAR DO DIVISIONISMO.</td>
</tr>
<tr>
<td>BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES</td>
<td>IMPLANTOU MODERNIZAÇÃO TERRITORIAL (DEMARCAÇÕES) E COLÔNIAS AGRÍCOLAS. COMO PREFEITO, AMPLIOU A INFRAESTRUTURA HÍDRICA. COMO GOVERNADOR (1947),</td>
</tr>
</table>

| | | | |
|---|---|---|---|
| | | | PRIORIZOU ESTRADAS E REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA. |

### 3.4.20 Conceição Ferreira

Conceição Ferreira nasceu em 21 de abril de 1904, na aldeia de Lardosa, em Portugal. Ainda jovem demonstrou interesse pelas artes cênicas e estudou Arte Dramática no Conservatório Gil Vicente, em Lisboa. Sua formação teatral antecedeu uma longa trajetória artística que a levaria de Portugal ao Brasil e, posteriormente, ao então Estado de Mato Grosso, onde se tornaria uma das principais pioneiras do teatro e do cinema regional.

Em 1924, aos vinte anos, mudou-se para o Brasil, estabelecendo-se inicialmente no Rio de Janeiro. Na capital brasileira, estreou no Teatro Recreio e passou a integrar companhias profissionais, entre elas a Companhia Teatral Oduvaldo Viana e a Companhia Teatral Maria Castro. Com esses grupos percorreu diferentes cidades das regiões Norte e Nordeste, acumulando experiência como atriz em um período marcado pela circulação de companhias teatrais pelo interior do país.

No final da década de 1920, Conceição chegou ao então Estado de Mato Grosso acompanhando uma companhia teatral. Percorreu cidades como Aquidauana, Miranda, Corumbá, Cáceres, Cuiabá, Três Lagoas, Campo Grande e Ponta Porã, chegando também ao Paraguai. A passagem por Campo Grande acabaria modificando definitivamente sua trajetória, pois a atriz decidiu estabelecer vínculos duradouros com a cidade e participar ativamente de sua ainda incipiente vida cultural.

Sua presença tornou-se particularmente importante para a história do cinema regional quando recebeu o convite para participar de Alma do Brasil, produção realizada em Campo Grande por Líbero Luxardo e Alexandre Wulfes. Inspirado em acontecimentos relacionados à Guerra do Paraguai e à Retirada da Laguna, o filme é reconhecido como uma das obras pioneiras da cinematografia produzida

no então Mato Grosso. Conceição integrou o elenco como uma de suas principais intérpretes, vinculando seu nome a um dos primeiros capítulos da história do audiovisual sul-mato-grossense.

Após estabelecer-se em Campo Grande, passou a desempenhar papel decisivo na organização do teatro local. Reuniu jovens da sociedade campo-grandense e formou uma companhia teatral, promovendo ensaios, preparando novos atores e estimulando a realização de espetáculos em uma cidade que ainda não possuía um teatro municipal. Os ensaios aconteciam, entre outros espaços, na residência do maestro Emídio Campos Vidal, enquanto as apresentações eram realizadas principalmente em cinemas adaptados para receber espetáculos cênicos.

Um dos episódios mais significativos dessa atuação ocorreu no antigo Cine Trianon, que passou a funcionar também como palco teatral. Em 17 de julho de 1932, Conceição e o grupo formado sob sua orientação apresentaram a peça Cabocla Bonita, de Marques Porto e Ary Sayão. Ao lado da atriz participaram jovens campo-grandenses como Samuel Barbato, Luiza Campos Vidal, Gasparina Pepino, Fausto Moraes, Otaviano de Souza, Djalma Leite e Francisco Leal Júnior. Outras montagens, como O Gaiato de Lisboa e No Mundo da Lua, contribuíram para ampliar a presença do teatro na vida cultural da cidade.

Sua importância ultrapassou a atuação nos palcos. Conceição incentivou jovens interessados nas artes cênicas, orientou grupos amadores e colaborou para estabelecer uma cultura teatral em Campo Grande. Também atuou como apresentadora na Rádio Difusora de Campo Grande, a PRI-7, ampliando sua presença no meio cultural e nos meios de comunicação locais.

Ao longo de sua permanência na cidade, Conceição Ferreira tornou-se também uma defensora da construção de um teatro municipal. Em uma época em que espetáculos precisavam ocupar cinemas, salões e outros espaços improvisados, participou de movimentos que reivindicavam a criação de uma estrutura pública especificamente destinada às artes cênicas. O projeto não se concretizou durante sua vida, mas permaneceu associado à sua memória e ao reconhecimento de sua

importância para a história teatral de Campo Grande.

Em sua vida pessoal, foi casada com José Ferreira. Após ficar viúva, mudou-se durante determinado período para São Paulo, mantendo, entretanto, fortes vínculos com Campo Grande, onde residia um de seus filhos e para onde retornava com frequência. Sua relação com a cidade permaneceu afetiva e culturalmente ativa mesmo nos últimos anos de vida.

Nas décadas seguintes, sua contribuição passou a receber reconhecimento das instituições culturais sul-mato-grossenses. Nos anos 1980, foi homenageada pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul e pelo Cineclube de Campo Grande em cerimônia realizada no Teatro Glauce Rocha, acompanhada de uma apresentação relacionada ao filme Alma do Brasil. A homenagem reuniu também antigos participantes da produção cinematográfica e representou o reconhecimento público de uma trajetória iniciada nos primeiros anos da formação cultural da cidade.

Conceição Ferreira faleceu em 29 de maio de 1992, aos 88 anos, em Campo Grande. Sua trajetória permanece vinculada à implantação e ao fortalecimento das artes cênicas na cidade, à formação das primeiras gerações de atores locais e aos primórdios da produção cinematográfica regional. Atriz, incentivadora cultural e formadora de artistas, Conceição Ferreira ocupa posição singular na memória cultural campo-grandense, sendo reconhecida como uma das mulheres que contribuíram decisivamente para abrir espaço para o teatro e o cinema em Mato Grosso do Sul.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | CONCEIÇÃO FERREIRA |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 29/05/1992 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 00E |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | VERNACULAR / POPULAR |
| | | **DESCRIÇÃO** | ALVENARIA E LAJOTA CERÂMICA |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | PIONEIRA NAS ARTES CÊNICAS E CINEMATOGRAFIA NO ESTADO. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | ATRIZ DO PIONEIRO FILME 'ALMA DO BRASIL'. CRIOU COMPANHIAS TEATRAIS LOCAIS EM CAMPO GRANDE, ENCENANDO AS PRIMEIRAS GRANDES PEÇAS DA CIDADE E FORMANDO GERAÇÕES DE ATORES. |

### 3.4.21 Maria Constança de Barros Machado

Maria Constança de Barros Machado nasceu em 12 de outubro de 1899, em Cuiabá, então capital do antigo Estado de Mato Grosso. Filha de Joana da Costa Barros e neta de Amélia da Costa Barros, cresceu em uma família de origem modesta, marcada pelo incentivo à educação e pelo apreço aos estudos. Desde cedo demonstrou dedicação à vida escolar, destacando-se pela disciplina e pelo interesse pelo magistério.

Realizou sua formação inicial em Cuiabá, estudando no Barão de Melgaço e posteriormente na Escola Normal Pedro Celestino, onde consolidou a base pedagógica que marcaria toda a sua trajetória profissional. Ainda jovem, desenvolveu forte interesse pela educação pública e pelo ensino como instrumento de transformação social.

Em 1917, motivada pelo desejo de atuar como professora no interior do Estado, mudou-se para Campo Grande, cidade que, naquele período, ainda apresentava características de pequeno núcleo urbano em processo de crescimento. A

mudança representou importante marco em sua vida pessoal e profissional. Ao chegar à cidade, passou a atuar no ensino primário, iniciando uma trajetória que a transformaria em uma das figuras mais importantes da educação sul-mato-grossense.

Ao longo das décadas seguintes, Maria Constança dedicou-se integralmente ao magistério. Lecionou em diversas instituições e participou ativamente da consolidação do sistema educacional de Campo Grande. Em 1922, assumiu funções no Grupo Escolar Joaquim Murtinho e, posteriormente, participou da implantação da Escola Normal Joaquim Murtinho, destinada à formação de professores. Sua atuação esteve sempre associada à disciplina, ao rigor pedagógico e à defesa da educação pública de qualidade.

Em 1939, esteve diretamente envolvida na criação do Liceu Campograndense, posteriormente transformado em Ginásio Estadual Campo-Grandense, instituição que mais tarde se consolidaria como o tradicional Colégio Estadual Campo-Grandense, atualmente conhecido como Escola Estadual Maria Constança Barros Machado. O estabelecimento tornou-se referência regional na formação educacional e cultural da juventude campo-grandense.

Reconhecida por sua firmeza e comprometimento com o ensino, Maria Constança exerceu a direção do Ginásio Estadual Campo-Grandense em diferentes períodos. Sua gestão foi marcada pela valorização da disciplina, da organização escolar e do desempenho acadêmico. Defendia a educação como instrumento de formação moral e intelectual, acompanhando de perto professores, alunos e atividades pedagógicas.

Além da atuação educacional, participou de importantes transformações urbanas e institucionais de Campo Grande. Durante sua trajetória, acompanhou o crescimento da cidade, a implantação de novos prédios escolares e a consolidação das políticas públicas voltadas à educação. Teve participação ativa na defesa da construção do novo prédio do Colégio Estadual, inaugurado em 1954 com projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer, considerado um dos marcos

da arquitetura moderna em Mato Grosso do Sul.

Sua vida pessoal também esteve profundamente ligada à cidade. Casou-se em 1926 com Sebastião José Machado, militar e dentista natural de Lorena, São Paulo. O casal teve dois filhos. Maria Constança conciliou a vida familiar com intensa dedicação ao trabalho educacional, mantendo-se ativa profissionalmente por várias décadas.

Além do magistério, envolveu-se em ações sociais e comunitárias. Na década de 1970, atuou na Associação de Amparo à Maternidade e à Infância, contribuindo para a reorganização financeira e administrativa da instituição, além da ampliação dos serviços prestados à população.

Ao longo da vida, recebeu diversas homenagens pelo trabalho desenvolvido na educação campo-grandense. Em 1949, vereadores propuseram seu nome para a principal escola pública estadual da cidade, reconhecimento oficializado posteriormente. Em 1967, recebeu o título de cidadã campo-grandense pelos relevantes serviços prestados ao município.

Maria Constança de Barros Machado consolidou-se como uma das principais referências da educação em Campo Grande, deixando importante legado para a formação cultural e intelectual da cidade. Sua trajetória permanece associada à história da educação pública sul-mato-grossense e à consolidação das instituições escolares que marcaram o desenvolvimento urbano e social de Campo Grande.

Faleceu em 27 de abril de 1995, aos 95 anos, deixando um legado de mais de meio século dedicado à educação e à formação cultural de Campo Grande.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | MARIA CONSTANÇA DE BARROS MACHADO |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 27/04/1995 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 00E / 5 |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | VERNACULAR / POPULAR |
| | | **DESCRIÇÃO** | CONCRETO EM TERRA BATIDA |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | EDUCADORA EXEMPLAR, REFERÊNCIA MÁXIMA DO MAGISTÉRIO NO ESTADO. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | PROFESSORA, IMPLANTOU A ESCOLA NORMAL E FOI DIRETORA RIGOROSA DO COLÉGIO ESTADUAL CAMPO-GRANDENSE. SUA LIDERANÇA PEDAGÓGICA GARANTIU A EXECUÇÃO DO HISTÓRICO PRÉDIO DESENHADO POR NIEMEYER. |

### 3.4.22 José Boaventura Sá Rosa

José Boaventura Sá Rosa nasceu em 17 de dezembro de 1955, no Rio de Janeiro. Filho de Maria da Glória Sá Rosa, importante educadora, escritora e referência da vida cultural sul-mato-grossense, ainda criança mudou-se para Campo Grande, cidade onde cresceu e desenvolveu praticamente toda a sua trajetória artística. Conhecido também como “Boa”, tornou-se músico, compositor e instrumentista, destacando-se especialmente pela maneira singular como aproximou o blues das sonoridades regionais de Mato Grosso do Sul.

Seu contato com a música começou cedo. Aos doze anos iniciou os estudos de violão e, em 1968, já participava como intérprete de festivais estudantis de música. Esses eventos tiveram papel importante na formação da geração de músicos que, nas décadas seguintes, passaria a construir uma produção musical

identificada com Mato Grosso do Sul, reunindo referências da música brasileira, do universo fronteiriço e de diferentes gêneros internacionais.

Durante as décadas de 1970 e 1980, Boaventura participou ativamente dos festivais de música realizados no Estado, inserindo-se no ambiente cultural que acompanhou a criação de Mato Grosso do Sul e a busca por uma identidade artística regional. Em 1982, participou do projeto Prata da Casa, registrado em disco ao vivo e reconhecido como importante iniciativa de valorização dos compositores e intérpretes sul-mato-grossenses.

No final de 1982, iniciou uma experiência que marcaria profundamente sua produção musical. Viajou inicialmente para Milão, na Itália, e, em 1983, seguiu para a Ásia, permanecendo aproximadamente dois anos fora do Brasil. Viveu principalmente na Índia, onde se dedicou ao estudo da cítara, instrumento tradicional indiano, além de percorrer países como Nepal, Tailândia, Paquistão e Birmânia. A experiência ampliou suas referências musicais e passou a influenciar diretamente seu trabalho posterior.

De volta ao Brasil, Boaventura desenvolveu uma proposta musical singular, aproximando a sonoridade da cítara das canções regionais, do violão, do country e, especialmente, do blues. Durante a década de 1980 realizou recitais e apresentações nas quais mesclava essas diferentes referências. Nos anos 1990, formou o grupo Dharma, explorando o diálogo entre cítara, violão acústico e percussão, experiência pouco comum no cenário musical brasileiro daquele período.

Em 1995 lançou seu primeiro CD, Oceanos no Céu, reunindo composições que combinavam elementos da música regional com influências do country e do blues. O trabalho consolidou sua identidade como compositor e instrumentista interessado em aproximar diferentes universos musicais, mantendo forte vínculo com a produção cultural sul-mato-grossense.

Seu papel na história do blues em Mato Grosso do Sul ganhou maior projeção em 2002, com o lançamento do álbum Blues e Sonhos no Rio dos Tuiuiús. A

obra é reconhecida como o primeiro álbum de blues produzido oficialmente no Estado e tornou-se um marco para o desenvolvimento do gênero na cena musical regional. Suas composições apresentavam uma leitura particular do blues, incorporando referências da paisagem, da cultura e das experiências próprias de Mato Grosso do Sul.

Ao longo da carreira, apresentou-se em diferentes espaços e eventos culturais, entre eles o Festival de Inverno de Bonito, o Clube do Jazz, o Stones Blues Bar, o Projeto Sesc Encena, no Teatro Prosa, e a Usina Conceição Ferreira. Em 2004, participou ainda da primeira coletânea de rock de Mato Grosso do Sul, Bônus Track, com a composição Entre o Medo e o Poder, demonstrando a diversidade de sua atuação musical.

José Boaventura faleceu em 23 de abril de 2005, aos 49 anos. Na época, trabalhava na produção de um novo disco, deixando gravações e composições ainda inéditas. Após sua morte, músicos e admiradores passaram a desenvolver iniciativas destinadas à preservação e divulgação de sua obra, reconhecendo sua importância para a consolidação do blues em Mato Grosso do Sul.

Sua influência permaneceu presente entre músicos das gerações seguintes. Em 2013, oito anos após sua morte, artistas ligados à cena do blues sul-mato-grossense organizaram ações para recuperar e divulgar sua produção, e a primeira edição de um festival dedicado ao gênero em Bonito escolheu homenageá-lo. O reconhecimento reafirmou sua posição como um dos pioneiros responsáveis por estabelecer referências para o blues produzido no Estado.

A trajetória de José Boaventura Sá Rosa representa uma experiência singular na história musical de Mato Grosso do Sul. Ao reunir blues, música regional e sonoridades orientais, desenvolveu uma linguagem própria e participou ativamente da construção da identidade musical sul-mato-grossense. Sua produção permanece como registro de um período de intensa efervescência cultural e como referência para músicos que deram continuidade à cena do blues em Campo Grande e no Estado.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | JOSÉ BOAVENTURA SÁ ROSA |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 23/04/2005 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 00E / 11 |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO/ CONTEMPORÂNEO |
| | | **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | MÚSICO VANGUARDISTA QUE FUNDIU O BLUES COM ELEMENTOS DA CULTURA REGIONAL E INDIANA. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | VIAJOU PELA ÁSIA, INTRODUZIU A CÍTARA NO ESTADO. GRAVOU O PRIMEIRO DISCO OFICIAL DE BLUES EM MS ('BLUES E SONHOS NO RIO DOS TUIUIÚS'). CRIADOR DE FORTE ESTÉTICA E MUSICALIDADE REGIONAL E MULTICULTURAL. |

### 3.4.23 José Manuel Fontanillas Fragelli

José Manuel Fontanillas Fragelli nasceu em 31 de dezembro de 1915, em Corumbá, então pertencente ao Estado de Mato Grosso. Filho do médico, jornalista e político Nicolau Fragelli, sua trajetória esteve ligada à vida pública regional e nacional, com atuação no Direito, na educação, no jornalismo e, principalmente, na política. Realizou parte de seus estudos no Colégio Santa Teresa, em Corumbá, no Ginásio Dom Bosco, em Campo Grande, e no Colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro. Em 1938, graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da Universidade de São Paulo.

Sua relação profissional com Campo Grande iniciou-se logo após a formação. Em 1939, assumiu o cargo de promotor de Justiça na cidade, função que exerceu

até 1943. Também atuou como professor e diretor do Colégio Osvaldo Cruz e esteve ligado à imprensa local, como redator-chefe do jornal Correio do Estado. Essas atividades antecederam uma extensa carreira política, desenvolvida inicialmente no antigo Estado de Mato Grosso.

Em 1947, pela União Democrática Nacional (UDN), foi eleito deputado para a Assembleia Constituinte de Mato Grosso, sendo posteriormente reeleito deputado estadual. Durante esse período, exerceu funções de liderança parlamentar e ocupou cargos no governo estadual, entre eles os de secretário do Interior, Justiça e Finanças. Em 1955, assumiu mandato como deputado federal por Mato Grosso, permanecendo na Câmara dos Deputados até 1959.

Após um período de afastamento da atividade parlamentar, durante o qual voltou a exercer a advocacia em Campo Grande, Fragelli retornou à política no contexto instaurado após o golpe civil-militar de 1964. Filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena) e, posteriormente, foi escolhido para governar Mato Grosso, exercendo o cargo entre 1971 e 1975. Sua administração ocorreu antes da divisão territorial que, em 1977, resultaria na criação de Mato Grosso do Sul.

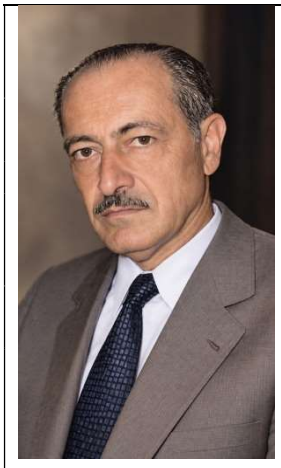
Em novembro de 1980, José Fragelli assumiu uma cadeira no Senado Federal como suplente de Pedro Pedrossian, que deixou o mandato para assumir o governo de Mato Grosso do Sul. No Senado, integrou diferentes comissões e alcançou uma das posições mais importantes de sua carreira política ao ser eleito presidente do Senado Federal e, consequentemente, do Congresso Nacional, para o período de 1985 a 1987.

Sua atuação nesse momento coincidiu com a transição do regime militar para a Nova República. Em março de 1985, diante da internação de Tancredo Neves às vésperas da posse presidencial, coube a José Fragelli, na condição de presidente do Congresso Nacional, conduzir a cerimônia de posse do vice-presidente José Sarney. O episódio colocou o político sul-mato-grossense em posição de destaque em um dos momentos mais significativos do processo de

redemocratização brasileira.

Além da atuação jurídica e política, Fragelli manteve vínculos com a educação, o jornalismo e a produção intelectual. Foi membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, onde ocupou a Cadeira nº 10, ampliando sua participação na vida cultural do estado.

Depois de deixar o Senado, afastou-se progressivamente da vida política e dedicou-se às atividades rurais. Faleceu em 30 de abril de 2010, aos 94 anos, em Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Sua trajetória, iniciada no ambiente político e intelectual de uma família tradicional do antigo Mato Grosso, alcançou projeção nacional e atravessou diferentes períodos da história política brasileira, da redemocratização de 1945 ao regime militar e à construção da Nova República.





| | |
|---|---|
| **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | JOSÉ MANUEL FONTANILLAS FRAGELLI |
| **ANO DE FALECIMENTO** | 30/04/2010 |
| **QUADRA/ LOTE** | 00H/ 4 |
| **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | NEOCLÁSSICO / ECLÉTICO |
| **DESCRIÇÃO** | MÁRMORE COM ESCULTURA SACRA |
| **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | FIGURA DE PESO NACIONAL: GOVERNADOR DE MT, SENADOR E PRESIDENTE DO CONGRESSO NACIONAL. |
| **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | POLÍTICO (UDN/ARENA). PROMOTOR, DEPUTADO ESTADUAL E FEDERAL. COMO PRESIDENTE DO CONGRESSO, TEVE PAPEL HISTÓRICO NA TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA, CONDUZINDO A POSSE PRESIDENCIAL DE JOSÉ SARNEY (1985). |

### 3.4.24 Maria da Glória Sá Rosa

Maria da Glória Sá Rosa nasceu em 16 de agosto de 1927, em Mombaça, no Estado do Ceará. Ainda jovem mudou-se com a família para Campo Grande, cidade com a qual construiu profunda relação afetiva, intelectual e cultural ao longo de toda a vida. Tornou-se uma das figuras mais importantes da educação, da literatura e da promoção cultural de Mato Grosso do Sul, sendo carinhosamente conhecida como “Professora Glorinha”.

Ao chegar a Campo Grande em 1934, encontrou uma cidade ainda em processo de formação urbana, marcada por ruas pouco estruturadas, forte convivência comunitária e intensa vida cultural popular. Em suas memórias, descreve a cidade como espaço de convivência simples, onde brincadeiras de rua, festas populares, cinema, teatro e carnaval faziam parte do cotidiano da população. Essas experiências contribuíram para a construção de sua sensibilidade artística e de seu interesse pela cultura regional.

Formou-se professora e dedicou grande parte de sua trajetória profissional ao ensino, à literatura e às políticas culturais. Atuou durante mais de três décadas na área cultural e educacional do Estado, tornando-se referência na valorização da arte, da memória e da identidade sul-mato-grossense. Atuou intensamente em projetos culturais, festivais, concursos literários, pesquisas e programas educativos voltados à democratização do acesso à cultura.

Ao longo da carreira, participou da organização de festivais de teatro, música e artes, além de coordenar projetos vinculados à universidade e aos órgãos de cultura. Também esteve ligada ao programa televisivo “Recado”, exibido pela TV Educativa, por meio do qual desenvolveu ações de incentivo à literatura, à arte e à formação cultural da população. Sua atuação foi marcada pela defesa da criatividade, da educação artística e do patrimônio cultural regional.

Maria da Glória Sá Rosa também exerceu papel importante na preservação e valorização da memória cultural de Mato Grosso do Sul. Preocupou-se com a ausência de políticas efetivas de conservação do patrimônio histórico e artístico,

defendendo maior atenção do poder público para museus, bibliotecas, escolas e espaços culturais. Para ela, a valorização da cultura dependia do fortalecimento da educação e da construção de consciência coletiva sobre a importância da memória.

Além da atuação institucional, destacou-se como escritora, crítica de arte, cronista e pesquisadora da cultura regional. Suas reflexões abordavam literatura, teatro, música, educação e identidade sul-mato-grossense, sempre com linguagem acessível e sensível às transformações sociais da cidade e do Estado. O texto evidencia sua defesa permanente da arte como instrumento de transformação humana e social.

Em sua trajetória pessoal, casou-se com José Ferreira Rosa, com quem teve quatro filhos. A relação familiar aparece no texto como importante base afetiva para sua intensa vida profissional e intelectual. Mesmo conciliando maternidade, ensino e atuação cultural, manteve participação ativa em projetos educacionais, viagens, pesquisas e eventos culturais dentro e fora do país.

Descrita como mulher dinâmica, inquieta e profundamente comprometida com a cultura, Maria da Glória Sá Rosa tornou-se símbolo da promoção artística e educacional em Mato Grosso do Sul. Seu trabalho esteve diretamente ligado à valorização dos artistas regionais e à consolidação de políticas culturais voltadas à formação de público e ao fortalecimento da identidade local.

Maria da Glória entendia que a mulher deveria conquistar espaços por meio da educação, da autonomia intelectual e da atuação profissional, posicionando-se contra estruturas conservadoras que limitavam a presença feminina na vida pública e cultural.

Ao longo da vida, recebeu diversos reconhecimentos por sua contribuição à educação e à cultura sul-mato-grossense, consolidando-se como uma das maiores referências intelectuais do Estado. Sua trajetória permanece associada à história cultural de Campo Grande e à valorização das manifestações artísticas regionais. Faleceu em 28 de julho de 2016 devido a um AVC. Seus restos

mortais encontram-se sepultados no Cemitério Santo Antônio, espaço que preserva a memória de personalidades fundamentais para a formação cultural, educacional e histórica da cidade.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 28/07/2016 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 00O/ 23 |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | ECLÉTICA |
| | | **DESCRIÇÃO** | JAZIGO CAPELA COM COLUNAS |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | A 'PROFESSORA GLORINHA'. MATRIARCA DA CULTURA E IDENTIDADE LITERÁRIA DO ESTADO. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | ESCRITORA, CRÍTICA DE ARTE E FUNDADORA DE POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS. CRIOU PROGRAMAS DE TV EDUCATIVOS, COORDENOU GRANDES FESTIVAIS E ESTRUTUROU O REGISTRO DA MEMÓRIA CULTURAL SUL-MATO-GROSSENSE. |

### 3.4.25 Sarah Abussafi Figueiró

Sarah Abussafi Figueiró nasceu em 24 de maio de 1934, em Campo Grande, então pertencente ao antigo Estado de Mato Grosso. Filha de Dib Jorge Abussafi e Chafia Fatuchi Abussafi, descendia de família libanesa que se estabeleceu na região sul-mato-grossense nas primeiras décadas do século XX, inicialmente em Corumbá e, posteriormente, em Campo Grande, impulsionada pelo crescimento econômico promovido pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. A família

atuava no comércio e era reconhecida pela valorização da educação, da cultura e do trabalho comunitário.

Caçula entre nove irmãos, Sarah cresceu em ambiente marcado pela convivência familiar e pelas manifestações culturais presentes no cotidiano da cidade. Estudou no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, instituição onde desenvolveu interesse pelas artes e pelas atividades educacionais. Desde jovem demonstrava sensibilidade artística e forte envolvimento com ações culturais, características que marcariam toda sua trajetória profissional e pessoal.

Casou-se com Eliphas Figueiró, integrante de tradicional família campo-grandense, com quem constituiu família e teve filhos. O apoio familiar foi decisivo para sua intensa atuação nas áreas da educação, cultura e assistência social, permitindo que desenvolvesse diversos projetos voltados à formação artística e ao fortalecimento cultural de Mato Grosso do Sul.

Sua trajetória profissional iniciou-se na área educacional, atuando como professora de Educação Artística na então Faculdade Dom Aquino Corrêa. Buscando aperfeiçoamento constante, realizou cursos de História da Arte, técnicas artísticas e metodologias de ensino em diferentes cidades brasileiras, especialmente São Paulo e Curitiba. Sarah desenvolveu metodologias inovadoras para o ensino das artes, contribuindo para ampliar a valorização da educação artística em Campo Grande em um período no qual a área ainda possuía pouca estrutura institucional.

Ao longo das décadas de 1970 e 1980 consolidou-se como uma das principais incentivadoras da cultura sul-mato-grossense. Participou ativamente da Associação Artística Cultural Sul-Mato-Grossense, promovendo exposições, cursos, oficinas e projetos voltados ao fortalecimento das artes visuais e da produção cultural regional. Também esteve diretamente envolvida na organização de festivais culturais e ações de formação artística que contribuíram para a profissionalização de artistas locais.

Sua atuação ganhou destaque especialmente no campo da dança. Sarah Abussafi

Figueiró foi uma das fundadoras da Associação Sul-Mato-Grossense de Profissionais de Dança, criada em 1980, entidade fundamental para a consolidação da dança como linguagem artística profissional no Estado. Durante treze anos presidiu a associação, organizando festivais, encontros, cursos e oficinas que trouxeram a Campo Grande importantes nomes da dança nacional e internacional. Sua atuação foi decisiva para inserir Mato Grosso do Sul no circuito cultural brasileiro da dança e para a formação de diferentes gerações de bailarinos, professores e coreógrafos.

Teve participação ativa na defesa dos espaços culturais da cidade, especialmente em movimentos voltados à valorização do Teatro Glauce Rocha e de outras instituições culturais sul-mato-grossenses. Sarah compreendia a cultura como instrumento de transformação social, inclusão e formação humana, defendendo políticas públicas voltadas à democratização do acesso às artes e ao fortalecimento da identidade cultural regional.

Paralelamente à atuação cultural, desenvolveu importante trabalho social e filantrópico em Campo Grande. Foi uma das fundadoras da Rede Feminina de Combate ao Câncer e colaborou na criação do Hospital de Câncer Alfredo Abrão, instituições fundamentais para o atendimento e acolhimento de pacientes oncológicos em Mato Grosso do Sul. Sua atuação comunitária reforçou sua imagem como liderança comprometida não apenas com a cultura, mas também com ações humanitárias e sociais voltadas ao bem-estar da população.

Ao longo da vida recebeu homenagens e reconhecimentos pela contribuição à educação, à dança e à cultura sul-mato-grossense, tornando-se referência para diferentes gerações de artistas e educadores. Sua trajetória permanece associada ao fortalecimento da identidade cultural de Campo Grande e à valorização das manifestações artísticas regionais.

Sarah Abussafi Figueiró faleceu em 5 de junho de 2019, em Campo Grande, aos 85 anos, em decorrência de complicações provocadas por uma infecção pulmonar. Seu velório foi realizado no Museu de Arte Contemporânea de Mato

Grosso do Sul (MARCO), reunindo familiares, artistas, educadores e representantes da cultura sul-mato-grossense. Seus restos mortais encontram-se sepultados no Cemitério Santo Antônio, espaço que preserva a memória de importantes personalidades responsáveis pela construção cultural, social e histórica da cidade.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | SARAH ABUSSAFI FIGUEIRÓ |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 05/06/2019 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 015/ 1A |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO/ CONTEMPORÂNEO |
| | | **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | PILAR DAS ARTES, DA DANÇA E DA ASSISTÊNCIA ONCOLÓGICA NO ESTADO. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | PIONEIRA DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA; FUNDOU A ASSOCIAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE DANÇA (1980), ATRAINDO EVENTOS INTERNACIONAIS. FILANTROPA ATIVA NA FUNDAÇÃO DA REDE DE COMBATE AO CÂNCER E HOSPITAL ALFREDO ABRÃO. |

### 3.4.26 Cândido Alberto da Fonseca

Cândido Alberto da Fonseca nasceu no Rio de Janeiro, em 1953, mas construiu grande parte de sua trajetória profissional e cultural em Campo Grande, tornando-se uma das principais referências do audiovisual e das políticas culturais de Mato Grosso do Sul. Jornalista, cineasta, dramaturgo, roteirista e produtor cultural, destacou-se pelo pioneirismo na produção cinematográfica regional e pelo registro audiovisual de importantes manifestações culturais sul-mato-grossenses.

Criado entre o Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul, formou-se em Comunicação Social pela Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro. Posteriormente realizou mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa e especialização em Ciências Políticas em Moscou, consolidando uma formação intelectual voltada às áreas da cultura, comunicação e política. O texto consultado também destaca sua formação crítica e seu posicionamento político ligado aos movimentos de esquerda e à defesa da democratização cultural.

Mudou-se para Campo Grande a convite de José Octávio Guizzo, importante nome da cultura regional e primeiro presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. A partir desse período, passou a atuar intensamente na construção das políticas culturais do recém-criado Estado de Mato Grosso do Sul, especialmente nas décadas de 1970 e 1980. Foi diretor-executivo da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul e participou de importantes debates sobre financiamento, preservação e valorização da cultura regional.

Cândido Alberto da Fonseca tornou-se pioneiro do cinema sul-mato-grossense ao produzir documentários voltados à memória, às manifestações populares e à identidade cultural do Estado. Entre suas obras mais reconhecidas está o documentário Conceição dos Bugres (1980), importante registro audiovisual da escultora Conceição dos Bugres, realizado em película 35 mm na residência da artista em Campo Grande. O filme tornou-se uma das principais referências do audiovisual sul-mato-grossense e integra o acervo cultural do Estado. Também dirigiu produções como O Caçador de Onças e Silvino Jacques – Itinerário de um Matador, documentário dedicado à trajetória de uma das figuras mais controversas da história regional.

Além da produção cinematográfica, teve atuação expressiva no teatro, na televisão e na organização cultural. Participou da criação do projeto Prata da Casa, iniciativa desenvolvida no início da década de 1980 que revelou importantes artistas regionais, entre eles Almir Sater e Guilherme Rondon. O

projeto tornou-se marco importante na valorização da produção artística local e no fortalecimento da identidade cultural sul-mato-grossense.

Também atuou na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), participando de movimentos ligados à criação e consolidação do curso de Jornalismo da instituição. Teve intensa participação em projetos universitários, seminários e debates culturais, especialmente relacionados à formação crítica, à democratização da comunicação e ao fortalecimento das artes no ambiente acadêmico. Apesar de sua reconhecida capacidade intelectual e artística, enfrentou resistências institucionais em razão de seu posicionamento político e ideológico, aspecto mencionado no documento como reflexo do ambiente conservador e das disputas internas presentes nas universidades brasileiras no período pós-ditadura.

Ao longo da carreira participou da organização de festivais de cinema e de iniciativas culturais no Brasil e no exterior, atuando inclusive como curador de eventos internacionais ligados ao audiovisual. Também esteve envolvido na defesa dos direitos indígenas e foi um dos fundadores da Sociedade dos Povos Indígenas do Brasil, articulando cultura, memória e cidadania em sua produção intelectual e artística.

Reconhecido como importante militante das políticas públicas culturais, Cândido Alberto da Fonseca dedicou sua trajetória à valorização da cultura regional, ao fortalecimento do audiovisual sul-mato-grossense e à preservação da memória cultural do Estado. Seu trabalho contribuiu para documentar manifestações artísticas, personagens populares e processos históricos fundamentais para a construção da identidade cultural de Mato Grosso do Sul.

Cândido Alberto da Fonseca faleceu em Campo Grande no dia 23 de abril de 2025, aos 71 anos, em decorrência de complicações clínicas após procedimento cirúrgico. Sua morte foi amplamente lamentada por artistas, instituições culturais e movimentos ligados ao cinema e às políticas culturais sul-mato-grossenses. Seus restos mortais encontram-se sepultados no Cemitério Santo

Antônio, espaço que preserva a memória de importantes personalidades responsáveis pela construção cultural, política e artística da cidade e do Estado.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | CÂNDIDO ALBERTO DA FONSECA |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 23/04/2025 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 00E/ 36 |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | ECLÉTICO |
| | | **DESCRIÇÃO** | CONCRETO E ESCULTURA EM MÁRMORE |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | CINEASTA E MILITANTE HISTÓRICO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS EM MS. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | DIRIGIU O CLÁSSICO DOCUMENTÁRIO 'CONCEIÇÃO DOS BUGRES' EM 35MM. COFUNDADOR DO PROJETO MUSICAL 'PRATA DA CASA'. COMBATEU NA MILITÂNCIA DE ESQUERDA E PELOS DIREITOS DOS POVOS INDÍGENAS. |

### 3.4.27 Luiz Pedro Scalise

Luis Pedro Scalise nasceu em 1968, em Florianópolis, Santa Catarina. Filho de Luis Scalise e Leila, passou a infância e a juventude em diferentes cidades brasileiras em razão das atividades profissionais do pai, ligado à construção de barragens. Essa constante mudança de ambientes contribuiu para ampliar suas referências visuais e culturais. Ainda criança demonstrou forte interesse pelas artes: começou a pintar muito cedo e teve contato com a artista visual Inês Corrêa da Costa, discípula de Candido Portinari, que incentivou sua aproximação com a pintura e o desenho.

Embora a arte estivesse presente desde a infância, a arquitetura não surgiu inicialmente como escolha profissional. Segundo o próprio Scalise, foi incentivado pela mãe a prestar vestibular para Arquitetura. Ingressou no Centro de Ensino Superior de Campo Grande (CESUP), atual Universidade Anhanguera-Uniderp, onde se formou em Arquitetura e Urbanismo em 1990. Desde a formação, passou a desenvolver uma linguagem criativa marcada pela aproximação entre arquitetura, artes plásticas, design, cenografia e ambientação.

Após concluir a graduação, viveu fora de Campo Grande e ampliou sua formação e experiência profissional. Passou por São Paulo e pela Itália, especialmente Milão, onde trabalhou com projetos de arquitetura de interiores. Ao longo da carreira, também teve experiências profissionais e culturais em países como França, Estados Unidos, Emirados Árabes Unidos, Catar e Jordânia. Essas vivências internacionais contribuíram para construir um repertório diversificado, posteriormente incorporado aos projetos desenvolvidos em Mato Grosso do Sul.

Em 1998, ao retornar a Campo Grande, instalou um espaço de decoração e passou a apresentar ao público suas pinturas, objetos e peças de design. No mesmo período realizou uma das criações que se tornariam mais conhecidas entre os campo-grandenses: a Casa do Papai Noel, inicialmente concebida em sua própria residência, no Jardim dos Estados. O projeto transformou-se em atração natalina da cidade, reunindo cenografia, arquitetura, iluminação e elementos lúdicos em ambientes destinados a proporcionar uma experiência sensorial aos visitantes. Ao longo dos anos, milhares de pessoas passaram pelo espaço, fazendo da iniciativa parte da memória afetiva de diversas gerações.

Sua arquitetura ganhou ainda maior projeção em 2002, com a criação do Pele Vermelha, casa noturna concebida integralmente para essa finalidade. Diferentemente dos estabelecimentos que funcionavam em residências adaptadas, o empreendimento foi projetado desde o terreno para criar uma experiência temática completa. Floresta cenográfica, esculturas, elementos

associados ao imaginário indígena e até a carcaça de um avião integravam o ambiente, revelando uma característica que acompanharia grande parte de sua produção: a compreensão da arquitetura como narrativa e experiência.

Nas décadas seguintes, Scalise consolidou-se como um dos nomes mais reconhecidos da arquitetura comercial e da cenografia em Campo Grande. Projetou bares, restaurantes, casas noturnas e espaços de entretenimento que se tornaram referências da vida social da cidade. Entre eles destacam-se Coronas, Valley Acoustic, Valley Tai, Grous Bar e Restaurante Nô. Cada projeto recebia uma identidade própria, construída pela combinação de arquitetura, mobiliário, objetos, iluminação, cores e referências culturais.

No Grous Bar, por exemplo, concebeu uma fachada inspirada em um grande ninho, utilizando aproximadamente trinta toneladas de madeira, enquanto o interior recebeu um lustre formado por milhares de garrafas PET. Na Valley Tai, referências à cultura tailandesa foram incorporadas à ambientação por meio de grandes figuras de Buda, elementos dourados e forte trabalho cenográfico. No Coronas, a cultura popular mexicana inspirou cores, objetos e elementos decorativos. Esses projetos demonstram como Scalise ultrapassava os limites convencionais da arquitetura para transformar espaços comerciais em ambientes de imersão e experiência.

Sua produção alcançou também projeção nacional e internacional. Desenvolveu projetos em diferentes estados brasileiros e realizou trabalhos relacionados a produções cinematográficas e grandes empresas do entretenimento. Em 2012, foi convidado pela Disney para desenvolver um ambiente temático na Casa Cor São Paulo, relacionado ao lançamento do filme Valente. Também realizou trabalhos associados a produções da Disney, Sony, Paramount e Fox, aproximando arquitetura, cinema e cenografia.

Paralelamente à arquitetura, manteve intensa produção como artista visual e designer. Sua obra caracterizou-se pelo emprego expressivo das cores, pelo desenho manual e pela experimentação entre diferentes linguagens. Em 2018,

passou a produzir a coluna artística Mãos que Falam, no Correio do Estado, reunindo desenhos, frases, música e recursos audiovisuais. A iniciativa sintetizava uma característica recorrente de sua produção: a dificuldade de estabelecer fronteiras rígidas entre arquitetura, desenho, pintura, comunicação e cenografia.

Ao longo de mais de 35 anos de atividade profissional, Luis Pedro Scalise construiu uma linguagem facilmente reconhecível e contribuiu para modificar a maneira como espaços comerciais, culturais e de entretenimento eram concebidos em Campo Grande. Mais do que projetar edificações, buscava criar atmosferas e experiências capazes de despertar sensações e construir vínculos afetivos entre as pessoas e os lugares. Em 2025, sua trajetória foi homenageada pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Mato Grosso do Sul (CAU/MS) e pelo Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de Mato Grosso do Sul (IAB/MS), em reconhecimento à sua contribuição para a arquitetura, o design e a cenografia.

Luis Pedro Scalise faleceu em 6 de agosto de 2026, aos 58 anos, em Campo Grande. Sua morte provocou ampla repercussão entre arquitetos, artistas, empresários e pessoas que acompanharam sua produção ao longo das últimas décadas. O velório foi realizado no Centro de Convenções Arquiteto Rubens Gil de Camillo, no Parque dos Poderes, e seu sepultamento ocorreu no Cemitério Santo Antônio, em Campo Grande.

Sua presença no Cemitério Santo Antônio amplia a diversidade das trajetórias reunidas nesse espaço de memória. Representante de uma geração contemporânea da arquitetura sul-mato-grossense, Scalise deixou sua marca não apenas em edifícios e interiores, mas também no imaginário e na memória afetiva da população. Bares, restaurantes, cenários, instalações artísticas e espaços efêmeros concebidos por ele demonstram que o patrimônio de uma cidade também pode ser construído pelas experiências, imagens e lembranças associadas aos lugares vividos.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | LUIZ PEDRO SCALISE |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 06/08/2026 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 014 / 3B |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO |
| | | **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO E CRUZ |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | ARQUITETO E CENÓGRAFO CONHECIDO POR PROJETAR OS ESPAÇOS IMERSIVOS DA CAPITAL. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | CRIOU BARES TEMÁTICOS ICÔNICOS (PELE VERMELHA, GROUS BAR, VALLEY) E A 'CASA DO PAPAI NOEL'. PRODUZIU CENÁRIOS PARA A DISNEY E FOX, MISTURANDO ARQUITETURA, INTERIORES E CENOGRAFIA. |

### 3.4.28 José Abrão

José Abrão nasceu em 1892, em Mardin, atual Turquia. Imigrante de origem turca, chegou a Campo Grande em 24 de dezembro de 1924, acompanhado de sua esposa, Mansoura. Sua chegada ocorreu em um período de intenso crescimento econômico e urbano da cidade, impulsionado pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e pela expansão das atividades comerciais na região central.

Ao estabelecer-se em Campo Grande, José Abrão iniciou suas atividades com um pequeno armazém de secos e molhados instalado na Rua 14 de Julho, entre a Rua Antônio Maria Coelho e a Avenida Mato Grosso. A principal via comercial da cidade concentrava estabelecimentos de diferentes ramos e atraía comerciantes, viajantes e moradores, constituindo um ambiente favorável ao desenvolvimento de novos empreendimentos.

O comércio prosperou rapidamente, permitindo que José Abrão ampliasse seus negócios e adquirisse outros imóveis na região central. Com o crescimento de suas atividades econômicas, tornou-se um dos comerciantes de destaque de Campo Grande, acompanhando a transformação da antiga vila ferroviária em um centro urbano de crescente importância no sul do então Estado de Mato Grosso.

Em 1939, decidiu substituir sua antiga residência por uma edificação de dimensões e características até então pouco comuns na cidade. Na esquina da Rua 14 de Julho com a Rua Marechal Cândido Mariano Rondon foi construído o Edifício José Abrão, empreendimento que materializou não apenas sua prosperidade comercial, mas também as aspirações de modernização que começavam a transformar a paisagem urbana campo-grandense.

Projetado pelo arquiteto alemão Frederico João Urlass, o edifício recebeu características associadas à linguagem Art Déco, tendência arquitetônica que se difundia internacionalmente e que ganhou importante expressão em Campo Grande durante as décadas de 1930 e 1940. A execução da obra esteve vinculada ao construtor Manoel Rosa, e diferentes registros também relacionam à construção profissionais como Joaquim Teodoro de Faria e Arquimedes Lodi.

Com três pavimentos, o Edifício José Abrão tornou-se uma referência na história da verticalização de Campo Grande, sendo reconhecido como o primeiro edifício da cidade a ultrapassar o padrão predominante de construções com até dois pavimentos. Sua implantação representou uma mudança significativa na escala arquitetônica do centro e simbolizou uma cidade que progressivamente incorporava novas formas de ocupação e valorização do solo urbano.

Inicialmente concebido para receber estabelecimentos comerciais, escritórios e outros usos, o prédio possuía características que permitiram sua adaptação à atividade hoteleira. O empresário Américo Namour instalou no imóvel o Hotel Americano, empreendimento que se tornou uma das referências da hotelaria campo-grandense durante o século XX. Por essa razão, o edifício passou a ser amplamente conhecido pela população como antigo Hotel Americano, embora

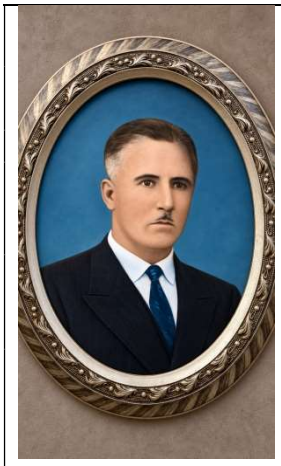
tenha preservado oficialmente o nome de seu proprietário original.

A construção distinguia-se também pelas características arquitetônicas de sua fachada. Os volumes arredondados na esquina, os frisos geométricos, as linhas horizontais, as aberturas ordenadas e o revestimento com mica avermelhada contribuíram para conferir ao edifício uma aparência moderna e monumental. Implantado em uma das esquinas mais movimentadas da Rua 14 de Julho, tornou-se elemento de destaque na paisagem do centro comercial.

A trajetória de José Abrão demonstra a participação dos imigrantes no desenvolvimento econômico de Campo Grande durante a primeira metade do século XX. Partindo de um pequeno estabelecimento comercial, construiu patrimônio e investiu em uma edificação que ultrapassou a dimensão de empreendimento particular para tornar-se referência da arquitetura e da memória urbana da cidade.

Décadas depois, a importância histórica do empreendimento concebido por José Abrão seria reconhecida pelas políticas públicas de preservação do patrimônio cultural. Após um longo processo administrativo e judicial iniciado ainda na década de 2010, o Edifício José Abrão foi definitivamente tombado pelo Município de Campo Grande em março de 2026, passando a integrar oficialmente o conjunto de bens protegidos por seu valor histórico, arquitetônico e cultural.

Assim, o legado de José Abrão permanece materializado na própria paisagem urbana de Campo Grande. Seu nome está associado à consolidação do comércio da Rua 14 de Julho, ao processo de verticalização do centro e a um dos mais importantes exemplares da arquitetura Art Déco da cidade. A preservação do edifício que leva seu nome transforma a trajetória de um comerciante imigrante em parte permanente da memória e do patrimônio cultural campo-grandense.

| | | | |
|---|---|---|---|
|  |  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | JOSÉ ABRÃO |
| | | **ANO DE FALECIMENTO** | 03/01/1955 |
| | | **QUADRA/ LOTE** | 002/ 95-106 |
| | | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | ECLETISMO/ NEOCLÁSSICA |
| | | **DESCRIÇÃO** | MÁRMORE E CANTARIA COM ESTÁTUAS SACRAS |
| | | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | IMIGRANTE TURCO, PIONEIRO DA VERTICALIZAÇÃO IMOBILIÁRIA URBANA. |
| | | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | COMEÇOU EM PEQUENO ARMAZÉM, ENRIQUECEU E CONSTRUIU O 'EDIFÍCIO JOSÉ ABRÃO' (ANTIGO HOTEL AMERICANO), PRIMEIRO PRÉDIO DE 3 ANDARES E GRANDE MARCO ARQUITETÔNICO ART DÉCO DA CIDADE, TOMBADO EM 2026. |

### 3.4.29 Coronel Sebastião da Costa Lima

Sebastião da Costa Lima, conhecido como Coronel Sebastião Lima, nasceu no município de Santana do Paranaíba, atual Paranaíba, no então Estado de Mato Grosso. Pertencia a uma família de fazendeiros e políticos que participou do processo de ocupação e desenvolvimento econômico da região sul do antigo Estado. Era irmão de Manoel da Costa Lima, pioneiro ligado à abertura de estradas, à navegação pelo Rio Paraná e à integração territorial entre Mato Grosso e São Paulo.

A família Costa Lima possuía propriedades rurais em diferentes regiões, entre elas as fazendas Estrela, Estrelinha, Perdizes, Brilhante e Chacrona, além de terrenos e estabelecimento comercial em Campo Grande. Inserido nesse contexto econômico e social, Sebastião passou a participar ativamente da vida política local em um período no qual a cidade começava a estruturar sua administração pública e a ampliar sua infraestrutura urbana.

Sebastião da Costa Lima recebeu a patente de coronel da Guarda Nacional durante a presidência de Venceslau Brás e esteve politicamente ligado ao Partido Republicano Constitucional. Sua trajetória pública teve forte presença na Câmara Municipal de Campo Grande. Foi vereador entre 1909 e 1911, legislatura na qual exerceu a presidência da Câmara, retornando ao Legislativo nos períodos de 1912 a 1914 e de 1918 a 1920, quando ocupou a vice-presidência.

Em 19 de fevereiro de 1915, assumiu a Intendência de Campo Grande, função equivalente ao atual cargo de prefeito, permanecendo à frente da administração municipal até 21 de junho de 1917. Sua gestão ocorreu em momento particularmente importante para a transformação da cidade, logo após a chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, quando Campo Grande experimentava crescimento populacional, ampliação das atividades comerciais e necessidade crescente de novos serviços urbanos.

Uma das realizações mais lembradas de sua administração foi a implantação da primeira rede de energia elétrica de Campo Grande. Até então, a iluminação pública dependia principalmente de lampiões alimentados por querosene, enquanto residências e estabelecimentos utilizavam velas, lamparinas e outros sistemas de iluminação. Em 1916, durante sua gestão, começaram a ser instalados os primeiros fios destinados à distribuição de energia elétrica, inicialmente produzida por motores movidos a óleo diesel.

A chegada da eletricidade representou importante marco na modernização da cidade. Além de transformar gradualmente a iluminação das ruas, residências e estabelecimentos comerciais, possibilitou a introdução de novos equipamentos e favoreceu mudanças nos hábitos cotidianos da população. Por essa atuação, Sebastião da Costa Lima ficou particularmente associado à história da eletrificação de Campo Grande.

Sua administração também esteve ligada a outras iniciativas de organização e melhoria urbana. Durante o período foram desenvolvidas ações relacionadas à

educação, entre elas a criação do Instituto Pestalozzi, posteriormente denominado Ginásio Municipal de Campo Grande. Sebastião também participou da destinação de terrenos para equipamentos considerados fundamentais para a cidade, como a cadeia pública e a Santa Casa.

Em sua gestão foi ainda aprovada medida que reconhecia como áreas de interesse público terrenos com matas, fontes e aguadas ainda devolutas, bem como espaços necessários à abertura de ruas e estradas que proporcionassem vantagens ao desenvolvimento e ao embelezamento urbano. Essas decisões demonstram como sua atuação ocorreu em um momento em que Campo Grande começava a estabelecer instrumentos mais sistemáticos de organização territorial.

A participação política de Sebastião da Costa Lima não terminou com o encerramento da Intendência. Seu retorno à Câmara Municipal demonstra a continuidade de sua influência na política campo-grandense durante as primeiras décadas do século XX. Sua atuação integrou um período em que diferentes lideranças locais disputavam e construíam os rumos administrativos de uma cidade em acelerada transformação.

Ao lado do irmão Manoel da Costa Lima, Sebastião integrou uma geração de agentes vinculados às primeiras iniciativas de infraestrutura e integração regional. Enquanto Manoel ficou associado principalmente à abertura de caminhos, à navegação e às comunicações, Sebastião teve sua memória particularmente relacionada à administração municipal, à eletrificação, à educação e à estruturação dos serviços urbanos de Campo Grande.

A trajetória do Coronel Sebastião da Costa Lima permanece, assim, vinculada ao processo de modernização da cidade nas primeiras décadas do século XX. Vereador, presidente da Câmara, intendente e liderança política regional, participou de decisões que contribuíram para transformar a estrutura urbana de Campo Grande e ampliar os serviços necessários à consolidação do município como um dos principais centros do sul do antigo Mato Grosso.

Famílias que desempenharam papéis importantes na construção da identidade local:

| | | |
|---|---|---|
|  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | CEL. SEBASTIÃO DA COSTA LIMA |
| | **ANO DE FALECIMENTO** | - |
| | **QUADRA/ LOTE** | 015/ 72 |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | ECLÉTICA |
| | **DESCRIÇÃO** | ALVENARIA COM COLUNAS EM CONCRETO PRÉ-MOLDADO |
| | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | INTENDENTE (1915-1917) E RESPONSÁVEL POR AVANÇOS DE SERVIÇOS URBANOS ESSENCIAIS. |
| | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | DESTACA-SE EM SUA GESTÃO A INSTALAÇÃO DA PRIMEIRA REDE DE DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA NA CIDADE (1916). TAMBÉM REGULARIZOU TERRENOS E DESTINOU ÁREAS PARA A SANTA CASA. |

### 3.4.30 Família Higa

A família Higa integra o conjunto de famílias descendentes de imigrantes japoneses que contribuíram para a formação social e cultural de Campo Grande ao longo do século XX. Assim como outras famílias da comunidade nipo-brasileira estabelecidas na capital sul-mato-grossense, os Higa participaram do desenvolvimento urbano e da construção da diversidade cultural que caracteriza a cidade.

A presença da família em Campo Grande relaciona-se aos fluxos migratórios japoneses ocorridos principalmente nas primeiras décadas do século XX, período em que muitos imigrantes passaram a atuar em atividades comerciais, agrícolas e urbanas na região sul do antigo Mato Grosso. A comunidade japonesa teve papel importante na consolidação econômica e social da cidade, contribuindo também para a preservação de práticas culturais e formas de sociabilidade próprias.

Entre os integrantes da família destaca-se Roberto Higa, nascido em Campo

Grande em 1951, reconhecido pela contribuição à memória visual de Mato Grosso do Sul. Sua trajetória no fotojornalismo tornou-se referência no registro das transformações urbanas, sociais e culturais da capital sul-mato-grossense ao longo de mais de seis décadas.

Por meio da fotografia documental, Roberto Higa registrou acontecimentos históricos, paisagens urbanas, manifestações culturais, comunidades periféricas, populações indígenas e diferentes aspectos do cotidiano campo-grandense. Seu trabalho formou importante acervo iconográfico sobre a cidade, contribuindo para a preservação da memória coletiva e para a documentação das transformações ocorridas em Campo Grande desde a segunda metade do século XX.

A atuação da família Higa evidencia a contribuição da comunidade japonesa para a construção da identidade cultural de Campo Grande, especialmente no campo da memória e da documentação visual. O reconhecimento público do trabalho desenvolvido por Roberto Higa também reforça a importância da fotografia como instrumento de preservação histórica e patrimonial.

Nesse contexto, a família Higa integra o conjunto de grupos familiares que participaram da formação cultural e social da capital sul-mato-grossense. Seus vínculos históricos com a cidade e os registros associados ao Cemitério Santo Antônio reforçam a relevância do espaço cemiterial como lugar de memória coletiva, preservando trajetórias familiares ligadas à construção histórica e simbólica de Campo Grande.

| | | |
|---|---|---|
|  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | FAMÍLIA HIGA |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | INTERVENÇÃO CONTEMPORÂNEA |
| | **DESCRIÇÃO** | ALVENARIA PINTADA E CRUZES (TÚMULOS COLORIDOS) |
| | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | DESCENDENTES DA IMIGRAÇÃO NIPÔNICA QUE REGISTRARAM A MEMÓRIA LOCAL E RESSIGNIFICARAM O LUTO VISUAL NO CEMITÉRIO. |
| | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | O FOTÓGRAFO ROBERTO HIGA IMORTALIZOU AS TRANSFORMAÇÕES E IDENTIDADES CULTURAIS DA CIDADE NAS ÚLTIMAS SEIS DÉCADAS. SEU TÚMULO COM INTERVENÇÃO COLORIDA PROVOCOU A REVITALIZAÇÃO VISUAL DO CEMITÉRIO. |

### 3.4.31 Família Korndörfer

A família Korndörfer integra o conjunto de famílias que contribuíram para o desenvolvimento comercial e urbano de Campo Grande durante o processo de modernização da cidade ao longo do século XX. De origem alemã, sua trajetória está associada ao fortalecimento do comércio especializado e à consolidação do centro histórico como principal polo econômico da capital.

O principal representante da família em Campo Grande foi Frederico Korndörfer, comerciante e empresário ligado aos setores de joalheria, relojoaria e ótica. Casado com Olga Wulfes, filha do pioneiro Augusto Wulfes, fundador de uma das mais tradicionais casas de ótica e joalheria da cidade, Frederico iniciou sua atuação profissional no empreendimento da família Wulfes antes de estabelecer seu próprio negócio.

A Joalheria Korndörfer tornou-se referência na sociedade campo-grandense, destacando-se pela comercialização de relógios, joias e produtos ópticos, além da representação de marcas internacionais de prestígio. O crescimento do empreendimento acompanhou a expansão econômica de Campo Grande e a

valorização da Rua 14 de Julho como principal eixo comercial da cidade.

Na década de 1950, período marcado pela verticalização do centro urbano, Frederico Korndörfer construiu o Edifício Korndörfer, localizado na Rua 14 de Julho. O imóvel passou a abrigar a joalheria da família em seu pavimento térreo e tornou-se símbolo da modernização arquitetônica e comercial da região central. Atualmente, o edifício encontra-se protegido pelo município como bem integrante da Zona Especial de Interesse Cultural (ZEIC), sendo reconhecido como testemunho da evolução urbana e econômica de Campo Grande.

Após o falecimento de Frederico Korndörfer, a continuidade dos negócios ficou sob responsabilidade de sua esposa, Olga Korndörfer, e de seu filho, Oscar Korndörfer, que mantiveram o legado familiar associado ao comércio local e à preservação do patrimônio construído.

A trajetória da família Korndörfer evidencia a importância dos imigrantes e de seus descendentes na formação do setor comercial campo-grandense. Seu legado permanece representado tanto pela memória empresarial quanto pelo patrimônio arquitetônico preservado no centro histórico da cidade, contribuindo para a compreensão das transformações econômicas e urbanas que marcaram Campo Grande ao longo do século XX.



| | |
|---|---|
| **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | FAMÍLIA KORNDÖRFER |
| **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | ECLETICO |
| **DESCRIÇÃO** | FERRO TORCIDO, CANTARIA E MÁRMORE |
| **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | IMIGRANTES ALEMÃES PIONEIROS NO COMÉRCIO ESPECIALIZADO. |
| **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | FREDERICO KORNDÖRFER DESENVOLVEU A MAIOR JOALHERIA/ÓTICA DA CIDADE E ERGUEU, NOS ANOS 1950, O EDIFÍCIO KORNDÖRFER NO CORAÇÃO COMERCIAL DA 14 DE JULHO (HOJE PATRIMÔNIO ZEIC). |

### 3.4.32 Família Nasser

A família Nasser integra o conjunto de famílias de origem libanesa que participaram da formação econômica e social de Campo Grande ao longo do século XX. Sua trajetória está associada ao processo de imigração árabe para o Brasil e à consolidação de atividades comerciais e empresariais que acompanharam o crescimento urbano da capital sul-mato-grossense.

Os antecedentes da família remetem à imigração de Alexandre e Zakia Nasser, casal de origem libanesa que se estabeleceu inicialmente em Campo Grande nas primeiras décadas do século XX. Assim como ocorreu com diversas famílias sírio-libanesas instaladas na região, os Nasser participaram das redes comerciais e das atividades econômicas que contribuíram para a expansão urbana e para a dinamização da vida econômica local.

Ao longo do processo de consolidação da cidade, integrantes da família estiveram ligados a diferentes iniciativas empresariais e comerciais. Entre os empreendimentos associados ao sobrenome Nasser destaca-se a antiga Pedreira Nasser, importante fornecedora de materiais utilizados em obras e pavimentações urbanas de Campo Grande. A atuação da pedreira contribuiu para o crescimento da infraestrutura urbana da capital, especialmente em bairros antigos da cidade, integrando o processo de modernização das vias públicas e da expansão territorial do município.

A presença da família Nasser em Campo Grande também evidencia a importância da imigração árabe na formação cultural e econômica de Mato Grosso do Sul. Assim como outras famílias libanesas estabelecidas na cidade, os Nasser mantiveram vínculos comunitários, práticas culturais e tradições familiares que passaram a integrar a diversidade cultural campo-grandense.

Além das atividades econômicas, a trajetória da família está ligada à própria formação social da cidade, acompanhando transformações urbanas, processos migratórios e mudanças econômicas ocorridas ao longo do século XX. Seus registros históricos aparecem em documentos civis, arquivos genealógicos e

memórias locais preservadas por instituições e acervos documentais.

Nesse contexto, a família Nasser integra o conjunto de grupos familiares que contribuíram para o desenvolvimento urbano, econômico e social de Campo Grande. Seus vínculos históricos com a capital sul-mato-grossense e seus registros associados ao Cemitério Santo Antônio reforçam a importância do espaço cemiterial como lugar de preservação da memória coletiva e das trajetórias familiares que participaram da construção histórica da cidade.

| | | |
|---|---|---|
|  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | FAMÍLIA NASSER |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | VERNACULAR / POPULAR |
| | **DESCRIÇÃO** | ALVENARIA E LAJOTA CERÂMICA |
| | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | IMIGRAÇÃO SÍRIO-LIBANESA ATIVA NO FORNECIMENTO DE BASE INFRAESTRUTURAL DA CIDADE. |
| | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | CONTRIBUÍRAM FORTEMENTE COM A 'PEDREIRA NASSER', A QUAL FORNECEU MATERIAIS BRUTOS PARA PAVIMENTAÇÃO E OBRAS BASILARES, PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO URBANO NOS BAIRROS. |

### 3.4.33 Família Neder

A família Neder integra o grupo de famílias que participaram do processo de desenvolvimento urbano, econômico, político e cultural de Campo Grande ao longo do século XX. Sua trajetória está associada a atividades empresariais, iniciativas culturais, participação política e empreendimentos relacionados à modernização da cidade e da região sul do antigo Estado de Mato Grosso.

A presença da família em Campo Grande remonta às primeiras décadas do século XX, período marcado pela expansão urbana e pela formação de novas estruturas econômicas e institucionais. Diferentes integrantes da família participaram da vida empresarial e social da cidade, acompanhando as transformações que contribuíram para consolidar Campo Grande como

importante centro regional.

Entre os integrantes da família destacou-se Humberto Neder, nascido em Campo Grande em 30 de agosto de 1920. Sua trajetória esteve especialmente ligada ao empreendedorismo. Entre suas atividades, esteve à frente do Banco do Povo de Mato Grosso, instituição financeira que expandiu sua atuação para diferentes localidades, além de participar de iniciativas vinculadas ao desenvolvimento das telecomunicações, setor que adquiriu crescente importância no processo de modernização regional.

A participação da família Neder no processo de desenvolvimento regional ganhou expressão também no campo do urbanismo e da arquitetura moderna. Em 1956, a família convidou o arquiteto e urbanista Jorge Wilheim para projetar a cidade de Angélica, no interior do então Estado de Mato Grosso. Pouco depois, Wilheim desenvolveu, para a mesma família e outros médicos, o projeto da Clínica Campo Grande, concebida especificamente para uso hospitalar e reconhecida como uma das primeiras edificações da cidade planejadas desde sua origem para abrigar essa função. O edifício, de cinco pavimentos, apresentava soluções arquitetônicas modernas, com organização modular, aproveitamento do desnível natural do terreno e recursos destinados à proteção solar, constituindo importante referência da arquitetura hospitalar campo-grandense. A experiência demonstra a inserção da família Neder em iniciativas relacionadas à expansão urbana, à saúde e à introdução da arquitetura moderna em Mato Grosso.

Esse vínculo com Jorge Wilheim amplia a relevância histórica da família, uma vez que sua atuação não esteve restrita aos empreendimentos comerciais. A encomenda do planejamento de Angélica e, posteriormente, de uma edificação hospitalar em Campo Grande evidencia a participação dos Neder em projetos que acompanhavam novas concepções de cidade, arquitetura e infraestrutura características do processo de modernização brasileiro da década de 1950.

Outro núcleo importante da trajetória familiar foi formado por Alfredo e Margarida Neder, participantes da vida social e cultural campo-grandense.

Margarida Neder destacou-se por sua atuação ligada à moda, às artes e às iniciativas culturais. Fundadora da empresa Eme Ene, promoveu eventos e desfiles em Campo Grande e São Paulo, colaborando para a circulação de novas referências estéticas e culturais na cidade.

Além das atividades empresariais e culturais, integrantes da família também participaram da vida política brasileira. Entre eles destaca-se Carlos Neder, nascido em Campo Grande em 1953, que construiu trajetória vinculada à medicina e à política, atuando como vereador, deputado estadual e secretário municipal de Saúde em São Paulo. Sua atuação esteve relacionada principalmente às políticas públicas de saúde, à participação social e a iniciativas de economia solidária.

A família também deixou marcas materiais na paisagem de Campo Grande por meio de edificações e espaços relacionados à sua trajetória. Essas referências arquitetônicas, somadas aos empreendimentos empresariais e às iniciativas culturais e institucionais desenvolvidas por seus integrantes, constituem registros das transformações experimentadas pela cidade ao longo do século XX.

A trajetória dos Neder evidencia, assim, a participação de grupos familiares nos processos de modernização econômica, urbana e cultural de Campo Grande. A relação com projetos de planejamento urbano, arquitetura hospitalar, atividades empresariais, cultura e política revela uma atuação diversificada, vinculada a diferentes momentos da consolidação da capital sul-mato-grossense.

Nesse contexto, a família Neder integra o conjunto de famílias cujas trajetórias ajudam a compreender a formação econômica, institucional e cultural de Mato Grosso do Sul. Seus registros associados ao Cemitério Santo Antônio reforçam a importância da necrópole como lugar de memória coletiva, reunindo referências familiares relacionadas à construção histórica e simbólica de Campo Grande.

| | | |
|---|---|---|
|  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | FAMÍLIA NEDER |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO |
| | **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO |
| | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | FAMÍLIA EMPRESÁRIA ENGAJADA NA ARQUITETURA HOSPITALAR E URBANISMO MODERNOS. |
| | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | FUNDADORES DO BANCO DO POVO. CONTRATARAM JORGE WILHEIM PARA DESENHAR A CLÍNICA CAMPO GRANDE, PRIMEIRA EDIFICAÇÃO COM PLANTA RACIONALISTA HOSPITALAR. ATUAÇÃO EXTENSA EM CULTURA, MODA E MEDICINA. |

### 3.4.34 Família Pedrossian

A família Pedrossian possui importante presença na história política, administrativa e urbana de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul, estando associada a projetos de modernização, expansão institucional e desenvolvimento regional ao longo do século XX.

Descendente de imigrantes de origem armênia, a família consolidou-se no cenário sul-mato-grossense por meio da atuação pública e empresarial de seus integrantes, especialmente de Pedro Pedrossian, nascido em Miranda em 1928. Formado em Engenharia Civil pela Universidade Mackenzie, iniciou sua trajetória profissional na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, atuando em cidades como Três Lagoas e Campo Grande antes de ingressar na vida política.

Pedro Pedrossian governou o antigo Mato Grosso entre 1966 e 1971 e, após a divisão territorial, exerceu mandatos como governador de Mato Grosso do Sul entre 1980 e 1983 e entre 1991 e 1995. Também atuou como senador da República. Suas administrações ficaram marcadas pela execução de obras de infraestrutura, expansão urbana e fortalecimento das instituições públicas estaduais.

Entre os principais legados associados à família destacam-se a criação e

ampliação de instituições educacionais e administrativas, como a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e a implantação do Parque dos Poderes, importante marco urbanístico e administrativo da capital sul-mato-grossense. Obras ligadas à saúde, educação, saneamento e infraestrutura também contribuíram para consolidar a presença da família na memória urbana da cidade.

A atuação social da família também esteve ligada à ex-primeira-dama Maria Aparecida Pedrossian, reconhecida pela participação em ações assistenciais e projetos sociais desenvolvidos em Campo Grande e no interior do estado.

A trajetória da família permanece presente em diferentes espaços públicos da capital, incluindo equipamentos urbanos, instituições e áreas residenciais que receberam o sobrenome Pedrossian em reconhecimento à sua participação na formação política e administrativa de Mato Grosso do Sul. A antiga residência da família na Avenida Afonso Pena também se tornou referência simbólica da memória urbana campo-grandense.

Nesse contexto, a família Pedrossian integra o conjunto de grupos familiares que contribuíram para o desenvolvimento institucional, político e urbano de Campo Grande. Seus vínculos históricos com a cidade e seus registros associados ao Cemitério Santo Antônio reforçam a importância do espaço cemiterial como lugar de preservação da memória coletiva e das trajetórias familiares que participaram da construção histórica sul-mato-grossense.

| | | |
|---|---|---|
|  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | FAMÍLIA PEDROSSIAN |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO |
| | **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO |
| | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | FAMÍLIA ARMÊNIA PILAR DE GIGANTESCAS OBRAS DE ESTADO. |
| | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | PEDRO PEDROSSIAN GOVERNOU MT E MS. RESPONSÁVEL POR LEGADOS TITÂNICOS COMO O PARQUE DOS PODERES, AS CRIAÇÕES DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS E FEDERAIS E MACIÇAS OBRAS DE INFRAESTRUTURA REGIONAL. |

### 3.4.35 Família Saad

A família Saad possui importante presença histórica em Campo Grande, estando associada ao desenvolvimento econômico, gastronômico, esportivo e social da cidade ao longo do século XX. Descendente de imigrantes libaneses que chegaram ao Brasil nas primeiras décadas do século passado, a família integrou o movimento migratório árabe responsável por significativa participação no comércio e na formação urbana de Mato Grosso do Sul.

As origens da família remetem ao Líbano, especialmente à cidade de Rachaia, de onde partiram integrantes da família Saad em busca de novas oportunidades no Brasil. Como ocorreu com diversas famílias sírio-libanesas estabelecidas em Campo Grande, os Saad contribuíram para a consolidação das atividades comerciais e para a diversidade cultural da cidade, mantendo tradições ligadas à culinária, aos costumes familiares e às práticas comunitárias de origem árabe.

A atuação da família tornou-se especialmente conhecida no setor gastronômico por meio do restaurante Manura Churrascaria e Comida Árabe, fundado em 1987 pelo empresário libanês Munir Saad. O estabelecimento consolidou-se como uma das principais referências da culinária árabe em Campo Grande, combinando pratos tradicionais do Oriente Médio com elementos da cultura alimentar regional. Ao longo das décadas, o restaurante permaneceu sob

administração familiar, preservando receitas, práticas culinárias e vínculos afetivos com a comunidade campo-grandense.

Além da gastronomia, a família Saad também participou da vida esportiva local. Em 28 de abril de 1961 foi fundado o Saad Esporte Clube, iniciativa ligada à família e inicialmente voltada ao futebol masculino em Campo Grande. Posteriormente, o clube ganhou notoriedade nacional especialmente no futebol feminino, tornando-se referência esportiva e mantendo o vínculo simbólico com Mato Grosso do Sul por meio da denominação MS Saad. A atuação esportiva da família contribuiu para a formação de atletas e para a projeção do esporte sul-mato-grossense em âmbito nacional.

No campo empresarial, integrantes da família também participaram de empreendimentos comerciais e imobiliários relacionados ao crescimento urbano de Campo Grande. Sua presença esteve associada a atividades comerciais, investimentos urbanos e projetos empresariais que acompanharam o processo de expansão econômica da capital nas últimas décadas do século XX.

A trajetória da família Saad evidencia a contribuição da imigração árabe para a construção da identidade social e cultural de Campo Grande. Assim como outras famílias de origem libanesa estabelecidas na cidade, os Saad participaram da consolidação das redes comerciais, da vida comunitária e das manifestações culturais que ajudaram a definir aspectos importantes da formação urbana campo-grandense.

Nesse contexto, a família Saad integra o conjunto de grupos familiares que contribuíram para o desenvolvimento econômico, cultural e social da capital sul-mato-grossense. Seus vínculos históricos com Campo Grande e seus registros associados ao Cemitério Santo Antônio reforçam a importância do espaço cemiterial como lugar de preservação da memória urbana, reunindo trajetórias familiares fundamentais para a compreensão da história e da identidade cultural da cidade.

| | | |
|---|---|---|
|  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | FAMÍLIA SAAD |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO |
| | **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO COM CRUZ |
| | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | LIDERANÇA LIBANESA NAS ÁREAS DA GASTRONOMIA CULTURAL E NO ESPORTE. |
| | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | FUNDADORES DO RESTAURANTE MANURA (ÍCONE DA CULINÁRIA ÁRABE NA CIDADE) E DO MS SAAD ESPORTE CLUBE, QUE OBTEVE RECONHECIMENTO NACIONAL DESTACANDO-SE NO FUTEBOL FEMININO. |

### 3.4.36 Família Scapulatempo

A família Scapulatempo possui trajetória ligada ao desenvolvimento da medicina e dos serviços de saúde em Campo Grande, destacando-se especialmente na área de diagnóstico laboratorial e prevenção do câncer em Mato Grosso do Sul. Sua atuação contribuiu para a consolidação da infraestrutura médica da capital sul-mato-grossense ao longo do século XX.

Entre os integrantes da família destaca-se Raphael Perez Scapulatempo, nascido em Campo Grande e reconhecido como um dos pioneiros na área de citologia e diagnóstico do câncer no estado. Formado em Medicina pela Universidade Federal do Paraná, retornou posteriormente a Mato Grosso do Sul, onde desenvolveu ampla atuação profissional ligada à medicina diagnóstica, ao ensino e à saúde pública.

Ao lado de sua esposa, Ilzia Doraci Lins Scapulatempo, também médica, participou da introdução e consolidação dos exames citológicos e anatomopatológicos em Mato Grosso do Sul, tornando-se referência regional no diagnóstico precoce do câncer. O trabalho desenvolvido pelo casal contribuiu significativamente para a ampliação dos serviços especializados de saúde em Campo Grande.

A atuação da família consolidou-se por meio da Scapulatempo Medicina

Diagnóstica, clínica especializada em anatomia patológica e citologia instalada na capital sul-mato-grossense. A instituição tornou-se referência na realização de exames diagnósticos, integrando a rede de apoio médico da cidade e atendendo pacientes de diferentes regiões do estado.

Além das atividades clínicas, Raphael Scapulatempo também exerceu funções no Instituto Médico Legal (IML) de Campo Grande e participou da formação acadêmica de novos profissionais da saúde, atuando como professor no curso de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Sua trajetória esteve ainda associada à criação da cooperativa médica Unimed em Campo Grande, integrando o grupo inicial de médicos cooperados da instituição.

A presença da família Scapulatempo evidencia o papel desempenhado por profissionais da medicina na modernização dos serviços urbanos e hospitalares de Campo Grande. Sua atuação acompanhou o crescimento populacional da cidade e a necessidade de ampliação da estrutura de atendimento médico especializado na capital.

Nesse contexto, a família Scapulatempo integra o conjunto de famílias que contribuíram para o desenvolvimento científico, médico e institucional de Campo Grande. Seus vínculos históricos com a cidade e seus registros associados ao Cemitério Santo Antônio reforçam a importância do espaço cemiterial como lugar de memória coletiva e preservação das trajetórias familiares que participaram da construção histórica e social da capital sul-mato-grossense.

| | | |
|---|---|---|
|  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | FAMÍLIA SCAPULATEMPO |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO |
| | **DESCRIÇÃO** | GRANITO CINZA E PRETO |
| | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | DINASTIA MÉDICA PIONEIRA EM ANÁLISES CLÍNICAS NO ESTADO. |
| | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | RAPHAEL E ILZIA SCAPULATEMPO IMPLANTARAM OS EXAMES DE CITOLOGIA E ANATOMOPATOLOGIA EM MS, FUNDANDO LABORATÓRIOS REFERÊNCIA. CO-FUNDADORES DA UNIMED. |

### 3.4.37 Família Vendas

A família Vendas integra o conjunto de famílias tradicionais associadas ao processo de formação e consolidação de Campo Grande entre o final do século XIX e o decorrer do século XX. Sua trajetória relaciona-se ao contexto de ocupação territorial do sul do antigo Mato Grosso, marcado pela chegada de famílias pioneiras, pela expansão das atividades agropecuárias e pelo crescimento urbano da futura capital sul-mato-grossense.

A história de Campo Grande está diretamente vinculada aos fluxos migratórios vindos principalmente de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. A fundação do antigo Arraial de Santo Antônio de Campo Grande, em 1872, liderada por José Antônio Pereira, estabeleceu as bases para a formação de uma sociedade rural organizada em torno da agricultura, da pecuária e das relações familiares que estruturaram os primeiros núcleos de ocupação da região.

Nesse contexto, famílias tradicionais passaram a integrar a construção social e econômica da cidade, contribuindo para o desenvolvimento das atividades produtivas e para a consolidação das relações comunitárias locais. A família Vendas insere-se nesse cenário histórico como parte das linhagens familiares que acompanharam o crescimento urbano e a transformação de Campo Grande em importante centro regional do antigo Mato Grosso.

Ao longo do século XX, a cidade recebeu novos grupos migratórios e imigrantes estrangeiros, especialmente japoneses, árabes, paraguaios e italianos; que passaram a coexistir com as famílias pioneiras já estabelecidas. Esse encontro de diferentes culturas contribuiu para a formação da identidade plural campo-grandense, marcada pela diversidade de tradições, práticas sociais e formas de organização comunitária.

A trajetória da família Vendas relaciona-se à constituição dessa memória social coletiva, integrando o conjunto de famílias que participaram do desenvolvimento urbano e da formação cultural de Campo Grande. Seus vínculos com a cidade refletem processos históricos mais amplos ligados à ocupação do território, à organização das atividades econômicas e à consolidação da vida urbana na capital sul-mato-grossense.

A preservação das memórias familiares e dos registros genealógicos desempenha papel importante na compreensão da história local, permitindo reconstruir trajetórias que se entrelaçam à própria formação da cidade. Nesse sentido, famílias tradicionais como os Vendas ajudam a compreender as relações sociais, culturais e econômicas que estruturaram Campo Grande ao longo do tempo.

Os vínculos históricos da família com a capital e seus registros associados ao Cemitério Santo Antônio reforçam a importância do espaço cemiterial como lugar de memória coletiva e preservação das trajetórias familiares que participaram da construção histórica e simbólica de Campo Grande.

| | | |
|---|---|---|
|  | **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | FAMÍLIA VENDAS |
| | **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO |
| | **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO E MOSAICO DE PEDRAS |
| | **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | FAMÍLIA TRADICIONAL PRESENTE NO CICLO DE OCUPAÇÃO AGRÁRIA ORIGINÁRIA. |
| | **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | PARTICIPOU ATIVAMENTE DAS PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES SOCIETÁRIAS, INTEGRANDO AS FAMÍLIAS PIONEIRAS BRASILEIRAS NO PROCESSO DE FIXAÇÃO TERRITORIAL E EXPANSÃO COMUNITÁRIA EM CAMPO GRANDE. |

### 3.4.38 Salesianos

A presença dos Salesianos de Dom Bosco em Mato Grosso está vinculada ao movimento missionário iniciado pela congregação fundada por São João Bosco, na Itália, cuja proposta associava evangelização, educação e atenção prioritária aos jovens. A primeira expedição salesiana destinada à América do Sul ocorreu em 1875 e, poucos anos depois, em 1883, os religiosos chegaram ao Brasil, inicialmente estabelecendo-se em Niterói, no Rio de Janeiro.

Em 18 de junho de 1894, a missão alcançou o então Estado de Mato Grosso. A pedido de Dom Carlos d'Amour, bispo de Cuiabá, desembarcou na capital mato-grossense um grupo de cinco jovens missionários conduzidos pelo bispo salesiano Dom Luís Lasagna. Integravam a expedição os padres Antônio Malan, Artur Castels e José Solari, o clérigo Agostinho Colli e o irmão João Batista Ruffier. Inicialmente, os religiosos assumiram atividades pastorais na Paróquia de São Gonçalo do Porto e, ainda naquele ano, iniciaram o trabalho educativo que resultou na criação do Colégio São Gonçalo.

A missão expandiu-se rapidamente pelo território mato-grossense. Em 1895, juntamente com as Filhas de Maria Auxiliadora, os Salesianos iniciaram trabalhos junto ao povo Bororo, na Colônia Teresa Cristina, às margens do Rio São Lourenço. Nas décadas seguintes foram implantados colégios, escolas

agrícolas, paróquias e missões em diferentes regiões, consolidando uma atuação que associava educação, evangelização, formação profissional e presença missionária entre comunidades indígenas.

Com a expansão das obras pelo antigo Mato Grosso, a presença salesiana alcançou também a região sul do estado. Campo Grande tornou-se progressivamente um importante centro da atuação da congregação e, posteriormente, sede da Inspetoria Salesiana Santo Afonso Maria de Ligório, também conhecida como Missão Salesiana de Mato Grosso. A partir da capital, a Inspetoria passou a articular obras localizadas em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e no oeste do Estado de São Paulo.

Em Campo Grande, a atuação salesiana tornou-se particularmente expressiva no campo educacional. O Colégio Salesiano Dom Bosco consolidou-se como uma das instituições tradicionais de ensino da cidade, contribuindo para a formação de sucessivas gerações de estudantes. A proposta educativa salesiana, fundamentada no chamado Sistema Preventivo de Dom Bosco, articula razão, religião e presença educativa, entendendo a escola não apenas como lugar de transmissão de conhecimentos, mas também como espaço de formação humana, convivência e participação social.

A contribuição da congregação estendeu-se posteriormente ao ensino superior. Em 1961, a Missão Salesiana criou em Campo Grande a Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras, inicialmente com os cursos de Pedagogia e Letras. Nas décadas seguintes surgiram novas faculdades nas áreas de Direito, Ciências Econômicas, Contábeis, Administração e Serviço Social, entre outras. A integração dessas unidades originou as Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT), posteriormente transformadas, em 1993, na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Dessa forma, a presença salesiana passou a abranger diferentes níveis de ensino, da educação básica à formação universitária.

Além das instituições educacionais, os Salesianos desenvolveram importante

atividade pastoral e social na capital. Paróquias, obras sociais, centros juvenis e iniciativas de atendimento a crianças e adolescentes ampliaram sua participação na vida comunitária campo-grandense. Entre essas presenças encontram-se as paróquias de São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora, além de ações sociais voltadas especialmente à juventude e às populações em situação de vulnerabilidade.

A atuação salesiana também contribuiu para a formação cultural de Campo Grande. Música, teatro, atividades esportivas, corais, bandas e manifestações artísticas foram incorporados ao cotidiano das instituições mantidas pela congregação. Essa concepção ampliada de educação ajudou a formar artistas, educadores, profissionais e lideranças que posteriormente passaram a atuar em diferentes setores da sociedade sul-mato-grossense.

Ao longo de décadas de presença na região, sacerdotes e irmãos salesianos dedicaram suas vidas às atividades religiosas, educacionais, missionárias e sociais. Muitos viveram longos períodos em Campo Grande e construíram vínculos com a comunidade local, tornando-se professores, gestores, missionários, orientadores espirituais e agentes da formação cultural e educacional da cidade.

Essa trajetória também está materialmente registrada no Cemitério Santo Antônio, onde a pesquisa identificou lápides e jazigos pertencentes a religiosos salesianos. Esses sepultamentos constituem testemunhos da presença histórica da congregação em Campo Grande e permitem compreender o cemitério não apenas como lugar destinado à memória de indivíduos e famílias, mas também como espaço de preservação da trajetória de comunidades religiosas que participaram da formação da cidade.

Nos jazigos salesianos, a dimensão individual da morte encontra-se associada à identidade coletiva da congregação. Os nomes dos sacerdotes e irmãos ali sepultados representam diferentes gerações de religiosos que dedicaram suas atividades à educação, à evangelização e à assistência social. Dessa maneira,

essas sepulturas constituem documentos materiais capazes de estabelecer conexões entre a história religiosa, educacional e urbana de Campo Grande.

A presença salesiana no Cemitério Santo Antônio amplia, portanto, a leitura histórica da necrópole. Ao lado de fundadores, políticos, artistas, educadores, comerciantes e famílias tradicionais, encontram-se religiosos que contribuíram para a constituição de instituições duradouras e para a formação de gerações de campo-grandenses. Os jazigos salesianos tornam-se, assim, parte da memória religiosa da cidade e testemunhos de uma atuação que permanece incorporada à educação, à cultura e à vida social de Campo Grande.



| | |
|---|---|
| **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | SALESIANOS |
| **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO |
| **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO COM CRUZ |
| **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | ORDEM RELIGIOSA BASILAR DA EDUCAÇÃO, PASTORAL JUVENIL E FORMAÇÃO INTELECTUAL NO ESTADO. |
| **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | CHEGARAM AO ESTADO EM 1894. FUNDADORES DO COLÉGIO DOM BOSCO, PARÓQUIAS, CENTROS E DO ECOSSISTEMA SUPERIOR QUE CULMINARIA NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB). |

### 3.4.39 Irmãs Salesianas Filhas de Maria Auxiliadora

As Filhas de Maria Auxiliadora (FMA), também conhecidas como Irmãs Salesianas, constituem o ramo feminino da Família Salesiana e possuem uma trajetória profundamente relacionada à educação, à evangelização e à formação de crianças e jovens. O Instituto foi fundado em 5 de agosto de 1872, em

Mornese, na Itália, por São João Bosco e Santa Maria Domingas Mazzarello, tendo como propósito inicial oferecer às meninas, especialmente às provenientes das camadas populares, oportunidades de educação e formação cristã semelhantes àquelas que Dom Bosco já desenvolvia entre os jovens.

Maria Domingas Mazzarello exerceu papel fundamental na organização da nova congregação. Antes mesmo da fundação do Instituto, dedicava-se à educação e à evangelização de meninas pobres em Mornese, ensinando-lhes atividades práticas e acompanhando sua formação humana e religiosa. A proposta das Filhas de Maria Auxiliadora consolidou-se, assim, a partir de uma concepção educativa que associava instrução, acolhimento, formação profissional, convivência comunitária e espiritualidade.

O caráter missionário esteve presente desde os primeiros anos do Instituto. Em 1877, apenas cinco anos depois de sua fundação, as primeiras Filhas de Maria Auxiliadora partiram para a América do Sul, estabelecendo-se inicialmente no Uruguai. A congregação expandiu-se posteriormente para outros países do continente e, em 1892, chegou ao Brasil. As primeiras religiosas estabeleceram-se em Guaratinguetá, no Estado de São Paulo, onde assumiram o Colégio Nossa Senhora do Carmo. A partir dessa primeira experiência, a atuação das Salesianas ampliou-se por diferentes regiões brasileiras por meio de escolas, internatos, oratórios e obras sociais.

Em Mato Grosso, a presença das Filhas de Maria Auxiliadora acompanhou a expansão da obra salesiana pelo território. A atuação educativa e missionária das religiosas alcançou diferentes localidades e, nas primeiras décadas do século XX, chegou também ao sul do antigo Estado, região que experimentava importantes transformações econômicas, populacionais e urbanas.

Em 22 de fevereiro de 1926, chegaram a Campo Grande as quatro primeiras Filhas de Maria Auxiliadora destinadas à implantação de uma obra educativa na cidade: Irmã Maria Oggero, que assumiria a função de diretora, Irmã Norina Obliqui, Irmã Hermínia Marques e Irmã Maria Gioga. O grupo foi acompanhado

pela Inspetora Regional, Irmã Francisca Lang. A chegada ocorreu pela estação ferroviária, à meia-noite, onde as religiosas foram recebidas pelo padre salesiano João Crippa e por Adalberto Barreto.

A implantação da escola foi resultado também da mobilização da sociedade campo-grandense. Antes da chegada das religiosas, um grupo de mulheres da cidade havia organizado campanhas, rifas, almoços e outras atividades destinadas à arrecadação de recursos para viabilizar a criação de uma instituição voltada à educação feminina. Entre as participantes encontravam-se Dorinha de Figueiredo, Beatriz Chaves, Antônia Corrêa da Costa, Blanche dos Santos Pereira e Thomazia Rondon. Antônia Corrêa da Costa, conhecida como Dona Neta, cedeu uma residência localizada na Rua 26 de Agosto para o início das atividades.

Em 24 de fevereiro de 1926, ocorreu oficialmente a instalação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, acompanhada por missa de ação de graças e homenagens promovidas pela comunidade local. No dia seguinte começaram as matrículas para o curso primário em regime de externato, alcançando inicialmente 143 alunas. O primeiro Oratório Salesiano foi realizado poucos dias depois, em 28 de fevereiro, e as aulas tiveram início em 1º de março de 1926.

O crescimento da instituição foi rápido. Em 1927, o Colégio já contava com 250 alunas externas e 27 internas, além de aproximadamente cem crianças e jovens participantes do Oratório. A procura pelo internato fez com que a instituição passasse a receber estudantes provenientes de diferentes localidades do interior, tornando-se referência na educação feminina em uma extensa região do antigo Mato Grosso.

Em 1929, iniciou-se a construção da nova sede do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, na Rua Pedro Celestino. O projeto foi elaborado pelo engenheiro Joaquim Teodoro de Faria, em parceria com o arquiteto alemão Frederico Urlass. Em 1931, a escola começou a funcionar no primeiro pavilhão concluído, enquanto o complexo continuou sendo ampliado nas décadas seguintes. A

edificação tornou-se posteriormente uma das referências arquitetônicas e educacionais da região central de Campo Grande.

A ampliação da instituição permitiu também diversificar a formação oferecida às jovens. Em 1932, formou-se a primeira turma do curso Comercial e, em 1933, ocorreu a formatura das alunas do curso Normal, voltado à preparação de professoras. Nesse mesmo período foi criada a União das Ex-Alunas, fortalecendo os vínculos entre a instituição, antigas estudantes e a sociedade campo-grandense.

Durante muitas décadas, o internato constituiu parte importante da vida do Colégio Auxiliadora. Meninas e jovens provenientes de diferentes localidades permaneciam na instituição durante os períodos escolares, desenvolvendo uma rotina marcada pelo estudo, pela disciplina, pela religiosidade, pelas atividades recreativas e pela convivência comunitária. As memórias preservadas por antigas internas revelam que essa experiência ultrapassou a formação escolar, deixando marcas afetivas duradouras e contribuindo para a construção de redes de sociabilidade entre diferentes gerações de mulheres.

Ao longo do século XX, sucessivas gerações de Filhas de Maria Auxiliadora atuaram em Campo Grande como professoras, diretoras, orientadoras e religiosas dedicadas à educação e à evangelização. Sua participação esteve especialmente ligada à história da formação feminina na cidade, em um período no qual o acesso das mulheres à escolarização e à preparação profissional ainda passava por profundas transformações.

A permanência dessa atuação pode ser percebida na própria história do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, que, ao completar seu centenário em 2026, tornou-se uma das instituições educacionais mais antigas ainda em funcionamento em Campo Grande. Sua trajetória acompanha diferentes momentos da transformação urbana e social da cidade, preservando também memórias de professoras, religiosas, alunas, internas e famílias que mantiveram vínculos com a instituição.

A memória das Filhas de Maria Auxiliadora em Campo Grande encontra-se registrada também no Cemitério Santo Antônio, onde o levantamento realizado para este dossiê identificou lápides e jazigos destinados às Irmãs Salesianas. Esses sepultamentos constituem testemunhos materiais da presença da congregação na cidade e representam diferentes gerações de religiosas que dedicaram parte de suas vidas às atividades educativas, pastorais e comunitárias.

Diferentemente dos jazigos familiares, os túmulos das Filhas de Maria Auxiliadora expressam uma memória de caráter congregacional. As religiosas ali sepultadas integraram uma comunidade formada não pelos vínculos de parentesco, mas pela vida consagrada e por uma missão compartilhada. Seus nomes reunidos no espaço cemiterial permitem reconhecer trajetórias individuais inseridas em uma história institucional mais ampla, relacionada à educação e à presença feminina religiosa em Campo Grande.

Assim, as lápides e jazigos das Filhas de Maria Auxiliadora existentes no Cemitério Santo Antônio ampliam a compreensão da necrópole como documento histórico da cidade. Ao lado de pioneiros, políticos, artistas, comerciantes e famílias tradicionais, o cemitério preserva também a memória de mulheres religiosas que participaram da formação educacional e social de sucessivas gerações de campo-grandenses, tornando sua presença parte integrante da história cultural e religiosa de Campo Grande.



| | |
|---|---|
| **IDENTIFICAÇÃO (NOME)** | IRMÃS SALESIANAS (FMA) |
| **ESTILO ARQUITETÔNICO E/OU ARTÍSTICO** | MODERNO |
| **DESCRIÇÃO** | GRANITO POLIDO |
| **RELEVÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL** | RELIGIOSAS FUNDAMENTAIS NA ESCOLARIZAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO FEMININA NO CENTRO-OESTE. |
| **BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES** | CHEGARAM A CAMPO GRANDE EM 1926, ERGUENDO O HISTÓRICO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA (CENTENÁRIO). RESPONSÁVEIS POR CURSOS NORMAL (MAGISTÉRIO) E COMERCIAL, PROMOVENDO O |

| | | |
|---|---|---|
| | | INGRESSO FEMININO NA SOCIEDADE. |

# Linha do tempo — Cemitérios, sociedade e a história do Cemitério Santo Antônio

## Cenário mundial — Transformações na cultura funerária

### Séculos XVII–XVIII

Consolidação da morte ritualizada cristã na Europa. Igrejas e adros funcionam como locais de sepultamento. A morte é pública, pedagógica e moralizante.
(Base conceitual que influenciará práticas coloniais no Brasil)

### Final do século XVIII

Reformas sanitárias europeias afastam os enterramentos das igrejas por razões higiênicas. Surge o conceito de "cemitério urbano planejado".
O morto passa a ocupar espaço separado da cidade dos vivos.

### Século XIX

Consolidação dos cemitérios laicos, com organização em quadras, arte tumular e monumentalidade burguesa.
A morte torna-se espaço de distinção social e memória.

## Brasil — Secularização, higiene e controle urbano

### Século XIX (Brasil Imperial)

Enterramentos ainda ligados à Igreja Católica.
Pompa funerária, sinos e rituais públicos marcam a hierarquia social.

### 1889 — Proclamação da República

Processo de secularização dos cemitérios.
Gestão funerária passa gradualmente ao poder público.

**Início do século XX**

Códigos municipais passam a regulamentar práticas funerárias.

Influência do higienismo: ordenamento, muramento e controle dos espaços cemiteriais.

**Décadas de 1970–1990**

Surgimento dos cemitérios-parque no Brasil.

Redução da monumentalidade tumular e mudança estética no culto à memória.

**Linha do Tempo**

**Formação de Campo Grande e trajetória do Cemitério Santo Antônio**

**1870**

**Formação do arraial de Campo Grande**

**1872**

**Implantação do primeiro cemitério na atual região da Praça Ary Coelho**

**1886**

**Registro pastoral do cemitério**

**1887**

**Transferência para o Bairro Amambaí, atual área do Sesi/Casa da Indústria**

**1899**

**Criação oficial da vila de Campo Grande**

**1902**

**Criação do município de Campo Grande**

**30 de janeiro de 1905**

**Instalação da Câmara Municipal e Resolução nº 03 — 1º Código de Posturas de Campo Grande**

**1913–1914**

**Transferência definitiva para a antiga Fazenda Bandeira de Amando de Oliveira, doador do terreno e primeiro sepultado**

**1914**
**Chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil**

**1916**
**Solicitação de construção do muro perimetral**

**Década de 1920**
**Instalação dos quartéis do Exército**

**27 de abril de 1921**
**Regulamentação municipal da organização interna do cemitério**

**1924–1925**
**Planejamento e construção do muramento da necrópole**

**1927**
**Desativação definitiva do antigo cemitério do Amambaí**

**1930**
**Ampliação do acesso viário ao cemitério**

**10 de outubro de 1936**
**Decreto estadual nº 47 regula cemitérios em Mato Grosso**

**13 de novembro de 1937**
**Paralisação de registros administrativos sobre o cemitério**

**07 de março de 1952**

**Ata nº 293: melhorias estruturais no cemitério (banheiros, comunicação)**

**1954–1956**

**Projetos de arborização, infraestrutura e ampliação.**

**1960**

**Criação dos Cemitérios Municipais do Cruzeiro**

**1961**

**Decreto nº 1321 Criação do Cemitério Santo Amaro**

**1959–1963**

**Implantação de políticas de planejamento urbano e integração viária**

**1970–1990**

**Surgimento dos cemitérios dos cemitérios-parque privados**

**Atualidade**

**Cemitério Santo Antônio como patrimônio cultural**

## CURIOSIDADES

### 1. O cemitério já mudou de lugar três vezes

Campo Grande já teve seu primeiro cemitério na atual Praça Ary Coelho, por volta de 1872.

Depois foi transferido, em 1887, para a região onde hoje ficam o SESI e a Casa da Indústria (Bairro Amambaí).

Somente entre 1913 e 1914 foi instalado no local atual, na Avenida Calógeras.

### 2. O primeiro cemitério ficava no centro da cidade

Praça Ary Coelho já foi área de sepultamentos.

Na fundação do povoado, o cemitério ficava a poucos metros da antiga Igreja de Santo Antônio e das casas.

### 3. O cemitério precisava ser abençoado pela Igreja

Mesmo sendo de propriedade civil, o campo santo só podia ser usado após receber a bênção da Igreja Católica.

Há registro de que sua inauguração deveria ocorrer na presença do Vigário de Miranda.

A separação entre Igreja e Estado ocorreu oficialmente na República (1889), mas na prática a influência religiosa permaneceu forte.

### 4. O muro demorou anos para ser construído

A construção do muro perimetral foi autorizada em 1916, mas demorou para ser executada.

Sem o muro, o cemitério ficava exposto a animais e possíveis profanações — algo considerado grave tanto pela Igreja quanto pelos médicos sanitaristas.

O episódio revela como a cidade ainda estava se estruturando.

### 5. A ferrovia ajudou a consolidar a cidade — e o cemitério

A chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em 1914, marcou a transformação urbana de Campo Grande.

Com o crescimento econômico e populacional, o cemitério passou a receber túmulos mais elaborados, refletindo novas distinções sociais.

A modernização da cidade também mudou a forma como a morte era representada.

**6. O doador do terreno foi o primeiro enterrado**

Amando de Oliveira doou parte de sua Fazenda Bandeira para a construção do novo cemitério em 1914.

Pouco tempo depois, tornou-se o primeiro sepultado no local.

Um episódio frequentemente lembrado como “ironia do destino”.

**7. O cemitério não tinha nome por muito tempo**

Até a década de 1960, o cemitério não precisava de nome — era o único da cidade.

Somente após a criação de novos cemitérios, como o Cruzeiro (1960) e o Santo Amaro (1961), passou oficialmente a se chamar Cemitério Santo Antônio.

**8. As árvores tinham função sanitária**

Na década de 1950, vereadores discutiram a preservação das árvores das alamedas.

Na visão higienista da época, acreditava-se que as árvores ajudavam a “purificar” o ar.

**9. A pavimentação da avenida virou anedota**

Durante a pavimentação da Avenida Calógeras, o prefeito Humberto Canale brincou que iria asfaltar a via porque “o defunto chegava lá de bruços”, devido aos buracos da estrada.

**10. O cemitério é um “museu a céu aberto”**

Com jazigos monumentais, esculturas e túmulos de personalidades políticas e culturais, o Cemitério Santo Antônio tornou-se um verdadeiro arquivo urbano da história de Campo Grande.

**REFERÊNCIAS**


ARAÚJO, Vinicius de Carvalho. A trajetória política de José Fragelli (1947-1987). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. Anais [...]. Recife: ANPUH-Brasil, 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564589788_ARQUIVO_ARTIGO-ANPUH.pdf. Acesso em: 25 ago. 2026.

ARIÈS, Philippe. História da morte no Ocidente. Tradução Priscila Vaina de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BORGES, Maria Elizia. Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

CALHEIROS, Américo. Memória de jornal. Campo Grande: Gráfica do Centro Cultural de Mato Grosso do Sul, 1986.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE. Livro de atas ano de 1922-1926. Campo Grande: Câmara Municipal de Campo Grande.

CAMPO GRANDE. Resolução nº 03, de 30 de janeiro de 1905. 1º Código de Posturas da Villa de Campo Grande – ano 1905. Encarte Especial. In: ARCA – Revista de divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande – MS, Campo Grande, n. 05, out. 1995.

CONGRO, Rosário. O Município de Campo Grande – 1919. Estado de Matto Grosso: Publicação Official, 1919.

CYMBALISTA, Renato. Cidades dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2002.

GRECO, Maria Madalena Dib Mereb. Antonio de Albuquerque: um homem em comunhão com o verde. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 11 mar. 2021. Disponível em: https://ihgms.org.br/artigos/antonio-de-albuquerque-um-homem-em-comunhao-com-o-verde-31. Acesso em: 26 ago. 2026.

GONÇALVES, Arlene da Silva. Os grupos escolares no Estado de Mato Grosso como expressão da política pública educacional: o Grupo Escolar Joaquim Murtinho, em Campo Grande, sul do Estado (1910–1950). 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2009.

LANI, Margarete Dibo Nacer. Sírios. In: CAMPO GRANDE – 100 anos de construção. Campo Grande: Matriz Editora, 1999. p. 335-338.

MACHADO, Paulo Coelho. Pelas Ruas de Campo Grande. 2 ed. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008.

MEDEIROS, Nair Cristina Carlos de; COSTA JÚNIOR, Minamar Leite. O acontecimento "Pedrossian": a designação em obras públicas na cidade de Campo Grande-MS, Brasil. Arredia, Dourados, v. 8, n. 14, p. 45-63, 2024. DOI: 10.30612/arredia.v8i14.19386.

PÓVOAS, Nilo. Galeria dos varões ilustres de Mato Grosso. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978. v. 2.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE. Personalidades. Ano II. Campo Grande: Funcesp/ARCA, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE. Personalidades. Ano VII. Campo Grande: Funcesp/ARCA, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE. Personalidades. Ano VIII. Campo Grande: Funcesp/ARCA, 2006.

REZENDE, Renato Barbosa de. Vespasiano Barbosa Martins: 120 anos do seu nascimento – 4 de agosto de 2009. Campo Grande: Hospital do Coração de Mato Grosso do Sul; Clínica Campo Grande; Procardio Centro Cardiorrespiratório, 2009.

REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROCHA, Alcindo; EMBOAVA, Camila; COLOMBO, Gisele; ROSA, Luísa; CIMÓ, Natália; BUENO, Paula; CHAPARRO, Yan. Vozes da dança: registro da memória cultural de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2008. 188 p.

SILVA, Giovani José da. A Reserva Indígena Kadiwéu (1899-1984): memória, identidade e história. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

SOUZA, Fabio William de. A cidade dos mortos: da monumentalidade do mármore aos cemitérios parques na cidade de Campo Grande – MS. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 1., 2011, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC; PPGH, 2011. p. 341-354. ISSN 2237-4078.

SOUZA, Fabio William de. Fronteiras póstumas: a morte e as distinções sociais no Cemitério Santo Antônio em Campo Grande. 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1712/3/FabioWilliamdeSouza.pdf. Acesso em: 25 ago. 2026.

SOUZA, Fabio William de. Viver e morrer em Campo Grande: entre ritos e a celebração da morte. Revista Inter-Legere, [S. l.], v. 1, n. 12, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4193. Acesso em: 25 ago. 2026.

SOUZA, Fabio William de. O cemitério de Campo Grande: de Campo Santo à Cemitério Municipal de Santo Antônio. Albuquerque: Revista de História, Aquidauana, v. 9, n. 17, p. 237-254, 2017. DOI: 10.46401/ajh.2017.v9.1980. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/1980. Acesso em: 25 ago. 2026.

TORRES, Thailla. Para morte não ser tão ruim, arte ocupa túmulo e cemitério começa ganhar cores. Campo Grande News, Campo Grande, 11 nov. 2017. Artes. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/para-morte-nao-ser-tao-ruim-arte-ocupa-tumulo-e-cemiterio-comeca-ganhar-cores. Acesso em: 10 set. 2026.

VALLADARES, Clarival do Prado. Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros. 2 v. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

**FONTES HEMEROGRÁFICAS E ELETRÔNICAS**

ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS. Academia de luto – falece o acadêmico José Fragelli. Campo Grande, 30 abr. 2010. Disponível em: https://acletrasms.org.br/academia-de-luto-falece-o-academico-jose-fragelli/. Acesso em: 25 ago. 2026.

ARRUDA, Ângelo. “Nunca quis ser arquiteto”, diz um dos grandes: o inquieto Scalise. Campo Grande News, Campo Grande, 15 dez. 2015. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/lado-b/conversa-de-arquiteto/-nunca-quis-ser-arquiteto-diz-um-dos-grandes-o-inquieto-scalise. Acesso em: 24 ago. 2026.

ARRUDA, Ângelo. Manoel Secco Thomé, um construtor de Campo Grande dos anos 30. Campo Grande News, Campo Grande, 24 ago. 2016. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/lado-b/conversa-de-arquiteto/manoel-secco-thome-um-construtor-de-campo-grande-dos-anos-30. Acesso em: 24 ago. 2026.

ARRUDA, Lucas. Precursor do chamamé de MS teve carreira curta, mas bastante produtiva. Campo Grande News, Campo Grande, 28 out. 2017. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/precursor-do-chamame-de-ms-teve-carreira-curta-mas-bastante-produtiva. Acesso em: 14 maio 2026.

BEZERRA, Camila. Edifício José Abrão: o marco Art Déco de Campo Grande é tombado em 2026. ClickArq, 20 mar. 2026. Disponível em: https://clickarq.clickpb.com.br/edificios/edificio-jose-abrao-art-deco.html. Acesso em: 24 ago. 2026.

BLOG DO MANOEL AFONSO. A luta pela energia elétrica em Campo Grande. Campo Grande, 22 ago. 2023. Disponível em: https://manoelafonso.com.br/politica/a-luta-pela-energia-eletrica-em-campo-grande/. Acesso em: 24 ago. 2026.

BOLETIM SALESIANO BRASIL. Um monumento vivo de gratidão a Maria. Boletim Salesiano Brasil, ago. 2026. Disponível em: https://revista.boletimsalesiano.org.br/banca/2026/08/03-filhas-de-maria-auxiliadora.html. Acesso em: 25 ago. 2026.

BRASIL. Assembleia Nacional Constituinte. Annaes da Assembléa Nacional Constituinte. v. 8. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1935. Disponível em: https://bd.camara.leg.br/bd/items/a35f795a-6b90-4c4d-aaf6-d2fc616bbe4c?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 1 set. 2026.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Biografia do deputado federal José Fragelli. Brasília, DF:

Câmara dos Deputados, [s. d.]. Disponível em: https://www.camara.leg.br/deputados/130657/biografia. Acesso em: 25 ago. 2026.

BRASIL. Senado Federal. José Fragelli. Museu do Senado. Brasília, DF: Senado Federal, [s. d.]. Disponível em: https://tainacan.senado.leg.br/personalidades/jose-fragelli/. Acesso em: 25 ago. 2026.

BRITES, Euclides Fernandes. Brasil – Salesianos completam 131 anos de missão educativa e evangelizadora na Inspetoria do Campo Grande (BCG). Salesian Education, 18 jun. 2025. Disponível em: https://salesianeducation.com/pt/brasil-salesianos-completam-131-anos-de-missao-educativa-e-evangelizadora-na-inspetoria-do-campo-grande-bcg/. Acesso em: 25 ago. 2026.

CAMPO GRANDE (MS). Prefeitura Municipal. Arquivo Histórico de Campo Grande – ARCA. Edifício José Abrão – Hotel Americano. Campo Grande, [s. d.]. Disponível em: https://www.campogrande.ms.gov.br/arca/sec-artigos/edificio-jose-abrao-hotel-americano/. Acesso em: 24 ago. 2026.

CAMPO GRANDE (MS). Prefeitura Municipal. Reviva Campo Grande. “Edifício José Abrão” ou “Antigo Hotel Americano”. Campo Grande, [s. d.]. Disponível em: https://reviva.campogrande.ms.gov.br/edificio-jose-abrao-ou-antigo-hotel-americano/. Acesso em: 24 ago. 2026.

CAMPO GRANDE INFORME. Pioneiro no diagnóstico de câncer no Estado, Raphael Scapulatempo completa 84 anos. Campo Grande, 24 fev. 2023. Disponível em: https://campograndeinforme.com.br/pioneiro-no-diagnostico-de-cancer-no-estado-raphael-scapulatempo-completa-84-anos/. Acesso em: 25 ago. 2026.

CAVALCANTE, Guilherme. Morre aos 71 anos Cândido Alberto da Fonseca, pioneiro no cinema de Mato Grosso do Sul. Midiamax, Campo Grande, 23 abr. 2025. Disponível em: https://midiamax.com.br/midiamais/2025/morre-aos-71-anos-candido-alberto-da-fonseca-pioneiro-no-cinema-de-mato-grosso-do-sul/. Acesso em: 14 maio 2026.

CONCEIÇÃO FERREIRA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [S. l.]: Wikimedia Foundation, [s. d.]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Concei%C3%A7%C3%A3o_Ferreira. Acesso em: 24 ago. 2026.

CONTAR, Edson. O nosso sonhado teatro municipal. Campo Grande News, Campo Grande, 26 mar. 2026. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/beba-das-cronicas/o-nosso-sonhado-teatro-municipal. Acesso em: 24 ago. 2026.

CORREIO DO ESTADO. Morreu o Dr. Euler de Azevedo. Campo Grande, 2 out. 1965, ano XII, n. 3.111, capa.

CORREIO DO ESTADO. Moradores da Serradinho pedem o nome de “Dr. Euler” para a escola. Campo Grande, 1 ago. 1966, ano XIII, n. 3.148.

CORREIO DO ESTADO. Inaugurado o Centro de Saúde “Dr. Euler de Azevedo”. Campo Grande, 30 ago. 1966, p. 3.

CRUZ, Sergio. 1884: nasce em Corumbá Nicolau Fragelli. Midiamax, Campo Grande, 2025. Disponível em: https://midiamax.com.br/colunas/sergio-cruz/2025/1884-nasce-corumba-nicolau-fragelli/. Acesso em: 14 maio 2026.

ESCOLA ESTADUAL NICOLAU FRAGELLI. Histórico/Biografia de Nicolau Fragelli. 19 out. 2012. Disponível em: https://eenicolaufragelli.blogspot.com/2012/10/historico-biografia-de-nicolau-fragelli.html. Acesso em: 14 maio 2026.

G1 MATO GROSSO DO SUL. Edifício José Abrão é tombado como patrimônio histórico de Campo Grande. G1, Campo Grande, 16 mar. 2026. Disponível em: https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2026/03/16/edificio-jose-abrao-e-tombado-como-patrimonio-historico-de-campo-grande.ghtml. Acesso em: 24 ago. 2026.

G1 MATO GROSSO DO SUL. Morre aos 58 anos o arquiteto Luis Pedro Scalise, ícone da arquitetura de Mato Grosso do Sul. G1, Campo Grande, 6 ago. 2026. Disponível em: https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2026/08/06/morre-aos-58-anos-o-arquiteto-luis-pedro-scalise-icone-da-arquitetura-de-mato-grosso-do-sul.ghtml. Acesso em: 24 ago. 2026.

GLOSSÁRIO MÚSICA MS. Zé Corrêa. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: https://glossariomusicasms.wordpress.com/ze-correa/. Acesso em: 14 maio 2026.

HANY, Ahmad Schabib. Cândido Alberto da Fonseca, presente! Correio de Corumbá Pantanal, Corumbá, 2025. Disponível em: https://www.correiodecorumbapantanal.com.br/colunistas/ahmad-schabib-hany/candido-alberto-da-fonseca-presente. Acesso em: 14 maio 2026.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO. Obras: Casa Barão de Melgaço. Cuiabá, [s. d.]. Disponível em: https://www.ihgmt.com.br/obras.php. Acesso em: 25 ago. 2026.

JORNAL DO COMMERCIO. Visitantes: Cel. Américo Carlos da Costa. Jornal do Commercio, Campo Grande, ano 14, n. 1.501, 24 abr. 1934, p. 1. Disponível na Hemeroteca Digital Brasileira. Acesso em: 1 set. 2026.

JOSÉ BOAVENTURA SÁ ROSA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [S. l.]: Wikimedia Foundation, [s. d.]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Boaventura_S%C3%A1_Rosa. Acesso em: 24 ago. 2026.

MALAGOLINI, Anny. “Bom aluno”, músico cria página para homenagear um dos mestres do blues em MS. Campo Grande News, Campo Grande, 24 out. 2013. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/-bom-aluno-musico-cria-pagina-para-homenagear-um-dos-mestres-do-blues-em-ms. Acesso em: 24 ago. 2026.

MAMÉDIO, Lucas. Morre Cândido Alberto da Fonseca, cineasta que documentou a cultura de MS. MS News, Campo Grande, 23 abr. 2025. Disponível em: https://www.msnews.com.br/noticia/159576/morre-candido-alberto-da-fonseca-cineasta-que-documentou-a-cultura-de-ms. Acesso em: 14 maio 2026.

MANOEL INÁCIO DE SOUZA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [S. l.]: Wikimedia Foundation, [s. d.]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Manoel_In%C3%A1cio_de_Souza. Acesso em: 24 ago. 2026.

MARACAJU (MS). Prefeitura Municipal. História. Maracaju, MS: Prefeitura Municipal de Maracaju, [s. d.]. Disponível em: https://www.maracaju.ms.gov.br/portal/servicos/1003/historia/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 1 set. 2026.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação. EE Orcírio Thiago de Oliveira comemora 50 anos. Campo Grande, 29 set. 2017. Disponível em: https://www.sed.ms.gov.br/ee-orcirio-thiago-de-oliveira-comemora-50-anos-de-inauguracao/. Acesso em: 24 ago. 2026.

MIDIAMAX. #CG122: comércio histórico do Centro foi motor de desenvolvimento que chegou aos bairros. Campo Grande, 2021. Disponível em: https://midiamax.com.br/cotidiano/2021/comercio-de-campo-grande/. Acesso em: 24 ago. 2026.

MIDIAMAX. Dia do Chamamé: relembre a trajetória dos músicos que popularizaram o estilo musical em MS. Campo Grande, 2023. Disponível em: https://midiamax.com.br/midiamais/2023/dia-do-chamame-relembre-a-trajetoria-dos-musicos-que-popularizaram-o-estilo-musical-em-ms/. Acesso em: 14 maio 2026.

MIDIAMAX. Manuel Secco Thomé: o autor de construções que marcam a história de Campo Grande. Campo Grande, 16 ago. 2018. Disponível em: https://midiamax.com.br/midiamais/2018/manuel-secco-thome-autor-construcoes-marcam-historia-campo-grande/. Acesso em: 24 ago. 2026.

MIDIAMAX. Com mais de oito décadas de história, Obelisco acompanhou desenvolvimento de Campo Grande. Campo Grande, 9 nov. 2021. Disponível em: https://midiamax.com.br/midiamais/2021/com-mais-de-oito-decadas-de-historia-obelisco-acompanhou-desenvolvimento-de-campo-grande/. Acesso em: 24 ago. 2026.

MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO. Missão Salesiana de Mato Grosso. Campo Grande, [s. d.]. Disponível em: https://missaosalesiana.org.br/. Acesso em: 25 ago. 2026.

MORAES, Edson. Trajetória de Humberto Neder deixa um legado para o Estado. Douranews, Dourados, 2 out. 2011. Disponível em: https://www.douranews.com.br/cultura/trajetoria-de-humberto-neder-deixa-um-legado-historico-de-cidadania-pa/29095/. Acesso em: 25 ago. 2026.

MOREIRA, Mariana. Família de construtores: a influência de Manoel Secco Thomé na Capital. Correio do Estado, Campo Grande, 26 ago. 2022. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/cidades/familia-de-construtores-a-influencia-de-manoel-secco-thome-na-capita/404191/. Acesso em: 24 ago. 2026.

NAVEIRA, Raquel. Conceição. Academia Cristã de Letras, São Paulo, 9 abr. 2026. Disponível em: https://academiacristadeletras.org.br/publicacoes/cronicas/conceicao.html. Acesso em: 24 ago. 2026.

NEVES, Clayton. Documentário retrata Campo Grande sob os olhos do fotógrafo Roberto Higa. Campo Grande News, Campo Grande, 14 fev. 2026. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/documentario-retrata-campo-grande-sob-os-olhos-de-roberto-higa. Acesso em: 25 ago. 2026.

PECOIS, Claudinei. Zé Corrêa – O Rei do Chamamé. [S. l.], 2012. Disponível em: https://claudineipecois.blogspot.com/2012/01/ze-correa-o-rei-do-chamame.html. Acesso em: 14 maio 2026.

PENTEADO, Yara. Auxiliadora: história e memória afetiva. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 19 maio 2021. Disponível em: https://ihgms.org.br/artigos/auxiliadora-historia-e-memoria-afetiva-36. Acesso em: 25 ago. 2026.

PIELL, Mariana. Morre Luis Pedro Scalise, artista e arquiteto que transformou a paisagem cultural do Estado. Correio do Estado, Campo Grande, 7 ago. 2026. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/correio-b/morre-luis-pedro-scalise-artista-e-arquiteto-que-transformou-a/470779/. Acesso em: 24 ago. 2026.

PIMENTA, Thaís. Família recupera imóvel de 72 anos para continuar história de Manuel Secco Thomé. Campo Grande News, Campo Grande, 23 abr. 2018. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/familia-recupera-imovel-de-72-anos-para-continuar-historia-de-manuel-secco-thome. Acesso em: 24 ago. 2026.

REDE NEWS MS. Velório do arquiteto Luís Pedro Scalise será realizado nesta sexta-feira no Rubens Gil de Camillo. Campo Grande, 6 ago. 2026. Disponível em: https://redenewsms.com/noticia/83515-velorio-do-arquiteto-luis-pedro-scalise-sera-realizado-nesta-sexta-feira-no-rubens-gil-de-camillo. Acesso em: 24 ago. 2026.

SALESIAN EDUCATION. RMG – Inspetorias SDB: a Inspetoria Santo Afonso Maria de Ligório, do Brasil-Campo Grande (BCG). Roma, 25 fev. 2025. Disponível em: https://salesianeducation.com/pt/rmg-inspetorias-sdb-a-inspetoria-santo-afonso-maria-de-ligorio-do-brasil-campo-grande-bcg/. Acesso em: 25 ago. 2026.

SALESIANAS. História do Instituto. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: https://salesianas.pt/quem-somos/historia-do-instituto/. Acesso em: 25 ago. 2026.

SANTOS, Aline dos. Pedro Pedrossian: trajetória contada em ferrovia, grandes obras e estrelas. Campo Grande News, Campo Grande, 22 ago. 2017. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/politica/pedro-pedrossian-trajetoria-contada-em-ferrovia-grandes-obras-e-estrelas. Acesso em: 25 ago. 2026.

SANTOS, Frederico Kochhann dos; CUNHA, Marcos André da Silva; MORO, Nataniél Dal. Parque Florestal Antônio de Albuquerque: área verde e qualidade de vida urbana na cidade de Campo Grande/MS. Contextualizaciones Latinoamericanas, Guadalajara, v. 1, n. 18, p. 1-17, jan./jun. 2018. DOI: 10.32870/cl.v0i18.7247.

SCHINDLER, Duda. Morre Cândido Alberto da Fonseca, nome importante da cultura de MS. RCN67, Campo Grande, 23 abr. 2025. Disponível em: https://www.rcn67.com.br/campo-

grande/massafm/morre-candido-alberto-da-fonseca-nome-importante-da-cultura-de-ms/. Acesso em: 14 maio 2026.

SILUS, Alan. Biografia de Maria da Glória Sá Rosa. Acervo Maria da Glória Sá Rosa, [s. d.]. Disponível em: https://www.acervomariadagloria.com.br/biografia-de-maria-da-gloria-sa-ros. Acesso em: 25 ago. 2026.

SILVA, Brayner. O Rei do Chamamé. Folha CG, Campo Grande, 13 jul. 2023. Disponível em: https://folhacg.com.br/bau-da-folha/o-rei-do-chamame/. Acesso em: 14 maio 2026.

SILVA, Lúdio da. Missão Salesiana: muito antes da polêmica "do Sul". Campo Grande News, Campo Grande, 17 jun. 2014. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/artigos/missao-salesiana-muito-antes-da-polemica-do-sul. Acesso em: 25 ago. 2026.

SOUZA, Angélica Novais. Salesianos completam 131 anos de missão educativa e evangelizadora na Inspetoria de Campo Grande (BCG). Rede Salesiana Brasil, 19 jun. 2025. Disponível em: https://rsb.org.br/rede/noticias/salesianos-completam-131-anos-de-missao-educativa-e-evangelizadora-na-inspetoria-de-campo-grande-bcg. Acesso em: 25 ago. 2026.

TEODORO, Kimberly. De pedreira a buracão, os dias de glória e coleção de tragédias no São Francisco. Campo Grande News, Campo Grande, 31 jan. 2019. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/de-pedreira-a-buracao-os-dias-de-gloria-e-colecao-de-tragedias-no-sao-francisco. Acesso em: 25 ago. 2026.

TOGNETTI, Elio. Uma legenda... ao Rei do Chamamé. Correio do Estado, Campo Grande, 17 out. 2024. Disponível em: https://correiodoestado.com.br/cidades/artigos-e-opiniao/uma-legenda-ao-rei-do-chamame/437818/. Acesso em: 14 maio 2026.

TORRES, Thailla. Cenário de fatos históricos de MS, casa icônica na Afonso Pena é demolida. Campo Grande News, Campo Grande, 28 fev. 2024. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/lado-b/arquitetura-23-08-2011-08/cenario-de-fatos-historicos-de-ms-casa-iconica-na-afonso-pena-e-demolida. Acesso em: 25 ago. 2026.

TORRES, Thailla. Muita gente já passou a madrugada dentro da imaginação de Scalise. Campo Grande News, Campo Grande, 7 ago. 2026. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/lado-b/arquitetura-23-08-2011-08/muita-gente-ja-passou-a-madrugada-dentro-da-imaginacao-de-scalise. Acesso em: 24 ago. 2026.

UENO, Antonio (Tony). Heróis: a história de Sebastião e Manoel da Costa Lima. Blog do Manoel Afonso, Campo Grande, 21 fev. 2026. Disponível em: https://manoelafonso.com.br/politica/herois-a-historia-de-sebastiao-e-manoel-da-costa-lima/. Acesso em: 24 ago. 2026.

VICTÓRIA, Eduarda. Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora celebra 152 anos de fundação. Missão Salesiana de Mato Grosso, Campo Grande, 5 ago. 2024. Disponível em: https://missaosalesiana.org.br/instituto-das-filhas-de-maria-auxiliadora-celebra-152-anos-de-fundacao/. Acesso em: 25 ago. 2026.

**FONTES DOCUMENTAIS E LEGISLAÇÃO**

CAMPO GRANDE (MS). Câmara Municipal. Projeto de Lei n. 1.254/1966. Alteração do nome do Corredor do Imbirussu para Rua Vereador Dr. Euler de Azevedo. Campo Grande, 1966.

CAMPO GRANDE (MS). Decreto n. 572, de 2 de fevereiro de 1955. Nomeação de Euler de Azevedo para o cargo de Médico-Chefe do Serviço de Assistência Médica Rural (Dispensário Escolar). Campo Grande, 1955.

CAMPO GRANDE (MS). Decreto n. 1.095, de 23 de março de 1960. Efetivação de Euler de Azevedo no cargo de Médico Classe B da Prefeitura Municipal. Campo Grande, 1960.

CAMPO GRANDE (MS). Decreto n. 1.887, de 19 de abril de 1965. Reconhecimento do exercício do cargo de Médico-Chefe da Prefeitura Municipal. Campo Grande, 1965.

CAMPO GRANDE (MS). Decreto n. 1.932-A, de 4 de outubro de 1965. Determina luto oficial de três dias pelo falecimento do Dr. Euler de Azevedo. Campo Grande, 1965.

CAMPO GRANDE (MS). Lei n. 965, de 8 de junho de 1966. Sanciona a denominação Rua Vereador Dr. Euler de Azevedo. Campo Grande, 1966.

CAMPO GRANDE (MS). Lei n. 2.061, de 9 de julho de 1982. Referente ao alargamento da Rua Dr. Euler de Azevedo. Campo Grande, 1982.

CAMPO GRANDE (MS). Decreto n. 6.797, de 24 de agosto de 1993. Referente ao alargamento da Avenida Euler de Azevedo. Campo Grande, 1993.

CAMPO GRANDE (MS). Decreto n. 9.136, de 20 de janeiro de 2005. Referente ao prolongamento da Avenida Euler de Azevedo. Campo Grande, 2005.

MATO GROSSO. Decreto n. 47, de 10 de outubro de 1936. Que regula o funccionamento dos cemiterios. Campo Grande: Graphica Ruy Barbosa, 1936.